

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

**MOTIVAÇÕES PRAGMÁTICAS PARA O SURGIMENTO DE ESTRUTURAS DE
DUPLA NEGAÇÃO: UMA ANÁLISE A PARTIR DE DADOS DA REGIÃO SUL DO
BRASIL**

LUANA SANTOS DE LIMA

PORTO ALEGRE

2013

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
ÁREA: ESTUDOS DA LINGUAGEM
ESPECIALIDADE: TEORIA E ANÁLISE LINGUÍSTICA – GRAMÁTICA, SEMÂNTICA
E LÉXICO

**MOTIVAÇÕES PRAGMÁTICAS PARA O SURGIMENTO DE ESTRUTURAS DE
DUPLA NEGAÇÃO: UMA ANÁLISE A PARTIR DE DADOS DA REGIÃO SUL DO
BRASIL**

LUANA SANTOS DE LIMA

Orientador: Prof. Dr. Marcos Goldnadel

Dissertação de mestrado em Gramática, Semântica e Léxico apresentada como requisito parcial para obtenção do título de mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da universidade federal do Rio Grande do Sul.

PORTO ALEGRE

2013

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
ÁREA: ESTUDOS DA LINGUAGEM
ESPECIALIDADE: TEORIA E ANÁLISE LINGÜÍSTICA – GRAMÁTICA, SEMANTICA
E LÉXICO

**MOTIVAÇÕES PRAGMÁTICAS PARA O SURGIMENTO DE ESTRUTURAS DE
DUPLA NEGAÇÃO: UMA ANÁLISE A PARTIR DE DADOS DA REGIÃO SUL DO
BRASIL**

LUANA SANTOS DE LIMA

Orientador: Prof. Dr. Marcos Goldnadel

Banca examinadora:

Prof. Dr. Scott A. Schwenter
Department of Spanish and Portuguese – Ohio State University

Prof. Dr. Sergio de Moura Menuzzi
Instituto de Letras – UFRGS

Prof. Dr. Valéria Neto de Oliveira Monaretto
Instituto de Letras – UFRGS

PORTO ALEGRE

2013

Para minha mãe, Iara, para meu namorado, José Augusto, e minha família.

AGRADECIMENTOS

Foi há algum tempo atrás...

Mas lembro bem quando desta jornada iniciei os primeiros passos.

Sabia que o futuro não seria uma mera consequência

e sim o resultado de ter firmado compromissos

e assumido atitudes na direção de um ideal.

Ninguém me disse o exato caminho,

porém havia sempre alguém para me dar incentivo,

ajudando a estabelecer metas,

dizendo que ao encontrar empecilhos e obstáculos

estes não seriam maiores do que minha capacidade

de discernir e ultrapassá-los e na hora da dor,

deixar fluir o balsamo do sorriso.

Nas noites de insônia, ao estender a mão

me alcançar um livro,

no caso de não compreender o que estava escrito

fechasse os olhos por um momento e

abrisse uma janela no meu coração,

deixando entrar a luz do entendimento e

assim enxergasse de modo claro

projetando na mente o conhecimento

para dessa forma colocar em prática.

Hoje ao descerrares as cortinas

para mais este ato no palco da vida,

dedico esta homenagem,

tornando-a pública

e aqui registro minha gratidão e

apreço a todos aqueles que direta ou indiretamente

cooperaram na realização desta conquista.

POR LUCE

Agradecer a todos que ajudaram a construir esta dissertação não é tarefa fácil por dois motivos. Primeiro, pois é difícil selecionar quem não será mencionado, por motivo de espaço ou tempo. Por isso, não ter o nome mencionado aqui, não quer dizer que não mereça meu agradecimento. Segundo, pois é difícil expressar toda a gratidão pela participação de todos que contribuíram para este trabalho.

Para fazer um agradecimento com qualidade, precisaria empregar o mesmo esforço e trabalho empregado na escritura deste trabalho. Assim, pela dificuldade da tarefa, me farei breve e simples.

Gostaria de agradecer a minha mãe, pelo apoio de uma vida inteira. Gostaria também de agradecer meu pai. Agradeço, ainda, aos meus familiares, amigos e meu namorado e companheiro José Augusto. Todos me ajudaram de várias formas, com palavras de incentivo, com paciência para lidar comigo, nos momentos de estresse, com gestos de carinho e ternura.

Gostaria de agradecer pelo auxílio no meu desenvolvimento acadêmico ao meu orientador Marcos Goldnadel, com muitas discussões e questionamentos. Agradeço também aos professores que aceitaram participar da minha banca avaliadora: Sergio Menuzzi, Scott Schwenter e Valéria Monaretto. - professores que contribuíram muito para a qualificação futura do meu trabalho.

Por último, gostaria de agradecer a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e ao Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni), pela bolsa concedida durante os dois anos de estudo.

RESUMO

A língua portuguesa falada no Brasil (PFB) apresenta uma variação na expressão da negação sentencial. Existem três estratégias: negação pré-verbal (*Não quero bolo*), dupla negação (*Não quero bolo não*) e negação pós-verbal (*Quero bolo não*). Fenômeno encontrado em várias línguas, a variação das estruturas de negação, em alguns casos, depois de um longo período, resulta em uma mudança nos padrões sentenciais, como ocorreu no francês e no inglês. Essa mudança dos padrões sentenciais de negação é chamada de Ciclo de Jespersen. Atualmente, além do português, outras línguas apresentam estruturas de negação sentencial alternativas que, embora apresentem na superfície mais de um operador negativo, são interpretadas como enunciados em que ocorre apenas uma operação de negação. Uma das questões focalizadas pelos estudos sobre a variação nas estruturas de negação sentencial nas línguas particulares, independentemente de se considerar que estejam passando pelo ciclo de Jespersen, é a que diz respeito à motivação para o surgimento de estratégias alternativas de negação. Na literatura, duas são as formas típicas de explicar o surgimento de negações não canônicas nas línguas. Certos autores tendem a interpretar o surgimento de novas estruturas negativas como uma forma de compensar o enfraquecimento fonético do operador de negação original. Outros consideram que as novas estruturas são determinadas por aspectos conversacionais. A verificação de hipóteses acerca da motivação para o surgimento de novas estruturas de negação beneficia-se da existência de registros de comunidades de fala que, por apresentarem um número reduzido de ocorrências de negações não canônicas, encontram-se em um estágio inicial de variação. Este trabalho procura contribuir para a investigação da motivação para o surgimento de estruturas não canônicas de negação a partir da análise de dados encontrados em entrevistas sociolinguísticas realizadas no início da década de 90, no âmbito do Projeto VARSUL, com falantes das três capitais da Região Sul do Brasil. Partindo da consideração de hipóteses pragmáticas já apresentadas na literatura especializada, formula uma hipótese que procura explicar, com base nas análises realizadas, a função pragmática de enunciados com dupla negação no estágio inicial de uso.

Palavras-chave: Português Brasileiro, Negação Sentencial, Pragmática, Tópico Discursivo, Ciclo de Jespersen, Dupla Negação.

ABSTRACT

In Brazilian Portuguese, there exist three different strategies of sentential negation, pre-verbal negation (Não quero bolo), double negation (Não quero bolo não) and post-verbal negation (Quero bolo não). In some languages these kind of variation in ways to express sentential negation leads to a change of the canonical strategies of negation, this change is known as Jespersen Cycle. Currently, besides Brazilian Portuguese, there are other languages that have alternative sentential negatives. One of the issues target for linguistic studies about variation in sentential negation is the motivation to the emergence of a new way to express sentential negation. Linguists have explained this motivation in two ways. Some authors have interpreted the appearance of new structures as a way to offset the phonetic weakening of the original negation. Others have considered that the new structures are determined by conversational aspects. The investigation of what motivates the origin of a new negative operator benefits from the existence of records of speech communities which are at an early stage of change. Data from VARSUL Project was found to be attested as representing dialects in the early stage of process of variation, due to a reduced number of occurrences of non-canonical negations found. The sociolinguistic interviews were made in mid-90s with interviewees from the three capitals cities of South Region of Brazil (Curitiba, Florianópolis and Porto Alegre). Using this data, the aim of this dissertation is to contribute to the investigation of the motivation for the emergence of non-canonical structures of sentential negation from the analysis of that data. In this dissertation is formulated a hypothesis that seeks to explain the pragmatic function of double negation in the beginning of process of variation, based on analyzes of that data. In order to develop the hypothesis of this work, it was taken in consideration pragmatics assumptions already presented in specialized linguistic literature.

Key-words: Brazilian Portuguese, Sentential Negation, Pragmatics, Topic of discourse, Jespersen Cycle, Double Negation.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 O CICLO DE JESPERSEN	13
1.1 Conceitos Fundamentais	15
1.2 Algumas explicações para CJ	26
1.3 Considerações finais do capítulo	48
2 A NEGAÇÃO SENTENCIAL EM PORTUGUÊS BRASILEIRO	50
2.1 Contribuições descritivas do fenômeno de dupla negação no PFB a partir de levantamento de dados	51
2.2 Contribuições de estudos do fenômeno de dupla negação no PFB a partir de uma abordagem pragmática	64
2.3 Considerações finais do capítulo	83
3 CARACTERIZAÇÃO PRAGMÁTICA DA DUPLA NEGAÇÃO	84
3.1 Problematização da hipótese de Schwenter	85
3.2 Reformulação da hipótese de Schwenter	91
3.2.1 Conceitos preliminares	91
3.2.2 Apresentação de uma nova hipótese	94
3.3 Considerações finais do capítulo	104
CONSIDERAÇÕES FINAIS	105
REFERÊNCIAS	108

INTRODUÇÃO

A língua portuguesa falada no Brasil (PFB) apresenta uma variação de posição do operador de negação sentencial, como pode ser observado em (1).

- (1) a. Eu **não** como carne. (Neg1)
 b. Eu **não** como carne **não**. (Neg2)
 c. Eu como carne **não**. (Neg3)

Várias línguas, como espanhol, francês, catalão, assim como português, apresentam alguma variação na manifestação da negação sentencial. Em algumas outras línguas, como o inglês e o alemão, variações similares resultaram, depois de um longo período, em alterações substanciais nos padrões sintáticos de negação sentencial. Um dos primeiros a perceber esse padrão de mudança foi o linguista Otto Jespersen, razão pela qual o ciclo que envolve a mudança de posição do operador de negação na sentença foi denominado Ciclo de Jespersen¹.

No caso do português brasileiro talvez seja prematuro supor que a variação encontrada vá resultar, em algum momento, em uma mudança no padrão da negação sentencial. Há, no entanto, no panorama da discussão que envolve o ciclo de Jespersen, um debate acerca das razões para o surgimento de estratégias alternativas de negação sentencial capazes de ameaçar a estabilidade da estratégia canônica. Essas formas alternativas, diferentemente de muitas das manifestações de negação com valores muito específicos e com incidência limitada, atingem um índice de ocorrência bastante expressivo, podendo suplantar a forma conservadora.

Jespersen (2010) acreditava que o surgimento de formas alternativas de negação sentencial era uma forma de compensar a erosão fonética sofrida pelo operador de negação. Assim, por ser um elemento muito importante em termos informacionais, outro elemento surgiria como reforço, formando uma estrutura com mais massa sonora, em que a debilidade do operador original foneticamente enfraquecido seria compensada pelo acréscimo de um novo elemento negativo em outra posição estrutural da sentença. Para ele, o processo de mudança teria continuidade com o apagamento definitivo do operador original e a permanência da nova forma. Normalmente, esse processo resulta, a longo prazo, em uma

¹ Essa denominação é proposta em Dahl (1979).

mudança sintática, a mudança da posição do operador de negação sentencial. Para Jespersen, portanto, a motivação para o ciclo é de natureza fonética. Esse tipo de explicação para o surgimento da variação da negação sentencial, embora minoritário nos dias de hoje, é encontrado, de alguma forma, em alguns estudos. Segundo essa perspectiva, é a erosão fonética que motiva o aparecimento de um novo operador como responsável pela marcação da função gramatical de negação.

Outros estudos sobre variação e mudança envolvendo a negação sentencial adotam um ponto de vista inverso em relação ao tipo de perspectiva advogada por Jespersen. Para esses autores, a motivação para o surgimento de estratégias alternativas de negação é de natureza pragmática. Schwegler (1991), Hoeksema (2009), Awera (2009), entre outros, argumentam que o novo elemento negativo surge primeiramente como recurso de ênfase. Roncarati (1996), por sua vez, aponta que as negações não canônicas caracterizam-se por apresentar uma função de atenuação (para preservação da face ou para negar de forma “despachada”). Para Furtado da Cunha (2001, 2007), a negação alternativa surge pra marcar pausa temática. Para muitos desses autores, em relação ao ciclo de Jespersen, as funções postuladas para os estágios iniciais de variação vão sendo enfraquecidas, até que as formas não canônicas perdem qualquer distinção pragmática em relação às canônicas, podendo, com o tempo, candidatar-se ao posto de negação não marcada. Já Schwenter (2005, 2006) acredita que as negações não canônicas surgem com a função pragmática de apontar conteúdo discursivamente ativado. Essa hipótese recebe reforço em estudos realizados com base em dados da Região Sul do Brasil (dados do Projeto Variação linguística na região Sul do Brasil - VARSUL²) por Goldnadel&Lima (2011a, 2011b) e Goldnadel et all (2013).

Para avaliar a validade de qualquer hipótese do surgimento de formas alternativas de negação sentencial, o contato com um corpus que represente uma língua no estágio inicial de variação é valioso. No panorama brasileiro do debate sobre a variação da negação sentencial, uma quantidade significativa de comunidades de fala foi estudada. A maioria dessas comunidades apresenta, no momento do registro, quantidade expressiva de sentenças negativas não canônicas, não estando, portanto no estágio inicial de variação. Os estudos sobre a Região Sul (Goldnadel & Lima (2011a, 2011b) e Goldnadel et al (2013)), que

² O Projeto VARSUL constitui-se de: Banco de Dados VARSUL, Amostra Digital VARSUL e Banco de Dados. Estes dados foram coletados com o objetivo de descrever o português falado e escrito de áreas representativas do Sul do Brasil. Para isso formou-se uma parceria entre quatro universidades brasileiras: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Universidade Federal de Santa Catarina e Universidade Federal do Paraná. Para maiores informações: www.varsul.org.br

partiram de levantamento feito com entrevistas do projeto VARSUL, no entanto, revelaram que essa região, no início da década de 90, apresentava índices bastante incipientes de uso de negação não canônica. Os dados dessa região, portanto, configuram-se como um material ideal para investigar as possíveis motivações para uso de formas inovadoras de negação sentencial.

Este trabalho tem o objetivo de colaborar com o debate sobre as razões do surgimento de estratégias de negação alternativas, a partir da análise dos dados do Projeto VARSUL. Para tanto, está organizado da seguinte forma: no primeiro capítulo, apresenta a visão de alguns autores sobre o Ciclo de Jespersen; no segundo, traça um breve panorama dos estudos sobre a variação da negação sentencial em PFB; no terceiro, propõe, a partir da análise de dados do Projeto VARSUL, uma hipótese para explicar o surgimento de estratégias alternativas de negação sentencial.

1 O CICLO DE JESPERSEN

Como já foi mencionado anteriormente, este trabalho trata do fenômeno que consiste na utilização de formas não canônicas de negação sentencial no PFB, mais especificamente da dupla negação. A dupla negação configura-se como um estágio presente nas línguas que passaram pelo processo de mudança cíclica da negação sentencial, denominado Ciclo de Jespersen. Entre as preocupações que ocupam os estudiosos sobre o Ciclo de Jespersen, portanto, está a de determinar, com mais clareza, as razões para o surgimento de formas alternativas que apresentem uma certa regularidade. Sendo assim, neste capítulo, algumas abordagens do Ciclo de Jespersen são apresentadas. O objetivo é buscar contribuições de alguns teóricos que têm se dedicado ao estudo do fenômeno e permitir o cotejo de dados de línguas distintas com a finalidade de identificar o que há de regular em sua manifestação.

Entre os estudos de fenômenos linguísticos que acontecem de forma cíclica³, o Ciclo de Jespersen⁴, poderia, de forma simplificada, ser descrito como se segue⁵.

- (1) I – Negação solitária 1: ON₁ VP
- II – Negação dupla opcional 1: ON₁ VP (ON₂)
- III – Negação dupla obrigatória: ON₁ VP ON₂
- IV – Negação dupla opcional 2: (ON₁) VP ON₂
- V – Negação solitária 2: VP ON₂

No primeiro estágio, há uma negação simples, comumente pré-verbal. No segundo estágio, um elemento (um item de polaridade negativa, um advérbio de negação) é adicionado de forma opcional, formando uma dupla negação. Nesse estágio, a língua aceitaria tanto a negação simples quanto a dupla negação. Com o tempo, a dupla negação passaria a ser aceita em um número cada vez maior de contextos, aumentando seu número de realizações. No terceiro estágio, a dupla negação, pelo aumento de seu uso, cristaliza-se, tornando-se obrigatória. Em um estágio seguinte, a negação original, pré-verbal, começaria a ser sentida

³ Dentre esses trabalhos estão estudos sobre os ciclos da negação, da concordância sujeito (e objeto), da cópula, da definitividade, dos auxiliares de futuro e aspecto, de tempo/lugar.

⁴ Apesar de dar nome ao ciclo, Jespersen, não foi o primeiro estudioso a identificar esse tipo de processo, o Egiptólogo Jon Gardiner(1904) e Meillet(1912) já haviam falado deste tipo de fenômeno. Ainda não foi esclarecido quem foi o primeiro estudioso a introduzir a questão da ciclicidade da negação nas línguas (cf. van der Auwera (2009)).

⁵ Considere-se ON como operador de negação e VP como sintagma verbal.

como opcional, o que abriria caminho para usos de sentenças negativas sem a negação original. Assim, em um quarto estágio, haveria duas formas de negação sentencial: dupla negação e negação pós-verbal. Nesse estágio, a negação pré-verbal é, portanto, opcional. Subsequentemente, a negação pré-verbal começaria a ter seu uso reduzido drasticamente, perdendo, por fim, seu valor negativo. No último estágio, permaneceria, assim, apenas a negação inovadora, na posição pós-verbal, como o operador de negação da língua.

Atualmente, algumas línguas apresentam algumas características que podem fazer suspeitar que estejam passando pelo ciclo de Jespersen. Entre elas pode-se mencionar o caso do francês (Jespersen (1917), Larrivee (2010)), do africâner (Biberauer(2009)) e do russo (Tsurska (2009)). Outras, como o inglês (Jespersen (2010), Wallage (2008)), já passaram por essa variação, e acabaram por experimentar uma mudança de seus padrões oracionais, em função da nova posição do marcador negativo. Outras ainda apresentam estratégias de negação como as descritas no CJ, podendo ser citadas as línguas italiana (Schwenter (2007), Zeijlstra (2008)), catalã (Schwenter (2007), Zeijlstra (2004)), Belgian Brabantian (Neukermans (2008), Pauwels (1958)), West Flemish (Haegeman (2002)), Lewo (Early (1994)) e portuguesa falada no Brasil (Schwegler (1991), Schwenter (2006 e 2007), Soares (2009), Sousa (2007), Souza, (2009), Furtado da Cunha (2001, 2007), Calvacante (2007), Camargos (2000), Goldnadel&Lima (2011a, 2011b), Goldnadel et al all (2013), Lima (2010)), para citar algumas delas.

A língua francesa é conhecida por apresentar fenômeno de variação da negação sentencial. No seu caso, uma descrição do processo bastante aceita é exposta em (2)⁶.

- (2) I – Negação solitária 1: Je ne marche.
 II – Negação dupla opcional 1: Je ne marche (pas).
 III – Negação dupla obrigatória: Je ne marche pas.
 IV- Negação dupla opcional 2: Je (ne) marche pas.

Em (2I), observa-se o estágio I, aquele no qual há somente um operador de negação solitário na posição pré-verbal. Em (2II), observa-se o estágio II, em que é possível ver que um outro elemento, no caso um item de polaridade negativa, foi adicionado a estrutura de negação

⁶ Van der Auwera (2009) aponta que há, pelo menos, quatro maneiras de dividir os estágios do Ciclo de Jespersen na literatura. Uma dela é em três estágios, duas em quatro estágios e uma em cinco estágios. Estas serão descritas na seção 1.2.

sentencial, ocupando a posição pós-verbal. Primeiramente, o item de polaridade negativa foi utilizado conjuntamente com a negação pré-verbal com a função de caracterizar o enunciado como enfático, somente em contextos muito específicos; no caso do francês, o item de polaridade negativa era utilizado somente com verbos de movimento, visto que *pas* significa passo. Assim, *Je ne marche pas*, em uma tradução livre, significou, em determinado momento, *não ando um passo*. Contudo, com o tempo, a restrição quanto a verbos de movimento ficou cada vez mais branda, até que *pas* tornou-se obrigatório. Junto com essa mudança, houve a alteração de *pas*, que passou a ser entendido como negação. Nesse momento, em (2III), duas possibilidades de negação eram possíveis, a canônica, com o *ne* pré-verbal, e a dupla, com *ne...pas*. Contudo, a sentença com apenas a negação pré-verbal começou gradualmente a ser entendida como arcaica, ou não natural, pelos falantes. Em (2IV) a negação pré-verbal passou a ser opcional e a negação pós-verbal obrigatória. Duas estratégias ainda são aceitas, a formada pelos operadores de negação pré e pós-verbal juntos e a formada apenas com o pós-verbal. No atual estágio da língua, o número de realizações na fala da estratégia de negação que utiliza os dois operadores está diminuindo significativamente. Por esse motivo, estudiosos consideram que o francês estaria em processo de mudança. Ele se encaminharia para a utilização apenas de uma estratégia de negação, a pós-verbal.

Embora haja consenso, na literatura especializada, sobre a existência do Ciclo de Jespersen, já atestado em várias línguas, observa-se um acordo menor no que diz respeito à explicação sobre o que motivaria o surgimento de estratégias alternativas de negação. Este capítulo pretende apresentar algumas abordagens teóricas que pretendem identificar a causa do desenvolvimento de estratégias alternativas de negação, que, no decurso do tempo, vieram a constituir-se, em algumas línguas, como formas institucionalizadas de negação sentencial. Para tanto está dividido em duas seções. Na seção 1.1, são apresentados conceitos elementares para a compreensão do Ciclo. Na seção 1.2, algumas hipóteses encontradas na literatura para explicar o que desencadearia o Ciclo são abordadas.

1.1 Conceitos Fundamentais

O ciclo de Jespersen, como mencionado na seção anterior, envolve a mudança da negação sentencial. Nessa discussão, estão envolvidos uma série de conceitos, os quais serão abordados nesta seção.

Observa-se, pela descrição do CJ da seção anterior, que a negação sentencial é o cerne do ciclo. Por isso, começaremos por ela a apresentação dos conceitos fundamentais para o entendimento do fenômeno. A negação sentencial é caracterizada por apresentar operador negativo cujo escopo recai sobre a proposição expressa pela oração. Considere as seguintes sentenças.

- (3) a. José não gosta de alho.
b. Iara não está em casa.

Perceba que, nas sentenças em (3), o operador negativo toma como escopo um conteúdo proposicional. Nesses casos, nega os conteúdos proposicionais expressos pelas sentenças em (4).

- (4) a. José gosta de alho.
b. Iara está em casa.

Além disso, ela se caracteriza por ser expressa pelo uso daquele elemento que as gramáticas costumam considerar como o adjunto adverbial de negação por excelência, no caso do português o *não*, que opera em nível sentencial. Na classificação tomada neste trabalho, todas as outras operações de negação, mesmo aquelas que operam sobre conteúdos proposicionais, como os quantificadores negativos, são instâncias de negação não sentencial. Sendo assim, não se caracterizam como negação sentencial os quantificadores negativos e palavras com prefixo de valor negativo.

Outro conceito importante para acompanhar os desenvolvimentos teóricos sobre o CJ é o de quantificador negativo. O quantificador negativo caracteriza-se por realizar uma operação de quantificação sobre indivíduos ou proposições. Assim, os quantificadores negativos negam quantificando. São exemplo de quantificadores negativos os advérbios *nunca* e *jamais* e os pronomes *ninguém*, *nada* e *nenhum*. Os exemplos em (6) ilustram o seu uso.

- (5) a. **Nunca** pedia desculpas.
b. **Jamais** admitia ter cometido um erro.
c. **Ninguém** comeu o bolo.

- d. **Nenhum** deles respeitou as normas.
- e. Ele **nada** acrescentou à discussão.

Os dois conceitos apresentados acima, negação sentencial e quantificadores negativos, integram a análise de um fenômeno que deve ser considerado no estudo dos processos de variação envolvendo estruturas de negação: concordância negativa. A concordância negativa ocorre quando determinado elemento de uma sentença assume uma forma negativa por uma espécie de contaminação por outro elemento negativo responsável pela operação semântica de negação. Nesses casos, apesar da existência de mais de um elemento de valor negativo, realiza-se apenas uma operação semântica de negação.

A concordância negativa (CN) pode ocorrer com dois tipos de elementos negativos: operadores de negação sentencial e quantificadores negativos. São três os tipos de combinação, apresentadas a seguir, a partir de exemplos de línguas particulares que se caracterizam por apresentar o fenômeno de CN.

Um caso de concordância negativa é aquele em que uma sentença apresenta um advérbio de negação sentencial e um quantificador negativo. Conforme exemplos a seguir.

- (6) a. Augusto **não** viu **ninguém** conhecido no Campus doVale.
- b. **Non** ho comprato **niente**. (italiano)
 - Não aux-pret comprado nada
 - Não havia comprado nada
- c. You **don't** mean **nothing** at all to me. (inglês)⁷
 - Você aux- neg significa nada prep tudo para mim
 - Você não significa nada para mim
- d. Hulle het **nooit** 'n motor gehad **nie**. (africâner)
 - Eles aux-pret nunca um carro tido não.
 - Eles nunca tiveram um carro.

Todos esses são casos em que há dois elementos negativos na sentença, mas apenas uma operação semântica de negação é realizada. Em (6a), a concordância se estabelece entre *não* e

⁷ Sentença presente na letra da música *Say it right*, de Nelly Furtado. O inglês padrão não aceita concordância negativa, cabe salientar, no entanto, que há variedades linguísticas do inglês não padrão americano que aceitam. Labov (1972), Wolfram & Christian (1976), Feagin (1979), Foreman (1999), Smith (2001), Green (2002) e White-Sustaita (2010) são alguns autores que tratam sobre assunto.

o quantificador negativo *ninguém*. Em (6b), há concordância entre o advérbio de negação *non* e o quantificador negativo *niente*. Em (6c), estabelece-se concordância entre *n't* e *nothing*. E em (6d), a concordância negativa estabelece-se entre o quantificador negativo *nooit* e o operador de negação *nie*.

Outro caso de combinação possível na concordância negativa é a de dois quantificadores negativos, como é demonstrado abaixo.

- (7) a. **Nunca** comprava **nada**.
 b. **Nadie** miraba **nadie**. (espanhol)
 Ninguém olhava ninguém.
 Ninguém olhava nada.

Em (7), os dois quantificadores negativos presentes em cada sentença estão em concordância negativa. Em (7a), os quantificadores negativos que estão em concordância são o *nunca* e *nada*. Em (7b), há concordância entre as duas realizações de *nadie*.

Por último, dois operadores de negação sentencial podem apresentar concordância negativa. Conforme Biberauer (2009), a sentença em (8) é um exemplo de concordância negativa.

- (8) Hy wil **nie** luister **nie**. (africâner)
 Ele aux. fut. não escutar não
 Ele não escutará.

Em (8), é representada a forma corrente de negar sentenças em uma das variantes do africâner. Essa forma é constituída pela utilização de dois *nies*. Biberauer (2009) afirma que a língua africâner apresenta concordância negativa obrigatória. Segundo a autora, a língua exige mais do que um elemento negativo, como o operador de negação sentencial ou algum quantificador negativo. Ela exige também, de forma obrigatória, um elemento de concordância negativa no final da sentença, o *nie*.

A concordância negativa não é um fenômeno homogêneo nas línguas, ou seja, nem todas as línguas que apresentam esse fenômeno vão aceitar a combinação de elementos negativos da mesma forma. Enquanto em russo é aceitável que, depois do quantificador

negativo, possa haver o operador de negação sentencial, em português uma sentença com esta estrutura não é aceita.

(9) Nichego ne rabotaet. (Russo)

Nada não funciona

Nada funciona.

Línguas, como o russo, que aceitam o tipo de construção apresentada em (9) são chamadas de línguas com concordância negativa estrita (*strict negative concord*)⁸. Já línguas como o português são chamadas de línguas com concordância negativa não estrita (*non-strict negative concord*) (cf. Giannakidou 1997,2000).

O fenômeno da concordância negativa, além de não ser homogêneo nas línguas que o apresentam, também não é um fenômeno presente em todas as línguas naturais. Em algumas línguas, uma sentença com mais de dois elementos negativos (quantificadores ou operadores de negação) instancia duas (ou mais) operações concomitantes de negação. É isso que ocorre, por exemplo, na variante padrão da língua inglesa e na língua holandesa, como é apresentado a seguir.

(10) a. Nobody saw nothing.

Ninguém ver (past) nada

Ninguém viu nada = Todos viram algo.

b. I din't see nobody yesterday.

Eu aux-não ver ninguém ontem.

Eu não vi ninguém ontem = Eu vi alguém ontem.

c. Jan heeft niet niemand gebeld (holandês)

Jan aux-pret não ninguém chamado

Jan não chamou ninguém = Jan chamou alguém.

Observa-se, em (10), que os significados nos dialetos que não apresentam concordância negativa diferem daqueles encontrados em sentenças estruturalmente similares dos dialetos que apresentam concordância negativa. Nos dialetos que não apresentam concordância negativa, o resultado semântico das duas operações de negação seriam sentenças com sentido

⁸ Línguas com concordância negativa estrita sempre vão apresentar a concordância negativa, as línguas com concordância negativa não estrita vão apresentar alguns contextos em que haverá concordância negativa.

afirmativo. Em (10a), o quantificador *nobody* e o quantificador *nothing* promovem cada um uma operação de negação. Em (10b), são o operador de negação *not* e o quantificador *nobody* que promovem as operações de negação. E em (10c), são a negação *niet* e o quantificador negativo *niemand* os responsáveis pelas operações de negação. Cabe ressaltar que alguns estudiosos (Biberauer (2009), Giannakidou (2002), Zeijlstra (2004)) denominam este fenômeno como dupla negação, mas, neste trabalho, esta denominação refere-se a outro fenômeno⁹.

Há elementos que, mesmo não sendo obrigatoriamente negativos, são comumente licenciados por contextos negativos. Esses elementos são os *itens de polaridade negativa*¹⁰. Admitidos principalmente em ambientes linguísticos negativos, ou seja, em sentenças que apresentem negação sentencial ou alguma expressão negativa (quantificadores negativos), eles teriam uma propriedade de serem sensíveis ao contexto negativo. Contudo, há outros contextos que permitem seu uso, como nas sentenças interrogativas, imperativas e condicionais; nas orações de valor comparativo e adversativo; e na presença de conjunções temporais e de verbos modais. Nesses contextos adicionais, os itens de polaridade negativa não têm obrigatoriamente um sentido negativo. Um exemplo clássico de item de polaridade negativa é *any*, da língua inglesa, conforme (11).

- (11) a. I **don't** like **any** kind of music.
 Eu não gosto de nenhum tipo de música.
- b. She **never** had **any** problem with him.
 Ela nunca teve nenhum problema com ele.
- c. **If** I had **any** idea, I would say it.
 Se eu tivesse alguma ideia, eu diria.
- d. Do you have **any** idea?
 Tu tens alguma ideia?

Em (11a) e (11b), parece ser o traço negativo dos elementos contextuais que licenciam o uso do item de polaridade *any*. Contudo em (11c) e (11d), pode-se observar que o licenciamento

⁹ Essa diferença será tratada adiante.

¹⁰ Não há um consenso na literatura especializada sobre esta denominação, pois esses itens podem ser licenciados por contextos que não são negativos. Há autores, contudo, que acreditam que o que caracteriza o grupo de contextos que desencadeiam o uso dos itens de polaridade negativa seja *downward entailment* (Ladusaw (1979), Fauconier (1975, 1979) (apud. Giannakidou (1997, 1999)), outros acreditam que seja *anti-veridicality* (Giannakidou (1997, 1999) e Zeijlstra (2004)).

de *any* não se dá somente na presença de elementos negativos. Em (11c), o condicional licencia o item de polaridade negativa. Em (11d), o contexto licenciador é uma interrogação. Interessante também é que o licenciamento de um item de polaridade negativa parece impedir o uso de um item de polaridade positiva, como o item *some* da língua inglesa. Ao trocarmos o item de polaridade negativa das sentenças em (11) pelo item de polaridade positiva *some*, obteremos sentenças consideradas agramaticais, conforme (12).

- (12) a. I **don't** like ***some** kind of music.
 Eu não gosto de algum tipo de música.
- b. Do you have ***some** idea?
 Tu tens alguma ideia?
- c. **If** I had ***some** idea, I would say it.
 Se eu tivesse alguma ideia, eu diria.
- d. She **never** had ***some** problem with him.
 Ela nunca teve algum problema com ele.

Há itens de polaridade negativa que, por terem sua distribuição restrita a contextos negativos, poderiam desenvolver característica de quantificadores negativos (c.f Hoeksema (2009)). Palavras *taboo* como *fuck* e *dick* na língua inglesa, já desenvolveram características de quantificador, tanto pelo sentido que assumem, quanto por não exigirem mais outro elemento negativo. Elas apresentam o caráter negativo necessário, ou seja, viraram negativas (exemplos adaptados de Hoeksema (2009)).

- (13) a. He told me fuck all about the car.
 Ele não me contou nada sobre o carro.
- b. They told me dick.
 Eles não me contaram nada.

Já que os itens de polaridade negativa podem funcionar como negação enfática, como as palavras *taboo*, apresentadas acima, eles poderiam ter papel importante no ciclo da negação, principalmente, segundo Hoeksema (2009), aqueles que têm sua distribuição restrita ao contexto negativo.

Interessa especialmente para os estudos ligados ao CJ os chamados minimizadores (em inglês, *minimizer*). Minimizadores são uma subclassificação dos itens de polaridade

negativa, que denotam pontos finais em uma escala. Esse grupo inclui superlativos e expressões que denotam unidades mínimas de medida, assim como várias expressões idiomáticas que denotam coisas consideradas muito pequenas ou negligenciáveis em alguma escala. Podem também denotar algo sem valor, ou seja, um ponto final numa escala de valor. Em (14), temos exemplos destes últimos.

- (14) a. Não dou *um figo podre* por este carro. (Não dou nada por este carro!)
 b. Tu não deves dar *um centavo* a mais àquele salafrário. (Tu não deves dar nada a mais àquele salafrário!)

Nas sentenças em (14), os minimizadores *um figo podre* e *um centavo* não contribuem composicionalmente para o significado da sentença, sendo utilizados para expressar a função pragmática de ênfase. Na sentença em (14a), o significado não é que o sujeito não dará o fruto de uma figueira em processo de decomposição avançada pelo carro. *Um figo podre* já se tornou uma expressão idiomática que é utilizada de forma enfática, significando *nada*. Em (14b), de forma semelhante, a expressão *um centavo*, não funciona com o significado composicional, mas sim como um quantificador negativo, como no significado apresentado entre parênteses.

Um exemplo clássico de item de polaridade que foi incorporado à negação sentencial é o *pas* na língua francesa. Esse item passou por modificações que permitiram sua incorporação como a própria expressão da negação no francês. Muitas línguas apresentam itens de polaridade negativa como elementos incorporados às novas estratégias de negação. Em catalão (Schwenter, 2007), o item de polaridade utilizado na dupla negação também é o *pas*; em italiano (Schwenter, 2007), o item de polaridade da dupla negação é um minimizador, *mica*, que significa migalha.

Um último conceito a ser esclarecido é a dupla negação (DN). A denominação dupla negação tem sido utilizada para tratar dois fenômenos distintos.

- (15) a. I don't know nothing. (Inglês)
 Eu aux-neg saber nada
 Eu sei algo.

b. Avui no fa pas fred. (catalão)¹¹

Hoje não está neg frio.

Hoje não está frio.

Em (15a), observa-se o que é considerado por uma parte dos teóricos (Biberauer, 2009, Hoeksema, 2009) como um fenômeno de dupla negação. A dupla negação, para esses autores, é o fenômeno que envolve dois elementos negativos, os quais promovem operações semânticas distintas. Essas duas operações acabam por se cancelarem tornando a sentença afirmativa. Assim, de acordo com essa perspectiva, a concordância negativa e a dupla negação seriam dois fenômenos com coocorrência incompatível, ou seja, no caso de dois elementos negativos estarem presentes na sentença, a língua poderia considerá-los como concordância negativa ou dupla negação. Por esta abordagem, o estágio em que há dois marcadores de negação no ciclo de Jespersen seria uma concordância negativa.

Em (15b), observa-se o que é considerado dupla negação para outra parte dos estudiosos, entre eles Schwenter (2006), Roncarati (2006), Camargos (2001), Goldnadel & Lima(2011a, b), Goldnadel et all (2013). Nessa perspectiva, a dupla negação é entendida como o fenômeno em que há dois elementos negativos na sentença, mas na qual apenas uma operação negativa é realizada; logo, não há cancelamento das negações. Essa conceituação se assemelha ao que muitos estudiosos chamam de CN. No entanto, há diferenças entre a CN e a dupla negação. A concordância negativa apresenta um caráter de obrigatoriedade na gramática da língua em que acontece, isto é, em línguas que apresentam concordância negativa a utilização de uma outra palavra negativa não é opcional. Em (16) apresentam-se exemplos de CN do francês e, em (17), do africâner.

(16) a. **Personne ne mange rien.** (francês)

Ninguém não comer nada

Ninguém come nada.

b. **Personne ne mange *quelque chose.** (francês)

Ninguém neg come qualquer coisa

Ninguém come algo.

¹¹ Exemplo adaptado de Schwenter (2007).

- (17) a. Die voorbereiding neem **nie** lank **nie**. (africâner)
 A preparação toma neg tempo neg
 A preparação não toma muito tempo.
- b. * Die voorbereiding neem nie lank. (africâner)
 A preparação tomar neg tempo.
 *A preparação não toma muito tempo.

Já nas línguas que apresentam o fenômeno de dupla negação, a utilização de um elemento negativo adicional não é obrigatório, cf. (18).

- (18) a. Não gosto de bolo (não).
 b. Gianni non ha (mica) la macchina¹². (italiano)
 Gianni não tem (neg) o carro
 Gianni não tem carro (não).

Nas línguas em que dupla negação propriamente, como o elemento adicional de negação é opcional, sua utilização costuma estar associada a um efeito de ordem pragmático. Muitas são as explicações para o fenômeno. Schwegler (2001), por exemplo, afirma que primeiramente a utilização de um segundo item de negação teria a função de ênfase. Schwenter (2005, 2007) argumenta que o novo item surge para marcar que a proposição negada está ativada no discurso, Rocarati (1996) acredita que a dupla negação é uma forma atenuadora de negar.

No que diz respeito às negações inovadoras, no Ciclo de Jespersen, entre as possíveis fontes das novas negações estão os itens de polaridade negativa, os quantificadores negativos e o próprio operador de negação. A seguir são apresentadas essas três formas nas quais podem se desenvolver as negações não canônicas, inovadoras.

Na língua italiana, um item de polaridade negativa foi a origem da dupla negação (cf. Schwenter 2007).

- (19) a. *Non* avete parlato.
 Não haviam falado.

¹² Exemplo adaptado de Schwenter (2006).

b. *Non avete mica parlato.*

Não haviam neg falado.

Não haviam falado.

A diferença entre a negação canônica e a dupla estaria no fato de (19b) ser mais enfática do que (19a).

Já na língua inglesa, foi um quantificador negativo que deu origem ao ciclo, que já se concluiu. O quantificador que deu origem foi *nawiht*, *nowiht*, que significava *nada*, que se transformou em *not*.

(20) a. *Ic ne secge.*

b. *I ne seye not.*

c. *I say not.*

d. *I do not say.*

Como em outras línguas, o inglês teve o ponto de partida do advérbio de negação na posição pré-verbal, em (20a). Em (20b) a dupla negação foi formada com a adição de *not* na posição pós-verbal. Em (20c), vê-se outra estratégia de negação, pós-verbal, na qual permanece só o item inovador e a negação original se perde. Em (20d), *not* muda de posição em relação ao verbo principal, passando a posicionar-se depois do verbo auxiliar *do*.

O operador de negação sentencial também pode ser usado para formar estratégias novas de negação. Podem ser citadas duas línguas que tiveram na duplicação do marcador original de negação a origem para a negação inovadora; são elas o português falado no Brasil e o africâner.

(21) a. José **não** gosta de alho.

b. José **não** gosta de alho **não**.

Em (21a) a negação é pré-verbal. Em (21b), a negação é duplicada formando a dupla negação em PFB. Este item duplicado é posicionado no final da sentença.

(22) a. *Hy kom nie in.*

ele vir não prep

Ele não vem/ ele não está vindo

- b. Hy kom **nie** in (*nie*) (hipótese)
 ele vir não prep (não)
 Ele não vem/ ele não está vindo
- c. Hy kom **nie₁** in **nie₂**
 ele vir não prep (não)
 Ele não vem/ ele não está vindo

Em africâner, como pode ser observado em (22), o advérbio de negação original também é duplicado. Interessante observar que, diferentemente do que acontece em português, a forma canônica de negação, em (22a), é pós-verbal. A dupla negação, em (22b) é formada por dois *nies* pós-verbais, sendo que o item duplicado aparece no final da sentença. No estágio atual da língua, segundo Biberauer (2009), (22c) acontece como concordância negativa. Mas é possível que, antes do estágio de obrigatoriedade de uso de dois itens negativos, a língua tenha passado por um período em que o *nie* inovador, que se coloca no final da sentença, tenha sido utilizado para expressar alguma diferença pragmática, como a ênfase, como apresentado em (22b). Nesse período de não obrigatoriedade, segundo a classificação que se faz neste trabalho, o uso dos dois marcadores se classificaria como dupla negação.

Como se pode ver, o fenômeno do surgimento de negações não canônicas tem origem diversificada. Os marcadores inovadores de negação podem ser originados de quantificadores, de itens de polaridade negativa, de minimizadores e da duplicação do advérbio de negação sentencial original. É um processo que tem muito a ser investigado, pois ainda não há consenso sobre o que o desencadeia. Na seção seguinte, serão expostas algumas explicações de estudiosos para o surgimento de uma nova estratégia de negação nas línguas.

1.2 Algumas explicações para o CJ

O ciclo de Jespersen é descrito como processo de mudança do operador de negação. A literatura não diverge sobre questão, mas sobre a questão do que o desencadearia. Na visão de Jespersen (2010), a mudança seria motivada pelo enfraquecimento fonético da negação. O autor descreve-o da seguinte forma:

A história das expressões de negação em várias línguas faz-nos testemunhar a curiosa flutuação seguinte: o advérbio original é primeiro enfraquecido, depois achado insuficiente e por isso reforçado, geralmente, através de alguma palavra adicional, e isso, por sua vez, pode ser sentido como a propriedade negativa e assim no decorrer do tempo estar sujeito ao mesmo desenvolvimento da palavra original.¹³ (Jespersen, 1917, p.02)

O enfraquecimento fonético ocorreria por dois motivos. Um deles é a falta de proeminência prosódica da negação na sentença. Jespersen afirma que, em um enunciado negativo, a tendência natural é acentuar a palavra sobre a qual a negação tem escopo, mas não a negação em si. Para o linguista, “(...) o uso principal de uma sentença negativa é contradizer e apontar um contraste (Jespersen, 1917, p.3)¹⁴”. Por isso, a noção negativa seria acentuadamente subordinada a outra noção, a contrastada. O foco da sentença seria aquela palavra que é o escopo da negação. Por exemplo, ao dizermos *Não quero bolo*, a palavra *bolo* é que teria proeminência prosódica, seria o foco.

O segundo motivo seria a posição propensa a apagamento. Ainda segundo o autor, a negação também, por motivo de clareza, costumaria aparecer antes da palavra a ser negada, como no exemplo anterior, antes do verbo *quero*. Além disso, Jespersen também acrescenta que, por motivo de clareza, haveria uma tendência natural de proferir a negação o quanto antes, podendo aparecer, inclusive, no início da sentença. Essa posição, argumenta Jespersen, permitiria *prosiopesis*, termo cunhado por ele para descrever o apagamento de palavras no início da sentença por problemas de articulação do falante – o falante pensaria que teria articulado, mas não teria produzido um som audível¹⁵. Jespersen acreditava que, por esses problemas acontecerem com frequência, a negação gradualmente transformar-se-ia em uma sílaba proclítica. Contudo, o fato de a negação ter uma grande importância nocional, segundo Jespersen, faria com que o falante desenvolvesse estratégias para deixar claro o valor negativo da sentença. Uma estratégia seria o aumento de massa fonética. Outra seria a adição de uma palavra, que provocaria geralmente um sentido de ênfase.

¹³ Tradução minha do original: “The history of negation expressions in various languages make us witness the following curious fluctuation: the original adverb is first weakened, then found insufficient and therefore strengthened, generally through some additional word, and this in its turn may be felt as the negative proper and may then in course of time be subject to the same development as the original word.”

¹⁴ Tradução minha do original: “(...) the chief use of a negative sentence being to contradict and to point a contrast.”

¹⁵ Jespersen dá como exemplo formas de cumprimento como *morning* no lugar de *good morning*, para o inglês, *tag*, no lugar de *guten tag*, para o alemão. Em alguns dialetos do português brasileiro, como um dos dialetos encontrados em Minas Gerais, também é utilizado *dia* para *bom dia*.

Para dar suporte a sua argumentação, Jespersen utiliza exemplos de mudanças na negação sentencial de línguas distintas. Uma das línguas utilizada por ele é a francesa¹⁶. Abaixo estão as etapas demonstradas por Jespersen (1917).

- (23) a. Jeo ne di. (Francês Antigo)
 b. Je ne dis pas.
 c. Je dis pas.

É demonstrado, em (23a), o primeiro estágio do ciclo. De acordo com Jespersen, o *ne* viria da redução fonética de *nen*. Este último, por sua vez, teria origem no advérbio de negação latino *non*. O operador de negação *ne* teria passado por uma redução fonética contínua, que o teria levado ao ponto de fundir-se com a vogal inicial de verbos, como na sentença *Je n'ame Pierre*. Isso, segundo Jespersen, teria provocado o surgimento de estratégias para evidenciar o valor negativo da proposição, como a adição de itens de polaridade negativa (*mie, point, pas*) no final da sentença. No caso do francês, o item de polaridade negativa *pas*, que inicialmente seria utilizado apenas com verbos de movimento (andar, correr, etc.), teria atingido gradualmente outros contextos até ser parte da estratégia de negação, como ilustra (23b). Por último, Jespersen acreditava que o *pas* poderia alcançar o status de única marcação de negação.

Outra língua utilizada pelo linguista para exemplificar a mudança da negação é a inglesa. Em (24), observa-se uma adaptação dos exemplos encontrados em Jespersen (2010).

- (24) a. Ic ne secge.
 b. I ne seye not.
 c. I say not.
 d. I do not say.
 e. I don't say.

Jespersen frisa que, como em outras línguas, o inglês teve o ponto de partida no advérbio de negação *ne* na posição pré-verbal. Segundo o estudioso, a forma em (24a) foi predominante por todo período do chamado Inglês Antigo, até que *ne* teria começado a sofrer uma erosão fonética. Isso teria motivado o uso de uma das negações de reforço. São citadas

¹⁶ Os exemplos em (2) e (3) são de Jespersen (1912),

pelo autor, *na* (ne+a), que significava não, *nalles*, que significava não mesmo, e *noht*, vinda de *nawiht*, *nowiht*, que significavam *nada*. Jespersen afirma que, com o tempo, *not* teria sido o único elemento utilizado primeiramente como reforço a permanecer na língua padrão e tornar-se parte da negação em Inglês Médio, como em (24b). No século XV, afirma Jespersen, *ne* é totalmente apagado, e *not* passa a ser o marcador de negação, conforme (24c). Jespersen aponta desvantagens quanto ao posicionamento de *not*. A primeira seria poder causar no ouvinte confusão sobre o sentido do enunciado. Como a negação era a última palavra a ser produzida, o ouvinte poderia acreditar que escutava uma afirmação. A segunda seria a ordem de palavras nas interrogativas. Jespersen explica que em inglês há uma ordem para interrogativa (verbo-sujeito) e uma tendência das sentenças de ter o sujeito antes do verbo com significado semântico. A última desvantagem seria a ordem de palavras em sentenças negativas. Segundo o linguista, a negação deveria posicionar-se após o verbo que indica tempo, número e pessoa, e antes do verbo com importância semântica, como acontece em sentenças com modais (I will not say). O surgimento do verbo auxiliar *do*, segundo Jespersen, teria eliminado as desvantagens apontadas, pois permitiria que a negação ficasse posicionada depois do verbo responsável pelas indicações gramaticais e anterior ao verbo principal, e permitiria que o advérbio de negação saísse da posição final da sentença. Isso teria possibilitado a mudança da estratégia de negação, como em (24d). Mas, segundo Jespersen, esta posição de *not* comprometeria a sua proeminência prosódica, causando seu enfraquecimento fonético, como em (24e). Para Jespersen, um novo dispositivo de reforço poderia surgir no futuro para solucionar o enfraquecimento de *not*. Contudo, a estratégia apresentada em (24e) ainda vigora na língua inglesa. A erosão fonética de *not* para *n't* não promoveu o início de um novo ciclo, o que parece sugerir que o verbo auxiliar foi, assim, importante para a fixação da negação na posição pré-verbal.

No Brasil, há autores que trabalham dentro da perspectiva de enfraquecimento fonético da negação sentencial, entre os quais está Lilian Teixeira de Souza. Para a pesquisadora, a negação sentencial pré-verbal no português brasileiro estaria se gramaticalizando, caminhando para uma categoria de afixo. Segundo a autora, haveria indícios de que a negação estaria se gramaticalizando, pois em Souza (2007), a partir de coleta de dados, a autora encontrou realizações fonéticas da negação muito reduzida, como [n]. Como no exemplo dado pela autora, *não, né o carvão não*, em que *né* é a combinação de [n] e o verbo *ser* na 3ª pessoa do singular. Essa realização teria características que a identificariam, mesmo que não de forma inequívoca, a um afixo. A autora argumenta que a forma de negação

[n] realiza-se somente agregada a verbos, ou seja, tem característica arbitrária de combinação, algo que poderia identificá-la como um afixo. Além disso, causa alteração morfológica nos elementos a que se agrega, assim como um afixo.

Entretanto, essa visão tem perdido espaço em relação a outras formas de explicar o ciclo da negação sentencial. Muitos estudiosos (Schwegler, Larrivee, Hoeksema, Biberauer, Schwenter, Auwera, Roncarati, entre outros) veem no ciclo uma motivação pragmática ou semântica¹⁷. O novo marcador de reforço, possível futuro marcador de negação, surgiria como um reforço semântico ou pragmático, que acaba perdendo este valor para se tornar a negação neutra.

Hoeksema (2009), na tentativa de investigar o que motiva a mudança da negação sentencial, questiona o que levaria uma língua a sair do estágio I. Considerando que esse estágio é o mais parcimonioso e simples, alguma justificativa deveria haver para a ocorrência do ciclo em tantas línguas. Para dar início ao desenvolvimento de uma hipótese que responda a essa questão, o autor ressalta que o fato de uma língua estar no estágio I não quer dizer que não haja outros meios de expressar negação. Há, normalmente, muitas maneiras de negar, seja adicionando modificadores, seja adicionando expressões que podem, em certos casos, funcionar para marcar negação. Alguns desses marcadores negativos, chama atenção Hoeksema, são enfáticos por natureza e levam a um reforço expressivo dos enunciados; outros podem ser usados com a função pragmática de negar proposições velhas no discurso. Uma língua que, segundo Hoeksema, mesmo estando no primeiro estágio, apresenta diversas formas alternativas de negação é a holandesa. Nessa língua, além do marcador solitário *niet*, há muitos outros meios de expressar a negação. Conforme se pode observar em (25).

(25) a. Hij is niet sterk.¹⁸ (forma não marcada)

Ele não é forte.

b. Hij is allerminst sterk

Ele está longe de ser forte.

¹⁷ Auwera (2004) aponta que atualmente há duas perspectivas dominantes sobre o fenômeno da ciclicidade da negação. Uma delas é uma perspectiva que toma o fenômeno como gramaticalização e outra que, mesmo tendo em conta a gramaticalização, chama atenção para o processo de mudança da ordem das palavras. Ambas encontram entusiastas no campo da linguística funcionalista e no da formalista. Ambas serão observadas em seção posterior.

¹⁸ Exemplos adaptados de Hoeksema (2009).

c. Hij is geenszins sterk

Ele é de modo nenhum forte.

d. Hij is allesbehalve sterk.

Ele é tudo menos forte.

Pelos exemplos acima, percebe-se que mesmo uma língua no estágio I tem outros meios de negar. Contudo, não são todos os exemplos em (25) apenas a inversão do valor de verdade de uma mesma proposição, há diferenças semânticas e pragmáticas entre as sentenças. Aqueles que utilizam outro meio de negar que não o advérbio de negação parecem carregar outra função, como a de ênfase. Portanto, mesmo no estágio I, a língua apresenta estratégias de reforço da negação, além da estratégia primária de negar. Mesmo sem redução fonética do operador de negação, as línguas têm disponíveis signos negativos alternativos que desempenham funções discursivas especiais. Hoeksema argumenta que não há línguas naturais que apresentam unicamente uma forma de marcar a negação, assim, a redução fonética não levaria ao surgimento de itens de reforço que acabariam por tomar o lugar do operador de negação canônico, como na perspectiva jesperseniana. Para o autor, a abundância de itens que funcionariam no reforço da negação é que promoveria a redução do marcador de negação.

A erosão fonética é um processo comum nas línguas; se dá, principalmente, para facilitar a articulação. Marcadores gramaticais, como o caso, sofreram reduções que levaram a sua perda em muitas línguas. O inglês e o holandês perderam a marcação de caso, mas desenvolveram outro meio para codificar essa função gramatical, a ordem de palavras. No entanto, o caso da redução da negação envolveria problemas maiores. Hoeksema propõe que imaginássemos numa língua que não possuísse a categoria negação, ou seja, uma língua em que houvesse apenas antônimos contraditórios. Nesse contexto, chama a atenção para a dificuldade que seria explicar para uma criança o significado do verbo *não soluçar*, sem contar com uma forma similar ao verbo soluçar, sem contar com a palavra *não*, e , ainda, tendo em vista que não é um verbo muito utilizado. Isso teria um alto custo para os falantes, pois teriam que lidar com um vocabulário muito mais extenso. Não haveria razão para uma função tão importante e essencial para a linguagem humana, como a negação, sofrer com a redução fonética, a menos que pudesse manter sua clareza de sentido através de outro meio.

Hoeksema, então, argumenta que algo tão importante quanto a negação somente sofreria erosão se pudesse ser prevista, seja por ser duplamente marcada, no caso de dupla

negação, seja por uma construção característica em cada língua. Por exemplo, em inglês é sabido que a negação segue o auxiliar *do* na maioria das construções, assim, reduzir-se não é um problema para a clara identificação da negação. Ele ainda acrescenta que somente após a introdução do auxiliar é que a negação *not* sofreu erosão fonética. Assim, com essas observações, Hoeksema pretende demonstrar que parece ser a multiplicidade de formas alternativas de negação que possibilitam a redução fonética, e não o contrário.

A grande disponibilidade de outras formas de negar que cumprem funções discursivas estaria no cerne do desencadeamento da renovação do operador de negação sentencial. Hoeksema afirma¹⁹:

Aparentemente, há uma grande necessidade de expressões que sirvam de reforço ao efeito retórico da negação. E é justamente a disponibilidade de itens de polaridade negativa, que é essencial na criação de um sistema de dupla marcação, que leva a completar a substituição lexical do marcador de negação original. No curso desse processo de substituição, o caráter retórico do item polaridade se perde (Kiparky e Condoravdi (2006), Schwenter (2005)). (Hoeksema, 2009, p19)

Para Hoeksema, a utilização de outros elementos para obter um efeito retórico da negação, como no caso do francês com um item de polaridade negativa *pas* (*Je ne marche pas*), levaria primeiro à erosão e depois à substituição do advérbio de negação sentencial. Ou seja, não é um enfraquecimento que leva ao surgimento de novas formas de negar, mas sim as novas opções é que possibilitam o enfraquecimento e mudança da negação. Durante esse processo de substituição, o item de polaridade negativa perderia seu valor retórico, tornando-se, assim, o operador não marcado.

Na perspectiva de Hoeksema, portanto, os itens de polaridade negativa têm um papel importante no Ciclo de Jespersen. Eles não surgem porque o advérbio de negação está comprometido, mas pelo fato de servirem a funções pragmáticas. Para Hoeksema, os itens de polaridade negativa podem ser reinterpretados como elementos negativos sem que se tornem virtualmente obrigatórios em sentenças negativas. Ou seja, um item de polaridade, como uma palavra *taboo*, pode manter duas funções, a que já cumpria como item de polaridade negativa e a nova função de negação restrita a certos contextos.

¹⁹ Tradução minha do inglês : “Apparently, there is a great need for expressions that serve to boost the rhetorical effect of negation. And it is precisely the availability of negative polarity items which is essential in setting up a system of double marking which eventually leads to complete lexical replacement of the original marker of negation. In the course of this process of replacement, the rhetorical character of polarity item gets lost (Kiparky and Condoravdi 2006, Schwenter 2005).”

O autor defende que a mudança de um item de polaridade negativa para um quantificador negativo é limitada àqueles itens que ocorrem em ambientes estritamente negativos. Observa que as palavras *ever* e *any*, também itens de polaridade negativa, em inglês têm um amplo conjunto de contextos de ocorrência possível e que, mesmo assim, não passaram por reanálise. Já palavras *taboo* como *fuck*, *diddly squat* e *dick*, que eram restritas a contextos negativos, já não necessitam da presença da negação na frase, podendo cumprir a função de negar. Assim, não é variedade de contextos que proporciona uma reanálise, mas, ao contrário, sua restrição inicial a contextos negativos. Essa restrição é vista por Hoeksema como uma das motivações para reanálise. A segunda motivação seria uma maior liberdade quanto a influência da gramática prescritiva. Palavras *taboo*, estão, segundo o autor, fora do domínio do uso padrão, por isso, a gramática prescritiva, que tanto quer manter a concordância negativa fora do uso padrão, não atuaria sobre as palavras *taboo* com a mesma intensidade, que atua sobre *ever* e *any*, o que facilitaria sua reanálise.

Esse argumento estende-se para análise dos casos em que uma palavra assume efetivamente, de modo mais amplo na língua, o valor de negação principal substituindo a negação original. Tipicamente, os minimizadores são os mais empregados no CJ, como o *pas* no francês e no catalão e o *mica* no italiano. O que caracteriza esses minimizadores é justamente o fato de ocorrerem exclusivamente em contextos negativos. Segundo Hoeksema, quanto maior a probabilidade de que dois itens coocorram, maior o decréscimo informacional que eles sofrem – essa noção é chamada de informação mútua pela teoria informacional. Através de uma fórmula, é calculado o ponto específico de informação mútua, que diz se há ou não efeito de uma variável sobre a outra, pela probabilidade de elas coocorrerem. O levantamento feito por Hoeksema revela altíssimos índices de coocorrência de minimizadores e palavras tabu com negação sentencial. Essa coocorrência favoreceria que o item fosse reinterpretado como a própria negação. Assim, para Hoeksema, o que daria início ao surgimento de estratégias alternativas de negação seria uma reanálise de itens de polaridade negativa ou minimizadores de uso restrito a contextos negativos como negação. Esse fato ocorreria, de acordo com a perspectiva de informação mútua, pela reinterpretação do item de polaridade ou minimizador como negativo causada pela importante coocorrência deles com a negação. A reinterpretação surgiria de um entendimento falho da ligação da negação com o item de polaridade negativa.

Outro autor que se dedica ao estudo do CJ é Biberauer. Em Biberauer (2009), a autora procura identificar, a partir da perspectiva Gerativa, como as propriedades do sistema de

Concordância Negativa em africâner se relacionam com o Ciclo de Jespersen. Ela acredita que a CN tem consequências para o desenvolvimento do CJ. A língua africâner tem o que ela chama de um operador real de negação *nie*₁ e um outro elemento que chama de elemento de concordância, *nie*₂. Observemos alguns exemplos de sentenças negativas em africâner, adaptados de Biberauer (2009).

- (26) a. Hy kom **nie**₁ in **nie**₂
 Ele vir não em não
 Ele não vem não
- b. Ons is **nie**₁ beïndruk **nie**₂
 Nós estar não impressionado não
 Nós não estamos impressionados não

O africâner é reconhecidamente uma língua que apresenta CN obrigatória, ou seja, uma língua que exige não apenas um item negativo (um operador de negação sentencial ou um quantificador negativo), mas também, um elemento de concordância negativa no final da sentença. Isso a diferencia, por exemplo, de outra língua de origem germânica, que se assemelha muito a ela, o holandês. Compare²⁰.

- (27) a. Ik ben **niet** rijk.
 Eu ser não rico
 Eu não sou rico.
- b. Zij hebben **nooit** een auto gehad.
 Eles ter nunca um carro ter+passado
 Eles nunca tiveram um carro.
- (28) a. Ik is **nie**₁ ryk **nie**₂.
 Eu ser não rico não
 Eu não sou rico.
- b. Hulle het **nooit** ‘n motor gehad **nie**₂.
 Eles ter nunca um carro ter+passado não
 Eles nunca tiveram um carro não.

²⁰ Exemplos adaptados de Biberauer(2009).

Note que, em holandês – exemplos em (27) –, não é necessário o marcador final de negação; já em africâner – exemplos em (28) –, não basta apenas haver um marcador de negação; é necessário que haja um elemento de concordância negativa, neste caso, *nie*₂.

Se levarmos em conta a descrição tradicional do Ciclo de Jespersen, aparentemente, o africâner estaria no estágio III, aquele em que é obrigatória a dupla negação. Uma outra questão é saber se o africâner estaria se encaminhando para o estágio IV, ou seja, se já estaria apresentando evidências de enfraquecimento do operador de negação original, assim como se observa no francês. No caso do francês, a negação pré-verbal passou por um estágio de cliticização e, atualmente, já não se observa no discurso oral informal.

Biberauer acredita, no entanto, que o africâner não está experimentando qualquer enfraquecimento do operador de negação original. Para provar, ela nos apresenta alguns testes: o da omissibilidade, o da modificabilidade, o do reforço e o da acentabilidade. Abaixo estão os testes adaptados de Biberauer (2009).

Teste	<i>nie</i> ₁	<i>nie</i> ₂
Omissibilidade	*Hy kom in <i>nie</i> ₂ Ele vir em não	Hy kom <i>nie</i> ₁ in Ele vir não em Ele não vem/ Ele não está vindo
Modificabilidade	Jy let absoluut <i>nie</i> ₁ op <i>nie</i> ₂ . Você nota absolutamente não em não Você não presta absolutamente nenhuma atenção	*Jy let <i>nie</i> ₁ op absoluut <i>nie</i> ₂ . Você nota não em absolutamente não
Reforço	Ons is geensins beïndruk <i>nie</i> ₂ . Nós estar remotamente impressionados não Nós não estamos remotamente impressionados	*Ons is <i>nie</i> ₁ beïndruk geensins . Nós não estar impressionados remotamente
Acentabilidade	Ek weet NIE ₁ wat hy doen <i>nie</i> ₂ Eu saber não que ele fazer não Eu NÃO sei o que ele está fazendo/ o que ele faz.	*Ek weet <i>nie</i> ₁ wat hy doen NIE ₂ Eu saber não que ele fazer não

O resultado da aplicação desses testes aos dois itens, *nie₁* e *nie₂*, evidenciaria que o *nie₁* não está enfraquecido, pois sua omissão, em sentenças que não apresentam um outro marcador negativo enfático, deixa a frase agramatical. Além disso, *nie₁* pode ser modificado por outros advérbios, pode ser substituído por um item de negação enfático e pode ser acentuado para se obter algum efeito linguístico. Segundo Biberauer:

O que podemos ver, é que *nie₁* e a posição associada com o operador de negação “real” pode ser reforçada de várias maneiras, enquanto *nie₂* não pode. No contexto do Ciclo de Jespersen, isso é particularmente significante, pois indica de forma inequívoca que o operador de negação “real” em africâner, i.e. NEG1,(..), não é um elemento fraco (...). (Biberauer, 2009, p.96)²¹

Biberauer afirma que o africâner está apenas parcialmente no estágio III, pois, diferentemente do que prediz a literatura, é o operador inovador que é enfraquecido em relação ao operador canônico. Dos quatro testes aplicados aos dois marcadores, apenas o de omissibilidade de *nie₂* obteve uma resposta de não agramaticalidade. Para Biberauer, não é o enfraquecimento fonológico de *nie₁* a motivação do CJ em africâner. Contudo, mesmo sem enfraquecimento fonológico, houve condições para o desenvolvimento do *nie₂*. A autora pondera que a introdução de um novo marcador de negação possa estar ligada a fatores semântico-pragmáticos, e que esses levem, em última instância, à substituição de *nie₁* por *nie₂*. Nessa perspectiva, o enfraquecimento semântico-pragmático de *nie₁*, ou seja, sua impossibilidade de ser utilizado enfaticamente, seria o que desencadearia a mudança.

Com o intuito de estabelecer de forma mais precisa qual é o curso do africâner no CJ, a autora caracteriza a distribuição de *nie₂* e o desenvolvimento dos quantificadores. Quanto à caracterização de *nie₂*, a autora observa que, mesmo sendo um elemento obrigatório, ele pode falhar em atingir a estrutura de superfície em africâner padrão. Abaixo observa-se um exemplo de Biberauer (2009).

- (29) a. Sy ken hom ***nie₁*** (**nie₂*)
 Ela saber ele não (*não)
 Ela não o conhece

²¹ Tradução minha do original: What we see, then, is that *nie₁* in the position associated with the “real” negator can be strengthened in various ways, whereas *nie₂* cannot. In the context of JC, this is particularly significant as it unambiguously indicates that the “real” negator in Afikaans, i.e. NEG1 in (3), is not a weak element (cf. Cardinaletti & Starje 1999 for discussion of strong vs weak element).

Em (29), observa-se uma sentença em que o africâner não permite a realização do segundo operador de negação, contrariando a expectativa sobre uma língua em estágio III do Ciclo de Jespersen. Biberauer explica esta exceção afirmando que o apagamento de *nie*₂ decorre da aplicação de um filtro linguístico. Esse filtro seria responsável pelo apagamento de um dos dois itens que se repetem dentro de uma frase fonológica. Contudo, a autora nos aponta que essa exceção não desqualifica a classificação da língua como pertencente ao estágio III, pois isso é consequência de um apagamento na Forma Fonológica. A mesma sentença (29) quando em um contexto de subordinação, como em (30), revela a sua estrutura profunda.

- (30) Ek dink dat sy hom nie1 ken nie2
 Eu pensar que ela ele não conhece não
 Eu penso que ela não o conhece

Biberauer afirma que o fato de *nie*₂ ser o elemento mais fraco em termos fonológicos, não o impediria de desempenhar funções enfáticas e discursivas. Os exemplos a seguir, encontrados em Biberauer (2009), apresentam enunciados em que *nie*₂ tem função enfática.

- (31) a. *Geen mens nie₂ kan dit verstaan nie₂.*
 Não pessoa não poder pro entender não
 Ninguém pode entender aquilo não!
 b. *Hulle gee niemand *nie*₂ 'n kans *nie*₂.*
 Eles dar ninguém não um chance não
 Eles não dão nenhuma chance a ninguém não!

Nos exemplos em (31), percebe-se que uma sentença contendo um quantificador é enfatizada com a presença de um *nie*₂ adicional. Cabe ressaltar que o *nie*₂ extra é o que aparece logo depois do quantificador. Se tirássemos este último, a sentença perderia a ênfase, não o sentido negativo, como em (32) abaixo.

- (32) a. *Geen mens kan dit verstaan *nie*₂.*
 Não pessoa poder pro entender não.
 Ninguém pode entender aquilo não (sem ênfase).
 b. *Hulle gee niemand 'n kans *nie*₂.*

Eles dar ninguém um chance não.

Eles não dão nenhuma chance a ninguém não (sem ênfase).

O operador de negação presente em (31) e ausente em (32) só poderia ser interpretado como sendo uma instância de *nie*₂, do contrário a sentença seria entendida como contendo duas operações de negação, o que tornaria a sentença afirmativa.

A diferença entre o africâner e outras línguas não se restringe simplesmente as peculiaridades fonéticas do operador novo: ser foneticamente fraco e poder ser apagado na estrutura de superfície. Para Biberauer, o africâner tem, ainda, dois ciclos acontecendo ao mesmo tempo, mas em estágios diferentes. Um deles ocorre com a negação sentencial, de escopo amplo, o outro com quantificadores negativos. Enquanto o primeiro atingiu o estágio III, o último parece estar no estágio II, visto que a concordância negativa é opcional, e o *nie*₂ tem a função de adicionar efeito semântico-pragmático. Esse estado de hibridização, chama atenção a autora, não foi explicitado anteriormente. Isso pode ter acontecido pelo fato de os estudiosos desenvolverem seus estudos tendo como base a negação sentencial.

Línguas como o francês mostram que o desenvolvimento do CJ na negação sentencial não é desconectado do domínio da negação com quantificador negativo.

(33) ²²a) Negação sentencial em francês

I. je ne dis → II/III. Je ne dis pas → IV. Je dis pas

b) Negação quantificacional em francês

I. --- → II/III. Je ne dis rien → IV. Je dis rien

Para a linguista, a perda da concordância negativa, que ocorre quando uma língua passa do estágio III para o IV do CJ, pode se relacionar com as mudanças no sistema de negação por quantificadores negativos. Isto é, os quantificadores também poderiam passar pelo CJ, ao que Biberauer chamou de *Ciclo de Jespersen curto*, por não compreender todos os estágios de um ciclo de negação sentencial. Ela ainda observa que, em se tratando do africâner, há uma concomitância de ciclos, pois tanto o africâner padrão quanto o coloquial apresentam mudanças nos quantificadores negativos independentes das mudanças da negação sentencial, o que sugeriria que pode haver múltiplos e independentes CJ acontecendo simultaneamente.

²² Adaptado de Biberauer (2009).

Segundo Biberauer, o africâner, então, se diferencia por ter motivos semântico-pragmáticos para o desenvolvimento do ciclo, e por não parecer se encaminhar para o estágio IV. A estudiosa acredita que a negação sentencial em africâner estaria no estágio III sem aparentemente estar em movimento para alcançar o estágio IV. O motivo para esta estabilização, argumenta, parece vir da origem de *nie*₂. Diferentemente do que aconteceu em línguas que completaram o ciclo, ou que estão no estágio IV, como o francês, não foi um item de polaridade negativa originado no domínio de VP que deu origem ao novo marcador, mas um advérbio de negação que era localizado em *Complementizer Phrase* (CP), originalmente enfático. Abaixo as sentenças que podem ter dado origem a NEG2 em africâner.

- (34) a. Het kan niet waar zijn, nee!
 pro poder não verdade ser não
 Não pode ser, não!
- b. Jij komt niet mee, ne? (expectativa de resposta negativa)
 Tu vir não com né
 Tu não está vindo, né?

Esse tipo de perspectiva diacrônica também é adotada por Schwegler ao falar do português brasileiro. Ele acredita que o *não* final, da dupla negação, pode ter sido originado de um operador de negação final que era utilizado para fazer ênfase, assim como mostram as sentenças acima. Mas Biberauer nos orienta que, mesmo que não abordemos este fenômeno pela perspectiva diacrônica, o africâner apresenta uma série de evidências sincrônicas de que *nie*₂ é, diferentemente de seus congêneres em outras línguas europeias, um elemento de concordância em posição superior na estrutura sintática. Considere²³:

- (35) a. Ek probeer *nie*₁ [om die boek te lees] *nie*₂ (al lyk dit vir jou so).
 Eu tentar não [INF-C o livro INF ler] não (mesmo se parece isso para você então)
 Eu não estou tentando ler o livro, mesmo sendo o que parece para você.
- b. Ek probeer *nie*₁ [die boek lees] *nie*₂ (al lyk dit vir jou so).
 Eu tentar não [o livro ler] não (mesmo se parece isso para você então)
 Eu não estou tentando ler o livro (mesmo se é isso que parece para você).

²³ Exemplos encontrados em Biberauer (2009).

c. Ek probeer [om *nie*₁ die boek te lees *nie*₂] (maar dis moeilik).

Eu tentar [INF-C não o livro INF ler não] (mas está difícil)

Eu estou tentando não ler o livro, mas está difícil.

d. *Ek probeer [*nie*₁ die boek lees *nie*₂] (maar dis moeilik).

Eu tentar [não o livro ler não] (mas está difícil)

(36) a. Een uit elke drie **loer** lewensmaat se SMS'e **af**.

Um em cada três espionar companheiro GEN²⁴ mensagens de texto fora.

Uma em cada três espionam as mensagens de texto do companheiro.

b. Wie anders het Lotz vermoor, wil regter weet.

Quem mais ter Lotz assassinado, quer juiz saber.

Quem mais assassionou Lotz, o juiz pergunta.

A autora argumenta que a estrutura de CP precisa estar presente para que haja o licenciamento de *nie*₂. Assim, as sentenças que apresentam uma estrutura sintática sentencial completa podem conter a negação. Outra evidência de que o *nie*₂ está em CP pode ser ilustrada pelas sentenças em (36). Nelas observa-se que houve movimento do verbo *loaf*. Esse movimento é identificado pela posição em que se encontra a preposição *af*, que é exigida por ele. Como em africâner não há movimento de V para T, segundo Biberauer (2003) e Vikner (2001), a análise das duas sentenças parece indicar que a estrutura de V2 é mais bem analisada como CP, com o verbo no infinitivo em C.

Uma contribuição interessante para os estudos sobre o ciclo da negação feita por Biberauer é sua Hipótese relativa à progressão do estágio III para o estágio IV²⁵. Segundo esta hipótese:

Elementos de concordância somente irão tornar-se operadores de negação “reais” (i.e. sofrem a mudança do estágio III para o estágio IV) quando estes elementos (a) são localizados adequadamente “abaixo” dentro do domínio da sentença, e (b) carregam conteúdo substantivo e categorial apropriados. (Biberauer, 2009, p.125)

A hipótese da autora nos leva a considerar que os estágios do ciclo de Jespersen acontecem de maneira diferente nas diversas línguas. Isso se torna importante para as considerações sobre o ciclo de Jespersen no PB que serão discutidas no capítulo seguinte.

²⁴ Abreviação de genitivo.

²⁵ Tradução minha do original Hypothesis concerning progression from stage III to Stage IV: Concord elements will only become “real” negators (i.e. undergo the change from Stage III to stage IV) where these elements are (a) located suitably “low” within the clausal domain, and (b) bear appropriate substantive and categorial content.

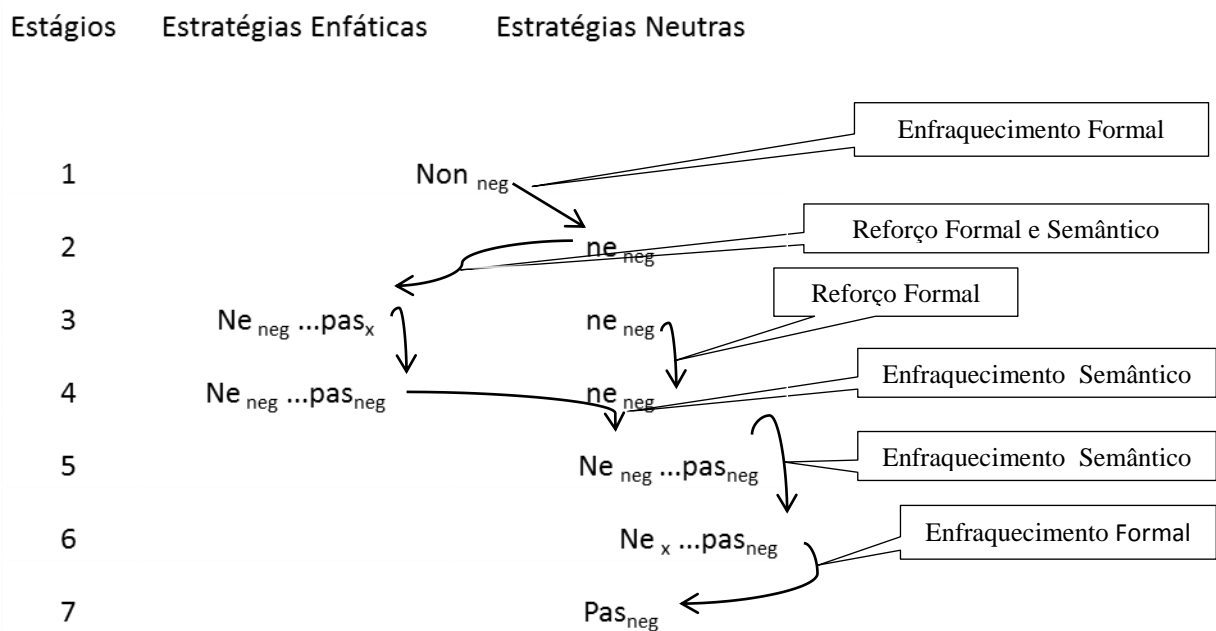
Outro autor que se dedica ao estudo do CJ é Auwera. Conforme Auwera (2009), o Ciclo de Jespersen pode ser representado como envolvendo números distintos de estágios. Pode-se perceber isso neste trabalho, pelo que foi mostrado sobre os estudos de Jespersen, Hoeksema e Biberauer, já que cada um compreende diferentemente o número de estágios e sua composição. Até o momento, as representações do Ciclo parecem afirmar que apenas duas estratégias de negação podem estar em funcionamento em um mesmo período. Contudo, Auwera afirma que não é impossível que mais de duas estratégias estejam em funcionamento em um mesmo período. A língua portuguesa falada brasileira, por exemplo, como já foi mencionado anteriormente, apresenta três estratégias de negação. Mesmo sem termos evidência concreta de que o PB esteja passando pelo CJ, não podemos negar que a língua apresenta estratégias que são previstas nas línguas que passaram e que estão passando pelo Ciclo. Biberauer (2009) argumenta que as línguas podem evoluir dentro do CJ de maneiras diferentes. Auwera, por sua vez, acredita também que não há um caminho único no desenvolvimento do ciclo, que um caminho alternativo ao caminho *negação simples* → *dupla negação* → *negação simples* possa existir, um caminho em que a língua passe a aceitar tripla negação, por exemplo.

Auwera faz uma descrição mais extensa de como os estudiosos representam o Ciclo e de algumas hipóteses sobre a mudança. Ele afirma que há quatro grandes grupos de discussão quanto ao número de estágios. Há aqueles que acreditam que são três o número de estágios do Ciclo; há aqueles que acreditam que são quatro, mas que consideram o advérbio de negação na língua de origem, por exemplo, o advérbio de negação no latim, no caso do francês; há aqueles que acreditam também em quatro estágios, mas que diferem na opinião sobre o estágio de não obrigatoriedade da dupla negação e sobre o de obrigatoriedade; e, por último, há aqueles que acreditam que existem cinco estágios.

Auwera também identifica que são três as hipóteses às quais os estudiosos se filiam: hipótese de enfraquecimento-reforço-apagamento, hipótese de ênfase-apagamento e hipótese de neutralidade. Filiados à primeira hipótese estão autores que acreditam que o enfraquecimento fonético dá início ao processo, assim como Jespersen. Filiados à segunda hipótese estão autores que acreditam que é o enfraquecimento da negação enfática que possibilita o processo. Filiados à terceira hipótese estão os autores que não acreditam que seja a o caráter enfático o que desencadeia o processo. Auwera insere-se em uma visão alternativa àquela que acredita que a causa é o enfraquecimento do advérbio de negação original. Na visão alternativa, postula-se que não é o caso que advérbio de negação original esteja

enfraquecido. Nessa visão, o que inicia o processo é o fato de as línguas terem estratégias de negação neutras e enfáticas. O enfraquecimento semântico-pragmático da negação enfática, possibilita a competição dessa com a negação neutra. Essa competição pode ocasionar a substituição da estratégia neutra canônica pela negação inovadora enfraquecida, por isso também neutra. Assim, o que desencadearia o processo não seria um possível enfraquecimento do advérbio de negação canônico, mas enfraquecimento da estratégia enfática. Abaixo é apresentado um esquema adaptado de Auwera (2009).

(37)



Conforme o esquema em (37), o CJ começaria, utilizando o francês como exemplo, por um advérbio de negação, no caso *non*, que permitiria usos enfáticos e neutros. Auwera adverte que mesmo que *non* pudesse ser usado para ambos os tipos de negação, isso não quer dizer que não houvesse outros tipos de construção de negação enfática. Em um segundo estágio, *non* sofreria um enfraquecimento formal, e se realizaria como *ne*. Em um terceiro estágio, *ne* aceitaria um reforço formal e semântico, e uma nova estratégia de negar seria possível: *ne...pas*. Nesse estágio, haveria duas estratégias, uma para uso neutro, o *ne* sozinho, e uma estratégia enfática que se dá pelo uso de *ne* acrescido de *pas*. Em um quarto estágio, o item de reforço sofreria uma reanálise semântico-pragmática, ou seja, ele perderia seu significado lexical e ganharia significado pragmático. Em um quinto estágio, o *ne* seria reforçado e *ne...pas* sofreria um enfraquecimento semântico. Nesse estágio, existe uma estratégia que pode ser usada apenas em sentenças neutras. Essa estratégia, *ne...pas*, é um

reforço formal em relação ao marcador neutro anterior *ne* e um enfraquecimento semântico-pragmático de *ne...pas* enfático, por não ter mais a característica de ênfase. Em um sexto estágio, *ne...pas* sofre novamente um enfraquecimento semântico, e o *ne* perde seu caráter negativo. O último estágio, o sétimo, seria aquele em que *ne...pas* já enfraquecido semanticamente sofre com um enfraquecimento formal. Esse enfraquecimento formal se dá pelo apagamento do item que já não tem mais o caráter negativo, ficando, assim, apenas o *pas* como item que marca a negação sentencial.

Auwers explica que o esquema reproduzido acima tem falhas. Ele aponta quatro. A primeira delas é que há uma concentração nas estratégias neutras de negação, ou seja, os usos enfáticos são deixados em segundo plano. Também a forma como são apresentados os usos enfáticos parece demonstrar que eles surgem para dar origem a uma nova alternativa de negação neutra. A segunda é que o esquema não demonstra a competição que *pas* enfrentou com outros minimizadores, como o *mie* e *point*. A terceira é que o esquema restringe-se a negações em sentenças declarativas, não considerando, assim, o tipo de sentença. E a quarta é que não mostra que, mesmo depois de *pas* ter perdido sua característica de item de polaridade negativa, permitiu uso em contextos negativos sem o valor de negação, como no caso abaixo, reproduzido de Auwers (2009, p.45).

- (38) J' imagine que je désire plus que j' peux **pas** obtenir.
 Eu imagino que eu desejo mais que eu posso **x** obter
 Eu imagino que eu desejo mais do que eu posso obter.

Pelo que foi tratado anteriormente, pode-se inferir que a introdução de uma nova estratégia de negação, no caso *ne...pas*, tem como consequência o desaparecimento do antigo marcador, no caso *ne*. Apesar de plausível, e de ser a essência dos processos de gramaticalização, não é uma competição que tenha uma vencedora já determinada. Ou seja, haverá casos em que o item inovador não causa mudança, apenas variação. Auwers também acredita que não é uma competição com um vencedor predeterminado. Ele exemplifica que há construções inovadoras que não conseguiram se manter. Por exemplo, *ne... point* e *ne... mie* estavam em concorrência também, mas não se mantiveram, muito menos tomaram o lugar de *ne*. Mas, ainda assim, por que *ne...pas* conseguiu tomar o lugar de *ne* como marcador de negação sentencial? Auwers afirma que não há uma razão única. Para ele, três pontos devem ser considerados.

Um dos pontos a ser considerado (que, em princípio, poderia parecer contrário à mudança) é a tendência da língua à economia. A economia parece ser um empecilho à mudança de *ne* para *ne...pas*, mas, como demonstra Auwera, não é. A última construção, apesar de mais complexa, teve a vantagem de ter um elemento passível de ser acentuado, ou seja, podia cumprir a função enfática também. A construção mais simples, apenas com o *ne*, não aceitava mais ser enfatizada. Então, para garantir uma economia linguística, a melhor escolha de estratégia de negação seria aquela que possibilitaria dois usos (neutro e enfático).

Outro ponto importante para a estrutura inovadora ser considerada como a negação seria o enfraquecimento de *ne*. Para Auwera, o enfraquecimento de *ne* está relacionado com a reinterpretação de *pas* como um elemento negativo. Quando *ne...pas* passou a ser sentido como uma construção neutra, ele variava com a construção apenas com *ne* por algum tempo. Para Auwera, *ne* começou a ser entendido como uma palavra adicional e não mais como item negativo dentro da estrutura complexa *ne...pas*, e essa reinterpretação pode ter auxiliado o enfraquecimento da negação solitária *ne*. Para ilustrar observe o esquema a seguir.²⁶

(39)

Estágios	Estratégias enfáticas	Estratégias neutras
...
4	$Ne_{neg} \dots pas_{neg}$	Ne_{neg} $Ne_{neg} \dots pas_{neg} \& Ne_{neg}$ $Ne_x \dots pas_{neg} \& Ne_{neg}$ $Ne_x \dots pas_{neg} \& Ne_x$
5		$Ne_x \dots pas_{neg}$
...		...

Um último ponto a ser considerado, segundo Auwera (2009), diz respeito ao que foi apontado até agora sobre a perda de ênfase da estratégia inovadora que precede o enfraquecimento formal para *pas*. A perda do caráter enfático da construção inovadora parece ser importante para a mudança, visto que é após a perda do caráter enfático que a construção inovadora passa a ser sentida como neutra, e que é após esta fase que o marcador pré-verbal dentro da estrutura de dupla negação começa a perder seu caráter negativo para ser sentido

²⁶ Esquema reproduzido de Auwera(2009, p47).

como palavra adicional. Isso, por sua vez, auxilia no entendimento da negação pré-verbal solitária também como item sem caráter negativo. Esse é o caso do francês, afirma o autor, mas não parece que seja uma característica universal.

Auwera argumenta que um item pode primeiramente servir de elemento extra na construção de uma negação enfática, e, sem perder esse caráter enfático, passar por uma reanálise e tornar-se um elemento negativo. Ele observa o caso da palavra *squat*, uma palavra tabu que foi reanalisada e atualmente não necessita estar em contexto negativo. Hoeksema (2009), também aponta que palavras *taboo* podem sofrer reanálise mais facilmente, sem, contudo, chegar a ser o marcador de negação principal de uma língua. Mas é Auwera que chama atenção para o fato de que isso pode indicar que uma negação inovadora não precisa necessariamente passar por um enfraquecimento semântico-pragmático total para poder tornar-se a negação da língua, causando o apagamento da negação original.

Nos estudos expostos neste trabalho, a negação inovadora é apresentada como uma estratégia de negação enfática. No entanto, Paulwels (1974:76), cf. Auwera (2009), defende a ideia de que, em línguas em que a negação inovadora é a repetição da negação original, aquela não seria enfática. Isto é, para Paulwels (1974), cf. Auwera(2009) esse tipo de negação inovadora seria essencialmente uma estratégia de repetição desprovida de ênfase e de informação semântica adicional²⁷. Auwera (2009) concorda com Pauwels (1974) que a negação inovadora pode ser neutra, mas ela é um reforço, na medida em que o sentido de uma sentença com dupla negação possa ser considerado mais “forte” do que em uma negação simples. A dupla negação neutra apresenta, de qualquer forma, um reforço formal.

Para Auwera, Jespersen estava certo em três aspectos. Primeiro, no caso da língua francesa, de fato, *ne* era fraco. Segundo, *ne* era fraco como operador de negação, pois não podia cumprir as duas funções – neutra e enfática. Terceiro, mesmo que a dupla negação com repetição do operador original possa ter uma origem enfática ou neutra, o fato é que quando se compara a construção negativa original com a construção negativa dupla, a primeira é mais formalmente mais fraca do que a última.

A dupla negação pode surgir em uma língua, pelo que foi visto até o momento, a partir de um novo elemento enfático (um quantificador negativo ou item de polaridade negativa), ou um elemento que pode ter caráter enfático ou não (a repetição do advérbio de negação

²⁷ Por esta visão, o português brasileiro não deveria mostrar um uso enfático da dupla negação, mas isso não se confirma.

sentencial em final de frase). Contudo, Auwera (2009) demonstra que um item não negativo pode ser o elemento inovador sem que forme uma construção enfática de negação. Isso teria acontecido em uma língua de Vanuatu, o lewo. Em lewo, os marcadores formais de verbos *realis* e *irrealis* é que acabaram por fazer parte da nova estratégia de negação. Auwera argumenta que, em vista disso, mais uma opção de origem para dupla negação poderia ser considerada: Neg X não enfática. Assim, a nova construção (a dupla negação) poderia ser formada pelo advérbio de negação mais sua repetição (neg...neg), pelo advérbio de negação mais um elemento não negativo enfático (neg... X +enfático) e pelo advérbio de negação mais um elemento não negativo neutro (neg ... X –enfático).

Auwera esclarece que há vários pontos de partida para o surgimento da dupla negação. Mas ele questiona se a dupla negação também não teria caminhos diversos, já que tem origem diversas. A explicação mais comum é que a dupla negação tenha um papel enfático no início do processo de mudança e que depois passe a ser neutra. A questão que Auwera coloca é se ela poderia voltar a ser enfática, ou passar a ser enfática, no caso de uma dupla negação de origem neutra. De acordo com Haegman (2002:181), cf. Auwera (2009:59), a dupla negação pode voltar a ter um uso enfático quando em competição com uma nova estrutura com apenas uma negação pós-verbal. Isso aconteceria pelo fato de a dupla negação ser formalmente reforçada.

Outra questão trazida pelo autor é se o único caminho do CJ seria chegar novamente a uma negação solitária após um estágio de dupla negação. A esquematização mais comum do CJ parece indicar que sim. Contudo, Auwera esclarece que há línguas em que um terceiro item surge para reforçar a dupla negação, formando, assim, uma tripla negação. Entre as línguas que apresentam tripla negação, Auwera traz como exemplos a língua belgíca brabântica e a língua lewo. Os enunciados abaixo são uma reprodução da exemplificação de Auwera (2009).

(40) Pas op dat ge **niet en valt nie**. (belgíco brabântico)

Assegurar sobre que você não não cair não

Cuide para que você não caia.

(41) **Ve a-kan re toko!** (lewo)

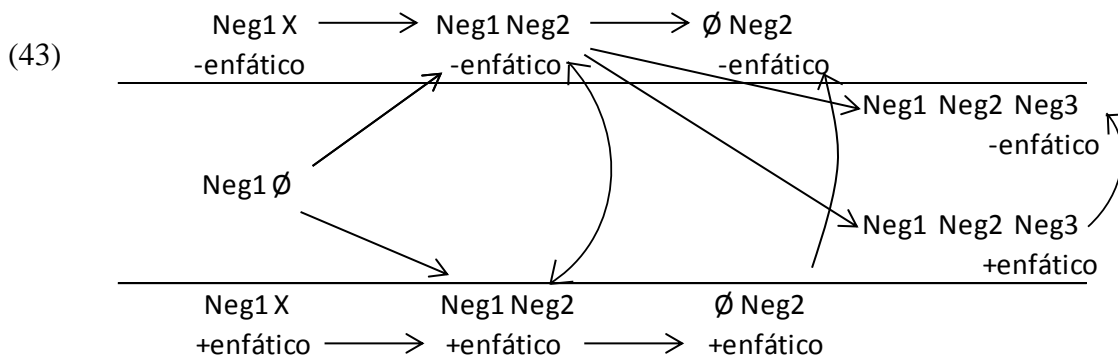
Não 2sg-comer não não

Não coma!

Diferentemente do que se entendia como Ciclo de Jespersen, Auwera esclarece que as construções negativas podem:

- (42) a. passar de neutras para enfáticas, e vice-versa,
 b. perder ênfase e ganhá-la novamente,
 c. modificar-se de negação simples para dupla, depois para simples novamente; ou se encaminhar de simples para dupla e depois para tripla.

Em (42), é informado o que pode acontecer com as construções de negações sentenciais inovadora e canônica. São descritos os possíveis caminhos das combinações da negação pré-verbal (NEG1) com a adição de um elemento X (item de polaridade negativa, quantificador negativo ou outro elemento, como o marcador de irrealis e realis em lewo) ou de um elemento \emptyset (repetição do marcador original de negação sentencial, sem promoção de operação negativa). E também é descrito o possível caminho que um elemento X, um elemento \emptyset e a negação canônica podem percorrer. No quadro abaixo, é descrita a evolução da marcação de ênfase nas negações.



Em (43), percebe-se que, segundo Auwera, as construções de origem da negação inovadora podem ser enfática (+ enfática) ou neutra (- enfática). As construções com a negação simples mais um elemento X ou a repetição do advérbio de negação pode gerar negações enfáticas e não enfáticas. O caráter enfático não parece ter relação direta com o elemento adicionado. As combinações de negação simples com um elemento inovador podem seguir um caminho de formação de dupla negação e depois negação simples pós-verbal, ou podem seguir um caminho de negação dupla, depois negação tripla. Nesses vários caminhos, a negação pode

permanecer sempre enfática, sempre neutra, não enfática, ou variar entre neutra e enfática, como as flechas sugerem.

Auwera evidencia que o CJ é um fenômeno mais plural do que originalmente compreendido por muitos estudiosos, incluindo Otto Jespersen. Isso também fica claro neste capítulo. De acordo com Auwera (2009), apesar de ser plural, não são todas as trajetórias e origens apresentadas em (43) igualmente frequentes. Acredita-se que não há uma trajetória única para o CJ, como destacado por Auwera e Biberauer.

1.3 Considerações Finais

Neste capítulo, procurou-se refletir sobre o fenômeno de mudança da negação sentencial nas línguas, o Ciclo de Jespersen. Para isso foram apresentados conceitos considerados fundamentais para o entendimento do fenômeno e abordagens diversas sobre o que desencadeia o CJ.

Também se constatou que o conceito de dupla negação e o de concordância negativa são tratados de maneiras distintas na literatura especializada, não havendo um consenso sobre eles. Por essa razão, buscou-se discuti-los e apresentar como são entendidos nesse trabalho. Sendo assim, a dupla negação é aquela estrutura, em que há dois marcadores de negação sentencial, mas uma operação de negação é realizada. Além disso, a estrutura de dupla negação não é obrigatória, ou seja, línguas que possuem dupla negação podem utilizar outra estratégia de negação, como a negação simples, por exemplo.

Já a concordância negativa difere da dupla negação pelo seu caráter de obrigatoriedade. Em uma língua que apresenta CN devem ser usados dois elementos negativos, um que opera sobre a proposição e outro que concorda sem promover nenhuma operação. De acordo com perspectiva adotada neste trabalho, no Ciclo de Jespersen, os estágios em que há variação entre uma estratégia com dois elementos negativos e uma estratégia com um marcador negativo, a estratégia com dois marcadores seria denominada dupla negação, justamente por não ser obrigatória. No estágio em que a estratégia com dois marcadores é obrigatória, essa estratégia seria denominada de concordância negativa.

Quanto às perspectivas de surgimento da variação que desencadearia o ciclo, foram vistas duas posições. Uma delas é a de que o enfraquecimento fonético da negação sentencial possibilitaria o surgimento de um item de reforço. Esse item, por sua vez, poderia entrar em competição com o item original e se tornar o marcador de negação da língua em questão. Outra é a de que o enfraquecimento de uma estratégia de ênfase (perda do valor enfático) possibilitaria uma competição entre as a estratégia canônica e a inovadora, e a estratégia inovadora poderia suplantar a canônica.

2 A NEGAÇÃO SENTENCIAL EM PORTUGUÊS BRASILEIRO

A partir do que foi apresentado anteriormente, vimos que negação sentencial em português brasileiro chama atenção por ser caracterizada pela existência de três estratégias de negação sentencial, de acordo com as observações realizadas por um número expressivo de estudos.

- (1)
- a. José não comeu o chocolate. (NEG1)
 - b. José não comeu o chocolate não. (NEG2)
 - c. José comeu o chocolate não. (NEG3)

As sentenças em (1) ilustram as estratégias de negação em PFB. Em (1a), observa-se a negação canônica, que é pré-verbal (Não VP). Em (1b), observa-se a dupla negação (Não VP não) e, em (1c), a negação pós-verbal (VP não). No caso do PFB, sabe-se que a distinção entre os usos apresentados em (1) não é de ordem semântica, uma vez que todas expressam o mesmo conteúdo proposicional.

A existência de três tipos de negação sentencial no português falado no Brasil é digna de nota, segundo observação de Schwenter (2005, 2006), por ser a única língua românica a aceitar o uso concomitante dessas três estratégias. Alguma variação de uso, no entanto, não é uma novidade na história das línguas. O francês e o inglês, por exemplo, experimentaram estágios nos quais duas estratégias de negação coexistiram, passando pelo chamado Ciclo de Jespersen.

Este fenômeno está amplamente atestado por uma série de estudos quantitativos. No Brasil diversos estudos (Camargos, 2001, Furtado da Cunha, 2001 e 2006, Roncarati, 2006, Cavalcante, 2007, Souza, 2004, Goldnadel&Lima, 2011a,2011b, Goldnadel et al, 2013) têm se voltado para o fenômeno da variação do uso da negação sentencial. Até este momento, a maior quantidade de dados analisados dizem respeito às regiões Nordeste e Sudeste. Nessas regiões o que os dados têm demonstrado é uma elevada incidência de formas não canônicas de negação, principalmente de Neg2. Mais recentemente, alguns estudos têm procurado fazer um levantamento da incidência desse fenômeno na Região Sul. Dos diversos estudos mencionados, apenas alguns combinam a descrição do estado da língua em determinado

momento à busca de uma explicação para variação encontrada. De um modo geral, os estudos têm explicado o surgimento da dupla negação como uma estratégia de ênfase.

Este capítulo pretende discutir diferentes abordagens de estudo do fenômeno da variação da negação sentencial em português falado brasileiro. Para tanto tratará de apresentar estudos que se limitaram a fazer uma descrição do fenômeno em falares de algumas cidades das Regiões Nordeste e Sudeste. Também tratará de apresentar estudos que procuraram identificar uma explicação linguística para a variação da negação no português brasileiro. Com isso, pretende apresentar um quadro resumido sobre os estudos da negação sentencial em PFB, com intuito de colaborar para a compreensão do fenômeno da negação sentencial.

2.1 Contribuições Descritivas do Fenômeno de Dupla Negação no PFB a partir de Levantamento de Dados

Muitos são os trabalhos que estudam as negações não canônicas no português falado brasileiro. Nesta seção, será apresentada apenas uma pequena amostra desses estudos, a fim de montar um breve panorama dos estudos da negação não canônica. Os estudos que serão apresentados foram muito importantes para o reconhecimento do fenômeno em dialetos diversos no português brasileiro. Eles também demonstram que o fenômeno de dupla negação não tem uma distribuição igualitária no Brasil, pelo menos nas regiões estudadas. Também possibilitaram identificar que, para um panorama mais exato do português falado no Brasil, seriam necessários estudos mais abrangentes, e com diversificação maior de regiões estudadas.

Um dos estudos referentes a negação não canônica no português brasileiro é Camargos (2000). Nesse artigo, o autor analisa a variação das negações sentenciais no dialeto mineiro da cidade de Belo Horizonte, a partir de resultados quantitativos. Diferentemente da análise de outros estudiosos, o autor considera como dupla negação sentenças com outro item negativo em posição pré-verbal, além do operador *não*. Assim, para esse autor, o enunciado em (2), é classificado como NEG2. Segundo ele, essa organização estaria de acordo com o critério de NEG, encontrado em Gonçalves (1994). Esse critério especificaria que o operador negativo teria que estar em uma relação de especificador-núcleo com o núcleo negativo NEG0, e o núcleo NEG0 estaria em uma relação de núcleo-especificador N.

(2) ...**nunca** cheguei a gostar muito **não**. (Camargos, 2000, p.03)

Nessa perspectiva, os dados relativos às ocorrências das três estruturas negativas encontradas em seu *corpus* são apresentados na tabela 1 (c.f. Camargos, 2000).

Tabela 1: Distribuição das estratégias de negação sentencial em Belo Horizonte, *corpus* Camargos (2000)

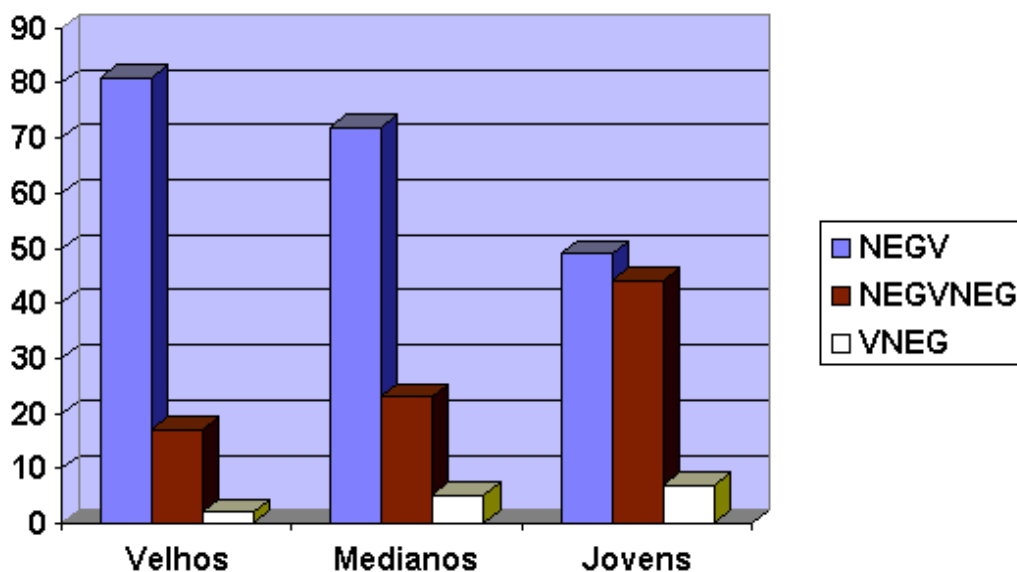
	Neg 1	NEG2	NEG3	Total
Número de ocorrências	687	265	28	980
Porcentagem	70%	27%	3%	100%

Fonte: Camargos (2000:4)

Conforme a tabela acima, encontrada em Camargos (2000), a dupla negação apresenta um índice de ocorrência alto em relação a outros estudos. É difícil identificar se isso decorre de o dialeto mineiro falado em Belo Horizonte ser rico nessa estratégia ou pelo fato de o autor ter considerado em sua análise como duplas negações estruturas que apresentam um quantificador negativo em posição pré-verbal e um advérbio de negação pós-verbal, como a apresentada em (2) acima.

Camargos acredita que os dados apontam uma possível mudança da estrutura de negação sentencial, pois encontrou uma correlação significativa entre o uso de dupla negação e faixa etária, com um aumento substancial de formas não canônicas entre os mais jovens, o que pode indicar mudança em tempo aparente. O linguista demonstra esses dados no gráfico aqui reproduzido.

Gráfico 1



Camargos (2000) tenta propor uma análise em que há relação dos elementos sintáticos na sentença com a permissão da ocorrência da negação em final de sentença. Por isso, o autor afasta-se da prática comum ao sugerir uma reelaboração da variável dependente em duas variantes: negativa pré-verbal (Neg V) e negativa pós-verbal (Neg V Neg) e (Neg V). Seu argumento é o de que a negação dupla se comportaria como a negação pós-verbal. Para ele, o fato de haver uma alta frequência da partícula pré-verbal negativa na forma reduzida *num* em sentenças cuja estratégia utilizada é a dupla negação, indicaria que o marcador reduzido está incorporado ao verbo.

Em sua análise estatística, Camargos (2000) argumenta que os dados indicariam como relevante, após investigação pelo programa estatístico Varbrul, entre as variáveis sociais, apenas a faixa etária. Camargos constatou que o uso de variedades não canônicas crescem a medida que diminui a faixa etária, indicando uma possível mudança em progresso, como demonstra no gráfico reproduzido acima. Além da variável social, o autor identificou uma variável linguística como favorecedora dos usos não canônicos de negação: posição do item negativo em relação ao verbo²⁸. Contudo; não esclarece qual seria o papel dessa última no favorecimento da dupla negação.

Outro estudo que analisa negativas não canônicas no português brasileiro é Souza (2004). Nesse trabalho, analisam-se os dados do corpus falado de uma comunidade rural

²⁸ O autor não foi muito claro em relação a esta variável linguística.

quilombola de Helvécia²⁹. O linguista insere seus estudos no modelo teórico-metodológico Teoria da Variação³⁰. O estudo busca identificar possíveis influências do contato entre línguas na comunidade de afrodescendentes, no estado da Bahia. Os dados brutos para as ocorrências de sentenças negativas são apresentados na tabela a seguir.

Tabela 2: Distribuição das estratégias de negação sentencial em Helvécia, corpus Souza (2004)

	NEG1	NEG2 e NEG3	Total
Número de ocorrências	943	465	1408
Porcentagem	67%	33%	100%

Fonte: Calvacante (2007)

Como se pode observar, também há uma incidência bastante significativa de formas não canônicas de negação no dialeto baiano da cidade de Helvécia.

Souza (2004) caracteriza as três estratégias de negação da seguinte forma, conforme acredita ser seu uso na comunidade de Helvécia. A negação pré-verbal seria aquela utilizada formalmente na comunidade e não teria valor enfático. A dupla negação teria a função atenuadora descrita por Roncarati (1996). Ou seja, o objetivo de seu uso seria manter a face. E a negação pós-verbal seria utilizada em resposta breve, associada a contextos imperativos e de hesitação.

De forma similar a Camargos, no entanto, na análise dos dados, Souza (2004) considera a dupla negação e a negação pós-verbal como uma variante apenas. Segundo Souza, a negação pós-verbal seria como a dupla negação sem a realização do advérbio de negação pré-verbal.

²⁹ Diferentemente dos estudos de Roncarati (1996), Camargos(2000), Furtado da Cunha (2001), Schwenter(2005 e 2006) e Schwegler (1991), que tratam de dialetos urbanos.

³⁰ A teoria da variação também chamado de sociolinguística quantitativa, foi desenvolvida pelos linguistas Weirech, Labov e Herzog. Para saber mais indica-se a leitura de WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M (2006).

O que neste estudo contrasta com Camargos e com a maioria dos estudos são os resultados relativos às ocorrências das formas de negação entre os falantes dos diversos grupos etários. No levantamento feito por Souza são os mais velhos os responsáveis pela maior quantidade de negação não canônica. Esse tipo de achado reforçaria a hipótese defendida pelo autor de que o dialeto da comunidade investigada estaria passando por um processo de descriolização. Para o autor, os mais velhos teriam maior influência em seu falar do contato entre as línguas africanas gege e ioruba e a portuguesa, conforme pode ser observado na tabela reproduzida de Souza (2004), a seguir.

Tabela 3: Distribuição da estratégia de negação não canônica por idade na comunidade de Helvécia, Souza (2004)

Faixa etária	n.º de ocorrências/ TOTAL	Frequência	Peso relativo
Idosos	171/509	34%	.56
Adultos	204/509	40%	.57
Jovens	90/390	23%	.34
TOTAL	465/1408	33%	.29

Para investigar o dialeto da comunidade escolhida, o autor utilizou muitas das variáveis linguísticas encontradas em Roncarati (1996), acrescentando outras, o que resultou no seguinte envelope de variáveis independentes: tipo de oração, tipo de sujeito, tipo de complemento, tipo de frase, tipo de constituição do núcleo verbal, característica léxico-semântica dos verbos, sexo, faixa etária, escolaridade e estada fora da comunidade. Segundo o autor, o processamento dos dados pelo pacote de programas VarBrul apontou as variáveis linguísticas tipo de oração, tipo de frase e tipo de complemento pós-verbal como relevantes para a análise. Para a variável tipo de oração, os contextos de oração absoluta e subordinada substantiva favoreceriam significativamente o uso das negações não canônicas; os contextos oração principal, coordenada e relativa teriam uma contribuição mediana. O único contexto desfavorável seria o de oração adverbial. Para a variável tipo de frase, o contexto favorecedor foi o de resposta à pergunta direta. Para a variável constituinte pós-verbal, a não realização do complemento do verbo transitivo favoreceria as estratégias inovadoras.

Quanto às variáveis sociais, o programa indicou como relevantes sexo e faixa etária. Ambas, segundo Souza, corroboram a sua hipótese de que a dupla negação no falar da comunidade rural de Helvécia seria influência do contato entre línguas africanas e a língua portuguesa. O dialeto da comunidade teria sido formado de uma criolização. Assim, na variável sexo, serem os falantes do sexo feminino os que utilizam mais as negativas inovadoras seria explicado por serem as mulheres as que deixam menos a comunidade. A alta incidência de dupla negação entre os idosos, segundo Souza, decorreria de uma maior influência dos idiomas africanos; sua redução entre os mais jovens também ajudaria na confirmação da hipótese de descriolização da fala da comunidade estudada.

Um estudo que aborda o fenômeno da negação sob a perspectiva da fonologia é Sousa (2007). Nesse trabalho, Lilian Teixeira de Sousa afirma que a negação pré-verbal no português está passando por um processo de gramaticalização, que, segundo ela, se pode observar, a partir de evidências como a redução fonética e a contiguidade com o verbo. Ainda segundo a autora, a gramaticalização é um processo no qual um item se enfraquece fonológica e semanticamente, acaba por mudar de categoria e exercer função gramatical. Ela concorda com Hopper & Traugott (1993) quando afirmam haver um *continuum* de gramaticalidade. A mudança seria gradual e apresentaria as etapas seguintes.

(3) Item com conteúdo lexical > palavra gramatical > clítico > afixo flexional³¹

As diferenças desses elementos seriam inclusive sintáticas. Por exemplo, Sousa afirma que o advérbio de negação *não* seria uma palavra funcional, e por isso núcleo da projeção máxima. Já o item *num* possuiria uma característica de partícula átona e clítica, agregando-se, portanto, a um hospedeiro. Por este fato, não poderia ser considerado o núcleo da projeção. A linguista busca, em Sousa (2007), então, verificar em que estágio de gramaticalização estaria a forma reduzida *nu*, pois acredita que esta informação poderá indicar o estágio do processo de gramaticalização do *não*.

Sousa argumenta que o estatuto dos elementos gramaticais parece estar relacionado com a tonicidade. As formas livres seriam tônicas, ou seja, teriam acentos próprios e as formas dependentes ou presas não teriam acento próprio. Acredita que a análise da duração do

³¹ Sousa (2007).

elemento pré-verbal pode dar a informação sobre seu estatuto, por isso, em seu trabalho, é utilizado o programa Praat. Para fazer esta análise, foram utilizados dados de vinte entrevistas de trinta minutos cada, divididas em cinco grupos de faixa etária, que vão de 8 anos a mais de 60 anos.

A partir da análise acústica, a autora indica terem sido encontradas como variantes de *não* as formas *num*, *nu*, \tilde{U} e N' . Conforme exemplos abaixo, encontrados em Sousa (2007).

- (4) a. Nós *num* temo uma sapataria boa. \tilde{U} tem uma loja de tecidos boa.
 b. Mariana *nu* tem uma indústria ainda... \tilde{U} tem uma fábrica de calçados.
 c. Não, *Né* o carvão não.

A autora considera que as formas \tilde{U} e N' apresentam especificidades em relação às outras variantes. A forma \tilde{U} aconteceria somente como um elemento anafórico da negativa presente na sentença anterior. Isso seria exemplificado pelos exemplos em (4 a-b). Nesses exemplos, há uma primeira sentença negativa e na segunda sentença negativa a forma \tilde{U} estaria indexada ao marcador negativo da sentença anterior. A autora acredita que essa redução maior do elemento negativo (\tilde{U}) possa ter sua origem na sua previsibilidade. Essa forma seria a mais reduzida das formas, evidenciando, segundo a autora, uma relação entre esvaziamento semântico e redução fônica.

A forma nasal N' , segundo Sousa, só se realizaria antes de uma forma livre iniciada por vogal, ou seja, sua restrição seria fonética, não estrutural. O item nasal agrega-se à vogal inicial de uma forma verbal, formando um vocábulo único, como pode ser observado em (4c). Para a autora isso poderia fazer surgir a hipótese de que a negação no português brasileiro estaria se encaminhando para etapa de afixo.

No intuito de verificar a hipótese mencionada, a linguista primeiramente investiga a duração média dos itens negativos encontrados. Com isso, busca ratificar a hipótese de gramaticalização. Em sua análise de duração, é observado um *continuum* de diminuição de duração, que a autora acredita estar ligado à perda de tonicidade, ou seja, a redução fonética do item levaria a sua atonicidade. Esses dados são apresentados conforme tabela reproduzida abaixo.

Tabela 4: Duração média geral dos itens negativos presentes no *corpus* de Sousa (2007)

Realização	Duração (MS)
Não	150,4
Num	130,9
Nu	80,5
Ũ	55

Sousa afirma que não foi possível fazer a medição para *n* pelo fato do segmento nasal ser um som de baixa frequência e curta duração. A autora verificou que quanto maior a duração do elemento negativo, menor sua frequência nos dados analisados. Sendo assim, a frequência de *nu* é maior que a de *num*, que, por sua vez, é mais frequente que *não*. Para ela, isso indicaria que um perfil de redução da duração do segmento. Assim, de acordo com as etapas de gramaticalização apresentadas anteriormente, o *não* seria uma palavra gramatical, o *num* e o *nu* seriam um clíticos. Faltaria, assim, investigar como poderia ser classificado *n*.

A autora busca identificar na literatura especializada, então, o que determinaria que um item fosse caracterizado clítico ou afixo a fim de tentar caracterizar o item *n*. Segundo Sousa, a principal característica de diferenciação entre clítico e afixo seria relativa a sua sujeição a regras pós-lexicais ou lexicais. O primeiro estaria sujeito a regras pós-lexicais, enquanto o segundo, a regras lexicais. O caso do item nasal causaria certa dúvida em relação a estar sujeito a regras lexicais ou não, por haver uma dúvida de que esse fosse apenas um fenômeno de sândi externo³². De acordo com esta visão, o que poderia estar acontecendo com *n* é que *nu*, ao formar a sequência vogal+vogal com outra palavra sofreria elisão da vogal *u* promovendo a ressilabação (*nu* adianta *nadiana*). Contudo, a autora esclarece que, conforme Zwicky (1985), os afixos são caracterizados sintaticamente como alteradores morfofonológicos dos elementos aos quais se agregam. Essa característica é atestada pela autora como sendo presente no item nasal. Além disso, ela indica que os clíticos teriam a propriedade de unirem-se a tipos de palavras diversas, enquanto que os afixos apresentariam

maior seletividade quanto às palavras a que se agregam. Segundo a autora, o *n* apresentaria seletividade, pois ocorre apenas agregado a verbos. Assim haveria indícios tanto para caracterizar o item nasal como clítico quanto como afixo. Por isso, Sousa, ressalta que não pode caracterizá-lo de forma categórica. Para ela, os critérios de distinções entre clíticos e afixos ainda não são suficientes para uma definição exata.

Contudo, a autora parece entender que o item se classificaria melhor como um afixo. Mas seria um afixo que chama de sintático, por não ter formação no léxico. Esse tipo de afixo seria uma etapa intermediária entre o clítico e o afixo derivacional dentro do processo de gramaticalização. A autora sugere que o caso do item nasal de negação seria semelhante ao caso do afixo flexional de futuro do presente que resultou de um processo de gramaticalização de uma locução latina (*amare habeo*). Em português, essa forma mostraria indícios de sua diferenciação por aceitar mesóclise. A autora afirma que a baixa produtividade da construção de mesóclise nos dias de hoje indicaria que este afixo estaria perdendo a liberdade em relação à palavra que se agrega, ou seja, tornando-se mais dependente.

Outro estudo que investiga a negação sentencial no PB, mais especificamente no falar de três comunidades afrodescendentes, rurais, isoladas é Cavalcante (2009). O autor objetiva identificar aspectos linguísticos (inclusive restrições sintáticas), discursivos e sociais do uso da negação. Para isso, utilizou um *corpus* constituído por dezoito entrevistas informais, sendo seis da comunidade de Cinzento, seis da comunidade de Sapé e seis da comunidade de Barra e Bananal. Cavalcante identificou a seguinte distribuição das estratégias de negação em seu *corpus*.

Tabela 5: Distribuição da estratégia de negação no *corpus* de Cavalcante (2009)

	[não VP]	[não VP não]	[VP não]	Total
Ocorrências	1343	568	115	2026
Porcentagem	66%	28%	6%	100%

Fonte: Cavalcante (2009)

O autor verifica que, como apontado por outros estudos, a negativa canônica é a que apresenta maior frequência. Contudo, Cavalcante considera que, apesar de seus dados confirmarem essa

tendência, eles também apontam uma diferença importante. Para ele, o perfil geográfico e histórico das comunidades estudadas afeta a distribuição das estratégias de negação. Assim, aquelas em que o isolamento linguístico é maior e que passaram por período prolongado de contato linguístico com línguas africanas, apresentam maior utilização de estratégias não canônicas de negação. A tabela apresentada abaixo, reproduzida de Cavalcante (2009) parece indicar que sua afirmação está correta.

Tabela 6 – Frequência de [Não VP] versus perfil das comunidades

Perfil das comunidades	Comunidades	[não VP]
Comunidades não marcadas etnicamente	Natal (Furtado da Cunha, 1996)	88,6%
	Fortaleza (Roncarati, 1996)	77 %
	Belo Horizonte (Camargos, 2000)	70%
	Mariana (Alkmim, 2002)	77,1
Comunidades de origem afro estudadas em Cavalcante (2009)	Cinzento, Sapé, Rio de Contas	66%
Outras comunidades de origem afro	Helvécia (Souza, 2004)	66,9%
	Pombal (Alkmim, 2002)	64,2%

Fonte: Cavalcante(2009:253)

Em Cavalcante (2009), são analisadas variáveis linguísticas e sociais. As variáveis linguísticas investigadas foram tipo de frase (resposta a uma pergunta direta, pergunta e não resposta), tipo de oração (absoluta, principal, coordenada “livre”, coordenada introduzida por conjunção, substantiva, adverbial, relativa, causal/explicativa), realização dos argumentos verbais (complementos verbais realizados *in situ*, complemento topicalizado ou anteposto, complemento não realizado, complemento não projetado), argumento verbais-sujeito (sujeito realizado anteposto, sujeito realizado posposto, sujeito nulo referencial e sujeito nulo

expletivo), e realização fonética da partícula pré-verbal. As variáveis sociais analisadas foram sexo, faixa etária, escolarização e estada fora da comunidade.

Segundo Cavalcante, o estudo indicou a variável tipo de frase como a mais importante no condicionamento do uso das estratégias de negação sentencial. O contexto de respostas favorece, segundo os dados, as negações não canônicas e o de não resposta favorece a negação canônica. Outro dado digno de nota é a ausência de negativas não canônicas em contexto de perguntas-Qu no *corpus* investigado. Para Cavalcante, isso demonstraria uma identificação de contextos sintáticos em que algumas das variantes não canônicas são bloqueadas. Outros contextos que ele identifica como bloqueadores são orações encaixadas de qualquer tipo e orações com complementos topicalizados. Contudo, o autor esclarece que não pretende em seu trabalho investigar as razões para a impossibilidade de negação não canônica.

De acordo com Cavalcante, os resultados confirmam que a negação pré-verbal é a estrutura não marcada. Ele atribui essa afirmação ao fato de que NEG1 pode estar em sentença declarativa. Quanto aos outras duas estratégias, ele acredita que, por estarem ligadas a contextos de resposta direta, negariam conteúdos pressupostos ativados por um interlocutor. Isso seria evidenciado pelo fato das negativas não canônicas serem favorecidas nos seguintes contextos: pergunta direta, resposta direta, apagamento dos argumentos verbais, oração matriz.

Quanto às variáveis sociais, a análise através do pacote Varbrul indicou como relevante apenas a variável estada fora da comunidade. Os falantes que estiveram fora da comunidade por mais de seis meses foram aqueles que utilizaram mais a estratégia pré-verbal de negação. Para Cavalcante, isso indicaria que um maior contato com outras variedades lingüísticas favorece o uso da negativa canônica. Segundo o autor, ainda, o fenômeno nas comunidades estudadas estaria em variação estável, já que a diferença nos usos das três estratégias de negação entre faixas etárias é pequena.

Mais um estudo que contribuiu no quadro da investigação das estratégias de negação foi o de Goldnadel & Lima (2011a). Este estudo tomou como corpora o falar da Região Sul, analisando mais especificamente o da cidade de Florianópolis. Os estudiosos buscam confirmar se há fatores pragmáticos para a variação das estratégias de negação na Região Sul, através de uma análise qualitativa preliminar em entrevistas do Projeto de Variação Lingüística da Região Sul (VARSUL).

A partir de um levantamento inicial feito nas capitais da Região Sul, os autores identificam a Região como a mais conservadora entre as investigadas. Conforme demonstram na tabela comparativa abaixo.

Tabela 7: Porcentagem de Ocorrência de NEG1, NEG2 e NEG3 em Diferentes Estudos conforme Goldnadel&Lima(2011a)

Localidade	NEG1	NEG2	NEG3
Belo Horizonte (CAMARGOS 2001)	70%	27%	3%
Helvécia (Bahia) (SOUZA, 2004)	67%	33%	
Natal (CUNHA, 2001)	88,6%	10,8%	0,6%
Florianópolis (Dados do VARSUL)	95,6%	4,4%	0
Curitiba (Dados do VARSUL)	97%	3%	0
Porto Alegre (Dados do VARSUL)	99,4%	0,6%	0

Os autores observam que a quantidade expressiva do uso de negações não canônicas revela a realidade de apenas duas das regiões estudadas do país, regiões Sudeste e Nordeste. Para uma compreensão do fenômeno em sua abrangência mais geral, seria necessário verificar as demais regiões. Por isso, a verificação de dados da região Sul traria contribuição à descrição do fenômeno no português brasileiro. Além disso, os estudiosos alegam que por ser a Região Sul a mais conservadora, essa apresentaria o *corpus* ideal para a estudo das características do momento inicial do fenômeno de variação. Argumentam, ainda, que os aspectos linguísticos,

mais especificamente pragmáticos, deveriam ter maior destaque no estudo das estratégias de negação na literatura especializada brasileira, pois seriam eles importantes condicionadores do fenômeno.

Os linguistas sustentam que o fenômeno da variação da negação tem caráter discursivo. Contudo, segundo Goldnadel & Lima (2011a, 2011b), muitos estudos quantitativos não atentam para uma investigação que vise à identificação de aspectos pragmáticos pertinentes ao fenômeno da negação não canônica, mesmo tendo meios para testar esses fatores. Por isso, têm o objetivo de demonstrar que a dupla negação é condicionada pragmaticamente em um estágio inicial da variação, baseando-se nos dados da cidade de Florianópolis. Os dados foram retirados da análise do uso das estratégias de negação sentencial em nove entrevistas de informantes da cidade citada.

No trabalho, é testada a hipótese de Schwenter (2005 e 2007), a qual afirma que as negações não canônicas veiculam conteúdo ativado no discurso no início do processo de variação. No caso da Região Sul, o estudo verificou apenas os casos de dupla negação, já que essa região não apresenta ocorrências de enunciados com Neg3. Além disso, o estudo busca identificar condicionantes pragmáticos, de uma forma mais geral. Isso pode ser identificado pelo pacote de variáveis selecionadas para a investigação quantitativa. Os autores indicam que muitas das variáveis linguísticas foram selecionadas para fazer parte do pacote por serem consideradas favorecedoras em outros estudos e terem cunho pragmático. São elas: tipo de enunciado (pergunta, resposta sim/não, resposta e asserção), posição da frase no turno (inicial e medial), tipo de discurso (direto e não direto), posição da oração na frase (começo, meio e fim), tipo de oração (absoluta, principal, coordenada, relativa explicativa e restritiva, substantiva objetiva, subjetiva e completiva, e adverbial), tipo de sujeito (não realizado, realizado e inexistente) e *status* informacional do conteúdo negado (ativado no discurso por uso literal em oração anterior na mesma frase, ativado no discurso por uso inferência em oração anterior na mesma frase, ativado no discurso por uso literal na frase imediatamente anterior, ativado no discurso por inferência a partir de frase imediatamente anterior, ativado no discurso por uso literal em frase não imediatamente anterior, ativado no discurso por inferência a partir de frase não imediatamente anterior e não ativado). Também são avaliadas as variáveis sociais sexo, faixa etária (menos de 50 anos e mais de 50 anos) e escolaridade (primário, ginásio e segundo grau). As variáveis linguísticas apresentadas pelos estudiosos, a região estudada e objetivo diferenciam este dos outros estudos apresentados até agora nesta seção.

No estudo, o processamento dos dados através de um programa estatístico, após feitos amalgamas, revelou como significativas as variáveis *status* informacional do conteúdo negado, tipo de oração, escolaridade e tipo de enunciado, nessa ordem. Isso indicaria, segundo eles, que a ativação discursiva seria determinante para o uso de dupla negação. Eles argumentam que os dados demonstram, ainda, que quanto maior a proximidade do conteúdo previamente ativado, maior o peso relativo encontrado. Isso quer dizer que quanto maior a ativação, por ser mais recente, maior o favorecimento da dupla negação. Para os linguistas, a análise dos dados indicaria que a no início da década de 90, momento registrado pelas entrevistas, a Região Sul estaria em um estágio inicial de variação, no qual a ativação discursiva teria papel de relevo para a veiculação de enunciados com dupla negação. No entanto, os autores mencionam que o estudo ainda estaria em uma etapa preliminar, mas que o reconhecimento de restrições pragmáticas para a realização de negações não canônicas possibilitaria investigações que permitiriam uma compreensão do processo e da trajetória de mudança.

Esta subseção tratou de apontar brevemente alguns estudos que buscaram identificar e descrever o fenômeno de variação da negação sentencial em português brasileiro através, principalmente, de análises estatísticas. Conforme o que foi apresentado anteriormente pode-se identificar que a alternância da negação sentencial no português brasileiro é mais evidente na região Nordeste do país do que na Região Sul, a mais conservadora. Mas devemos atentar para o fato que há várias regiões que ainda não foram investigadas. Pudemos perceber que conforme alguns autores o contato entre línguas pode ter papel na utilização de formas negativas inovadoras. Como mencionado em Goldnadel & Lima (2011a), acredita-se que, na literatura especializada brasileira, há muitos trabalhos que poderiam ter aprofundado uma reflexão sobre as motivações linguísticas para a variação identificada.

2.2 Contribuições de estudos do fenômeno de dupla negação no PFB a partir de uma abordagem pragmática

Na subseção anterior foram abordados estudos que se propuseram a descrever a negativa sentencial em localidades específicas do Brasil, sem, contudo, desenvolver um estudo mais aprofundado sobre os fatores pragmáticos envolvidos na realização de enunciados com negativas não canônicas. Nesta seção, os trabalhos a serem apresentados terão em

comum a busca por uma explicação que tenha como foco uma análise discursiva do uso não canônico da negação sentencial.

Um desses trabalhos é o de Roncarati, no qual é investigado o falar do estado do Ceará. Em Roncarati (2006), é descrito os usos da negação sentencial do falar de Fortaleza através de uma análise quantitativa de um corpus de entrevistas sociolinguísticas. Por meio do programa Varbrul, foram analisadas, segundo a autora, 822 sentenças negativas proferidas por 12 informantes cearenses de 10 a 42 anos, extraídas dos dados das entrevistas. A autora considerou em sua análise diferentes fatores: tipo de frase, posição da oração negada dentro do turno, tipo de sujeito, tipo de constituinte pós-verbal, escopo da negação, e replicação de verbo presente em turno imediatamente anterior. A análise estatística foi realizada pela submissão ao programa Varbrul. A tabela a seguir resulta da simplificação da tabela 1 apresentada no artigo original da autora, originalmente apresentada em Calvacante (2007)³³.

Tabela 1: Distribuição das estratégias de negação sentencial em Fortaleza, *corpus* Roncarati (1996)

	Neg 1	NEG2	NEG3	Total
Número de ocorrências	625	149	39	813
Porcentagem	77%	18%	5%	100%

Fonte: Cavalcante (2007)

Embora haja uma grande diferença percentual entre o uso de NEG1 em relação a NEG2 e NEG3, a quantidade de ocorrências de negação não canônica encontrada pela autora pode ser considerada significativa. Assumindo uma posição funcionalista, a autora adere à tese givoniana de que toda negação é pressuposicional. Para a autora, as sentenças negativas apresentam um estatuto diferente das sentenças afirmativas, pois aquelas negam conteúdos pressuposicionais que o falante considera errôneos ou distorcidos. Assim, as negações são mais marcadas, pois são utilizadas para desfazer uma crença errada do interlocutor. Observe o exemplo de Roncarati (2006) para esta afirmação.

³³ A tabela apresentada, extraída de Cavalcante (2007:24) corrige a soma dos valores encontrada em Roncarati (1996:103).

(5) A: Sim, mas cê tava falando que... é esse seu irmão que bebe?

B: É não.

A linguista afirma que no exemplo em (5) o que o falante B estaria negando uma crença errônea do interlocutor de que o irmão em questão era o mesmo que havia sido mencionado como o que bebia. Por ela acreditar neste caráter denegativo da negação, ou seja, de correção, o uso de um enunciado negativo implicaria em uma *ameaça potencial à face do interlocutor* presente na interação verbal. Para que essa *ameaça* fosse atenuada, os falantes utilizariam uma estratégia de minimização ou atenuação para fins de negociação ou acordo verbal. Este princípio seria o de “preservação da face” (proposto, segundo a autora, por Goffman, 1955 e 1967).

Através da apresentação dos dados estatísticos obtidos³⁴, a autora afirma que Neg1 e Neg2 poderiam ser consideradas como orações independentes, as quais não precisariam ser vinculadas a uma oração principal. Quanto à Neg3, ela precisaria ser vinculada a uma oração, pois, mesmo aparecendo quase que exclusivamente em orações absolutas, cf. Roncarati (2006, p.102), seriam construções elípticas que teriam uma restrição de referencia a tópicos previamente introduzidos ou informações ativadas. Para a autora, esse fato, explicaria porque Neg3 tenderia a ocorrer, pelos dados encontrados em sua análise, em orações independentes e absolutas. Ela também afirma que esse fato explicaria por que os argumentos verbais (sujeito e objetos) tenderiam a não ser realizados. A autora concorda com Golçalves (1993), que, apesar de sintaticamente independente, a negação pós-verbal se comporta como dependente para sua completude de sentido. Segundo a autora a natureza elíptica da Neg3 eliminaria qualquer informação redundante, sendo assim uma forma econômica e *despachada* de negar. A autora também indica que é justamente por este traço que, na verificação dos dados estatísticos, teria sido registrada uma alta frequência de “repetição do verbo do entrevistador”. Haveria, assim, a atuação de um princípio chamado de *traço propulsor*, que indica que formas elicitadas pelo interlocutor tendem a se repetir na fala do interlocutor.

Embora sua caracterização pragmática das negativas sentenciais não seja conclusiva, Roncarati sugere como possibilidade uma análise em que a negação canônica teria um caráter pressuposicional neutro, factual. A dupla negação teria a função discursiva de preservação da

³⁴ Ao contrário de outros estudos mencionados na seção anterior, em Roncarati (2006) as análises estatísticas não apontaram nenhuma variável social como favorecedora.

face. A negação pós-verbal, por sua vez, seria característica de situações em que o falante não alimenta expectativa de interação continuada, sendo uma forma “despachada” de negar.

Uma outra autora que faz um trabalho de cunho funcionalista é Furtado da Cunha. A autora também adere a ideia givoniana de que a negação é pressuposicional. Contudo, em Furtado da Cunha (2001 e 2007), diferentemente dos demais autores, utiliza um corpus que contém, além de textos de língua falada, textos de língua escrita da cidade de Natal. Para a composição do corpus, a autora informa que foram quatro os informantes distribuídos de forma homogênea pelas variáveis sociais sexo, grau de escolaridade (oitava série, terceiro ano do ensino médio e universitário) e tipo de escola (pública e privada). Na coleta foi solicitado que os informantes produzissem cinco textos em língua falada, baseados em cinco textos em língua escrita distribuídos em uma narrativa de experiência pessoal, uma narrativa recontada, uma descrição de lugar, um relato de procedimento e um relato de opinião. Na porção do corpus de língua falada, a pesquisadora constata uma quantidade considerável de ocorrências de negações sentenciais não canônicas. Nos textos escritos, contudo, a negação canônica é categórica³⁵. Essa diferença aparece na tabela abaixo.

Tabela 2: Distribuição das estratégias de negação sentencial em Natal por modalidade e escolaridade, *corpus* Furtado da Cunha (2001 e 2007)

	Fala (1465)			Escrita (184)		
Escolar	não+ SV	não+SV+não	Sv + não	não+ SV	não+SV+não	Sv + não
8a.	293	67	5	55	-	-
3a.	508	52	2	63	-	-
Univ	497	39	2	66	-	-
Total	1298	158	9	184	-	-

³⁵ É digno de nota o fato de mesmo a negação canônica ter uso diminuído nos dados de texto escrito. Para autora isso se explicaria pelo fato de que é na fala que rejeições e negações explícitas ocorrem com maior frequência pela sua natureza interativa.

Um fato que chama atenção na investigação da autora é a diminuição do número de ocorrências de estratégias não canônicas à medida que aumenta o grau de escolarização do falante.

A autora parece estar interessada em comprovar certas teses funcionalistas, segundo as quais no processo de variação da negação estariam envolvidos dois princípios funcionais em competição, o da iconicidade e o da economia. Para a estudiosa, a “a língua é uma arena interativa, onde sub-sistemas competidores encontram seu equilíbrio dinâmico em um compromisso eclético” (Furtado da Cunha, 2001:16). A variação seria uma competição dinâmica e constante entre a iconicidade e a economia. No caso da negação não seria diferente, segundo a lingüista. Em Furtado da Cunha (2001 e 2007), é assumido que o início da variação na negação sentencial no português falado brasileiro seria causado pela erosão fonética do advérbio de negação pré-verbal, evidenciando a ação do princípio da economia. Entretanto, em função da importância do elemento negativo, surgiria um novo elemento, satisfazendo o princípio da iconicidade, constituindo, assim, a dupla negação. Segundo esse princípio, quanto maior a relevância e imprevisibilidade da informação, maior a quantidade de forma. Para autora, o surgimento de Neg3 também teria associado o princípio da economia.

Furtado da Cunha considera que o português brasileiro está em um processo de gramaticalização. Isso seria ratificado por certos aspectos que concernem as estratégias de negação sentencial, tais como a sobreposição quanto aos usos das negações, o enfraquecimento fonológico e semântico como gatilho para as formas inovadoras, a iconicidade e a reanálise do marcador pós-verbal, que passa a ser regular. A existência de NEG2 em PFB representaria, segundo a autora, um estágio de transição dentro do processo de gramaticalização. Esse processo teria sido iniciado pela redução fonética do advérbio de negação pré-verbal. Essa redução, por sua vez, segundo a linguista é reflexo de um efeito de repetição, ou seja, a frequência de uso de NEG1 potencializaria a perda de informação. NEG2 seria, dessa forma, motivada por uma necessidade comunicativa de clareza. Essa estratégia inovadora teria, no entanto, a função de marcar uma pausa temática. Observe os exemplos mencionados pela autora.

- (6) o Grupo Agraphos dirigiu a música, o cântico oficial, né, do congresso que falava sobre o tema, né, falava sobre a bíblia e dirigia, **não vou falar agora a letra do cântico não** que é muito difícil, mas o Grupo Agraphos né, da igreja de Santarém e Jordão, eles dirigiam esse cântico.

Para Furtado da Cunha, a dupla negação seria utilizada em contextos como os apresentados em (6) e (7), em que ela acredita que haveria uma pausa temática ou digressão. No caso em (6), a autora argumenta que a informante falava sobre o congresso de protestantes e que o tópico era o Grupo Agraphos, que tocaria o hino oficial. Assim, o uso de NEG2 seria utilizada quando a falante faz um comentário sobre a letra do hino, ou seja, quando teria abandonado temporariamente o tópico. Em (7), a autora declara que a dupla negação ocorreria como detalhe sobre o assunto central, suspendendo o tópico *as crianças* que seria o tópico principal do relato sobre um filme chamado *Pet Sematary*.

- (7) aí tentaram sair do cemitério, num acharam mais a saída, ficaram muito assustados e voltaram pra casa. conseguiram sair de lá e voltaram pra casa, num sei como. meu irmão disse que também num entendeu não como eles conseguiram voltar em casa.

No que diz respeito a NEG3, a linguista afirma que seria uma estratégia que surgiu a partir do principio da economia. Furtado da Cunha informa que seus dados indicam esse tipo de estratégia seria característico de situações de diálogos informais.

Dessa forma, procura explicar a trajetória das estruturas de negação em português brasileiro, encarando-as como etapas de um processo contínuo de gramaticalização. Embora faça uma revisão da literatura no que diz respeito ao valor pragmático associado às formas de negação sentencial, a autora limita-se a considerar a presença de dupla negação como uma estratégia de pausa temática, uma digressão, ou seja, um desvio momentâneo do tópico discursivo, e a de negação pós-verbal como um uso marcado pragmaticamente, tipicamente presente em respostas a perguntas diretas.

Outro autor que se destaca pelo trabalho de caráter abrangente, caracterizado por considerações históricas, sociais, fonológicas e pragmáticas é Schwegler. O autor, em seu artigo de 1991, observa os falares de cidades São Paulo, Rio de Janeiro e Salvador. Os dados coletados consistem em gravações de conversas espontâneas, de entrevistas, de respostas espontâneas a perguntas curtas; em transcrições in situ; e em resposta a um questionário de aceitabilidade contendo varias combinações de usos de negação escritas. Em seu trabalho, Schwegler propõe-se a verificar a distribuição das negações sentenciais, o escopo semântico

das forma inovadoras e quais seriam os estágios de desenvolvimento da negação pós-verbal diacronicamente³⁶.

Num primeiro momento, Schwegler estabelece uma distinção entre tipos de sentenças que admitem as três formas de negação. O estudioso afirma que as modalidades de sentenças declarativas em resposta a uma pergunta, declarativas espontâneas, interrogativas e imperativas aceitam as três estratégias de negação. A distribuição das estratégias, no entanto, não seria uniforme. A negação pós-verbal, Neg3, não seria possível em sentenças declarativas em resposta que apresentam o marcador negativo absoluto anteposto e pronome sujeito realizado, como no exemplo abaixo.

(8) A: Você fala português não?

B: Não, eu não falo.

Não, eu não falo não.

*Não, eu falo não.

Num segundo momento, o linguista verifica que não há diferenças semânticas entre as estratégias de negação. No entanto, afirma que há diferenças pragmáticas importantes. Observa que na Bahia, e no Nordeste de uma forma geral, as negações não canônicas são a norma, exceto para as declarativas espontâneas. Para ele, isso seria uma evidencia de que a partícula negativa posposta perdeu seu traço enfático por um processo de desmarcação pragmática. Nas declarativas espontâneas, no entanto, a incidência menor de negação não canônica seria devida à persistência da distinção pragmática. Assim NEG1 seria a forma neutra e NEG2 e NEG3 seriam pressupicionais. Observe os enunciados que o autor utiliza para demonstrar sua afirmação.

(9) a. Quando estive no Rio, não fui na praia.

b. Quando estive no Rio, (não) fui na praia não.

³⁶ É digna de nota a tentativa de um levantamento exaustivo das estruturas oracionais das negativas sentenciais realizado em seu estudo.

Para o autor na sentença em (a) não há pressuposição, pois ela simplesmente assevera uma proposição; na sentença em (b), há pressuposição, pois constituiria uma oposição a uma correspondente afirmativa. Este último caso é ainda, segundo o autor, sentido como uma negativa enfática.

A partir da observação dos dados coletados, o autor constata que Neg3 não ocorre em orações subordinadas. Ele chama atenção para o fato de que esta restrição passou despercebida da literatura especializada, por haver uma confusão com a posição do operador de negação pós-verbal pertencente a estratégia de dupla negação com o operador de negação pós-verbal da estratégia de negação pós-verbal. Observe³⁷.

- (10) a. Eu **não₁** sei se você **não₁** está mentindo.
 b. Eu **não₂** sei se você está mentindo **não₂**.
 c. * Eu **não₁** sei se você está mentindo **não₃**.
 d. Eu **não₁** sei se você **não₂** está mentindo **não₂**.
 e. Eu **não₂** sei **não₂** se você **não₂** está mentindo **não₂**.
- (11) a. Eu sei se você **não₁** está mentindo.
 b. Eu sei se você **não₂** está mentindo **não₂**.
 c. * Eu sei se você está mentindo **não₃**.

Para Schwegler, os estudiosos da literatura especializada teriam interpretado erroneamente sentenças como em (10b) como um caso de (10c). Assim, não teriam percebido que Neg3 é agramatical em orações subordinadas, e que, na verdade, seria o escopo de Neg2 maior do que o previsto. Ou seja, Neg2 pode ter posicionado o seu segundo advérbio de negação no final de sentença, não somente no final da oração e ainda fazer parte da oração principal. A agramaticalidade de Neg3 em subordinada fica mais evidente em (10c), em que a oração principal está na forma afirmativa. O autor conclui que Neg2 pode se realizar em orações

³⁷ As marcações 1, 2 e 3 subscritas indicam que o advérbio em questão está funcionando como parte das estratégias de negação Neg1, Neg2 ou Neg3, respectivamente.

principais e subordinadas. Nos casos em que é parte da oração principal pode ter um dos advérbios de negação na posição pré-verbal e outro na posição pós-verbal no fim da oração (10e) ou em final de sentença (10b).

Curiosamente, em determinado ponto de seu trabalho, muda sua posição quanto à diferenciação entre as três estratégias, já que, ainda no mesmo estudo, na página 204, se lê a seguinte declaração:

(...), o contexto discursivo, deve – ao menos provisoriamente – ser descartado, uma vez que a variação no uso de uma determinada NEG parece não coincidir com os padrões significativos do discurso de natureza pragmática, nem com diferenças pressuposicionais claramente identificáveis.³⁸

Nessa passagem, diferentemente do que o autor havia afirmado anteriormente, parece considerar irrelevante qualquer fator pragmático na seleção da estratégia de negação, mantendo a posição de que a escolha depende do dialeto regional, idioleto e modalidade da sentença (declarativa em resposta a uma pergunta, declarativa espontânea, interrogativa, imperativa).

Em um terceiro momento, sugere uma hipótese para origem do surgimento da dupla negação em português brasileiro. Sob perspectiva diacrônica, que também é adotada por Biberauer (2009) ao falar do *africâner*, Schwegler acredita que o *não* final, da dupla negação, pode ter sido originado de um operador de negação final que era utilizado como função de provocar ênfase. Este teria subsequentemente entrado para o contorno entoacional da sentença.

- (12) a. Não vem aqui, não! > Não vem aqui não
 b. Não faz isso, não! > Não faz isso não

Nas suas conclusões, sua posição muda novamente quanto ao estatuto pragmático do uso das estratégias de negação em português brasileiro. Schwegler volta a considerar que o

³⁸Tradução minha do original: (...) context of discourse, must – at least provisionally – be ruled out, inasmuch as variation in the use of a given NEG seems not to coincide with meaningful patterns of discourse pragmatic nature, nor with clearly identifiable presuppositional differences. (Schwegler, 1991, p.204)

não pós-verbal em declarativas emerge somente quando o que está sendo negado é uma proposição já asseverada ou implícita no discurso precedente, o que teria sido, em momento anterior, uma característica de todas as modalidades de sentença com negação não canônica. Segundo ele, o aumento da frequência de uso teria provocado uma desmarcação pragmática.

Um linguista que empreende um estudo voltado para a verificação de distinções pragmáticas entre as estratégias de negação no PFB é Schwenter. Em seu trabalho de 2005, observa um corpus do falar da cidade do Rio de Janeiro, além de exemplos criados e submetidos a aceitação de falantes nativos. O autor aponta para o fato de que uma caracterização pragmática das formas não canônica de negação sentencial não recebe, na maior parte da literatura especializada, uma formulação adequada. Critica os autores que consideram a dupla negação como pressuposicional, lembrando que esta característica não a diferencia da negação canônica. Em relação a alegação de que a dupla negação teria um caráter enfático, pondera que muitos dos usos atestado parecem não possuir a característica de ênfase. Em Schwenter (2005 e 2006), o autor alega que as postulações acima, apesar de serem intuitivamente aceitas facilmente, não seriam suficientes para determinar de um modo preciso restrições para o uso das negativas inovadoras. Para a construção da hipótese por ele defendida, o autor esclarece em Schwenter (2005) que sua abordagem leva em consideração o modelo de estrutura informacional presente em Prince (1992), por considerar que Prince teria evidenciado uma importante distinção entre o status discursivo e status do ouvinte³⁹. Poderiam haver as seguinte configurações:

- (13) a) novo no discurso, velho para o ouvinte
 b) novo no discurso, novo para o ouvinte
 c) velho no discurso, velho para o falante
 d) [velho no discurso, novo para o ouvinte]⁴⁰

Também considera a distinção proposta por Dryer (1996) sobre status de crença e status de ativação. Nessa distinção, Dryer teria afirmado que a crença de em uma proposição não está relacionada com sua ativação discursiva. O falante pode acreditar, por exemplo, que a linguística é uma área muito interessante, mas essa proposição pode não estar ativa em uma

³⁹ No entanto nota que o estudo de Prince considera apenas NPs.

⁴⁰ Este caso, esclarece Schwenter aconteceria quando por motivo de desatenção, por exemplo, o ouvinte não teria notado a introdução do referente.

conversa sobre sua viagem de férias. Com isso, Schwenter pretende utilizar esta diferenciação para esclarecer a distinção entre Neg1 e Neg2, 3.

Com diversos exemplos bastante convincentes, o autor procura demonstrar que a dupla negação e a negação final são recursos possíveis apenas quando o conteúdo negado é ativado no discurso⁴¹. Segundo a hipótese defendida, conteúdos novos no discurso e novos para os falantes ou novos no discurso e velhos para os falantes não seriam possíveis com NEG2 ou NEG3. Em Schwenter (2006), defende a mesma tese a partir da observação de dados do português, do catalão e do italiano. Com os exemplos apresentados, o autor pretende evidenciar o que seria a função pragmática da negação não canônica comum às três línguas investigadas: marcar conteúdo ativado no discurso. A constatação feita pelo autor leva-o a supor que o estágio inicial do processo de mudança da posição do operador de negação (ou seja, o estágio inicial do ciclo de Jespersen) seria sempre um momento em que um segundo elemento negativo aparece para marcar informação ativada no discurso.

Segundo o ponto de vista encontrado em Schwenter (2005, 2006), em suas primeiras aparições nas línguas, enunciados com dupla negação caracterizam-se por marcar o conteúdo proposicional do enunciado negativo como discursivamente ativado. Um conteúdo discursivamente ativado não é o mesmo que um conteúdo pressuposto. Todo conteúdo pressuposto, no sentido clássico do termo, é compartilhado entre os interlocutores. Nem todo conteúdo ativado, no entanto, é conteúdo pressuposto. Caso típico é aquele em que o conteúdo ainda não se encontra confirmado como parte dos conteúdos compartilhados, como na situação de pergunta/resposta, ilustrada em (14).

(14) A: Pedro, você avisou Helena sobre o cancelamento?

B1: Não.

B2: Não avisei.

B3: Não avisei não.

⁴¹ A distinção entre conteúdo compartilhado entre os interlocutores e conteúdo ativado no discurso é apresentada mais adiante neste trabalho.

Nesse exemplo, quando o falante A profere o enunciado interrogativo, ativa a proposição “Pedro avisou Helena sobre o cancelamento”. Essa proposição, no momento da resposta de B, no entanto, não está pressuposta. Nem poderia estar, já que conteúdo pressuposto é apenas aquele compartilhado entre os interlocutores. Considerando que perguntas são solicitações de informação, seus conteúdos, por definição, não são pressupostos, ou seja, não são compartilhados.

Assim como nem todo conteúdo ativado discursivamente é pressuposto, nem todo conteúdo pressuposto é ativado discursivamente. Todos nós compartilhamos uma quantidade impressionante de conteúdos com nossos interlocutores. A maioria deles não está ativada nas nossas trocas conversacionais, dado que elas se caracterizam pelo intercâmbio de conteúdos tematicamente restritos. Sendo assim, mesmo que uma pessoa pressuponha, em relação ao seu interlocutor, o conteúdo de que o Brasil é um grande produtor de café, esse conteúdo normalmente não estará ativado em uma conversa sobre o campeonato de futebol.

Deve-se, portanto, estabelecer uma distinção muito precisa entre conteúdos ativados e conteúdos pressupostos. Enquanto conteúdos pressupostos são aqueles mutuamente compartilhados entre os interlocutores⁴², – como resultado da troca conversacional em curso, de trocas anteriores ou de compartilhamento cultural –, conteúdos ativados discursivamente são apenas aqueles que, de alguma forma, foram suscitados durante o intercâmbio verbal. Decorre disso que um conteúdo pode ser pressuposto sem estar ativado no discurso, e um conteúdo pode ser ativado no discurso sem estar pressuposto. Nada impede que um conteúdo seja pressuposto e discursivamente ativado, mas é preciso ficar claro que são dois conceitos que envolvem aspectos distintos da interação: pressuposição envolve acordo sobre conteúdos, ativação envolve acessibilidade local de conteúdos.

A hipótese de Schwenter, então, é a de que enunciados com NEG2, nos estágios iniciais de uso nas línguas, marcam pragmaticamente conteúdo discursivamente ativado. Seria por essa razão que, entre as possíveis respostas do falante B em (14), encontram-se formas

⁴² Adoto aqui a concepção clássica de pressuposição do falante, encontrada em Stalnaker (1974), segundo a qual os conteúdos pressupostos pelos falantes em uma troca conversacional são aqueles que consideram mutuamente compartilhados. Embora essa concepção tenha sido questionada com bastante propriedade, por exemplo, em Sperber e Wilson (1986), esses autores admitem a necessidade de incorporar na descrição de fenômenos pragmáticos alguma ideia de mutualidade (cf. o conceito de *manifestabilidade mútua* encontrado nesses autores). Para os propósitos desse artigo, a concepção clássica é suficiente.

não canônicas de negação sentencial⁴³. Nesse caso, o conteúdo estaria ativado pela pergunta do falante A. Schwenter chama a atenção para o fato de que é a ativação que licencia a negação não canônica, como revela o contraste entre (15) e (16), exemplos do italiano apresentados pelo autor.

(15) A: Chi vieni a prenderti?
Quem vem te pegar?

B: Non so. Ma Gianni non ha (*mica) la macchina.

Não sei. Mas o Gianni não tem carro (*não).

(16) A: Chi vieni a prenderti, Gianni?
Quem vem te pegar, o Gianni?

B: Non so. Ma Gianni non ha (mica) la macchina.

Não sei. Mas o Gianni não tem carro (não).

Em (15), ao responder ao falante A, o falante B não encontra menção a qualquer indivíduo, o que impediria considerar seu modo de locomoção. Em (16), ao contrário, a menção precedente a um indivíduo poderia fazer supor que ele tivesse um carro. Segundo Schwenter, a não aceitação da resposta em (15), contendo o item de polaridade negativa *mica*, decorre do fato de não haver no discurso precedente nada que permita inferir que Gianni tem um carro. Em (16), há na pergunta uma referência a Gianni, o que, segundo Schwenter, permitiria, no contexto do diálogo, disparar inferências sobre o seu modo de locomoção, dando relevo à suposição de que ele teria um carro. Só isso seria suficiente para tornar a (suposta) posse de um carro por Gianni conteúdo ativado no discurso (por inferência), o que licenciaria o uso da dupla negação.

O contraste entre (15) e (16) revela que o conteúdo ativado não precisa ter sido veiculado anteriormente de modo explícito no diálogo. Muitos conteúdos tornam-se ativados ao longo das trocas conversacionais por meio dos mais variados tipos de inferência. Um conteúdo pode ser ativado por acarretamento semântico ou lógico, ou por inferências

⁴³ Para o autor, as formas não canônicas só são aceitáveis quando o conteúdo é ativado. Nada impede, no entanto, que sejam usadas as formas canônicas para veicular conteúdo ativado discursivamente, como em (1b) e (1b').

pragmáticas, como implícitos e pressupostos. Por hipótese, todos esses modos de ativação seriam, segundo a suposição de Schwenter, licenciadores dos usos de dupla negação no momento em que essa variante começa a ingressar no sistema linguístico. Para Schwenter, então, o aspecto relevante a ser considerado nos casos de negação não canônica é a ativação de conteúdos, e não a o compartilhamento prévio. Um conteúdo compartilhado, mas não ativado discursivamente não é suficiente para licenciar NEG2, como ilustra o exemplo (17)⁴⁴.

(17) [Contexto: De manhã, um casal percebe um vazamento no cano da cozinha e liga para o encanador solicitando uma visita sua. O marido sai e pede para a esposa ficar em casa aguardando o atendimento. Quando chega mais tarde em casa, o marido vai até a cozinha e vê que o cano continua furado. Nesse momento, a esposa entra na cozinha e profere o seguinte enunciado.]

A: O encanador não veio (*não).

Em (17), não basta que a informação de que o encanador não tenha vindo esteja pressuposta (o que fica garantido pela constatação de que o cano continua vazando) para que a dupla negação possa ser usada⁴⁵. Segundo Schwenter, a não aceitação do enunciado com dupla negação decorre do fato de que, mesmo pressuposto, o conteúdo negado, no momento do enunciado, não está ainda ativado discursivamente. Cabe ressaltar ainda que um simples olhar interrogador, um gesto com algum valor discursivo alusivo à vinda do encanador seria suficiente para licenciar NEG2.

No entanto, Schwenter aponta que haveria casos em que parece haver um tipo de acomodação de um conteúdo como ativado pelo falante para utilização de Neg2. Um dos exemplos que o linguista utiliza para ilustrar este tipo diferenciado de Neg2 é apresentado abaixo.

(18) A: Ano que vem a gente vai viajar para Salvador.

B: Quando vocês chegarem lá, não vão ao restaurante Irina não, porque esse lugar é muito ruim e quando a gente comeu lá todo mundo ficou doente.

⁴⁴ Exemplo de Schwenter (2005).

⁴⁵ Schwenter identifica que a dupla negação não se realizaria também quando a negação fosse metalinguística.

O autor argumenta que esse uso de Neg2 seria uma estratégia de introduzir um novo tópico discursivo, no caso, um restaurante específico, que é indiretamente relacionado com o tópico viagem futura a Salvador. Todavia, o linguista não considera esse uso um contra-exemplo a sua hipótese relacionada à estrutura informacional. Para o linguista, o uso em (18) e o uso mais prototípico apresentado em (14) se relacionariam ao tópico discursivo. O primeiro seria uma estratégia de mudança de tópico, ainda que um tópico relacionado ao anterior, e o segundo, uma estratégia de sinalização da continuação do tópico.

Quanto ao uso de Neg3, o autor afirma que o seu uso também dependeria de ativação discursiva. Porém, Neg3 apresentaria uma restrição maior. Enquanto Neg2 seria licenciada por ativação de conteúdo expresso de modo literal ou obtido por inferível, a Neg3 somente seria possível por uma ativação de conteúdo expresso literalmente. Abaixo alguns exemplos apresentados em Schwenter (2005).

- (19) A: Você gostou da palestra da Maria?
B: Gostei não.

- (20) A: Você gostou da palestra da Maria?
B: # Fui não.

Em (19), seria possível o uso de Neg3, segundo Schwenter, pois a proposição negada (B gostou da palestra da Maria) seria diretamente ativada pela pergunta de A. Em (20), Neg3 não poderia ser utilizada porque a proposição (B foi a palestra da Maria) foi ativada por inferência. Se A perguntou se B gostou da palestra da Maria é porque A acredita que B foi à palestra.

A partir de exemplos como esses, Schwenter apresenta e defende sua hipótese de que formas não canônicas de negação, nos estágios iniciais de uso, estão restritas à expressão de conteúdos ativados no discurso, sendo essa, portanto, a sua função pragmática. Essa função seria encontrada não apenas no português e no italiano, mas também no catalão atual. Em resumo, no quadro teórico desenvolvido por Schwenter, o critério fundamental de distinção seria o status discursivo. Segundo esse critério, a negação pré-verbal seria a forma não marcada, admitindo todas as situações pragmáticas possíveis: novo no discurso, inferível a partir do discurso, e diretamente ativada no discurso. À dupla negação caberia a marcação do

que é ativado (uso literal ou inferível). Finalmente, à negação pós-verbal caberia marcar somente o que é ativado de forma literal. Esse conjunto de considerações pode ser visualizado no quadro a seguir.

Forma	Novo no discurso	Inferível	Diretamente ativado
NEG1	OK	OK	OK
NEG3	#	OK	OK
NEG3	#	#	OK

Em Schwenter, a negação simples é abordada apenas para estabelecer um contraste com as formas não canônicas. Não fica claro se o autor adere ao posicionamento de Givón em relação à negação simples. Na seguinte passagem, por exemplo, o autor parece sugerir que concorda com o fato de que negação simples seja pressuposicional.

NEG1 é livre para negar expectativas que são estritamente velhas para o falante e/ou o ouvinte, mas novas no discurso, ou seja, proposições que não foram “disparadas” de nenhuma forma pelo conteúdo do discurso em curso. (Schwenter, 2005, p.1452)⁴⁶

Embora o autor não seja explícito em assumir a proposta de Givón, segundo o qual a negação sempre tem um caráter denegativo, em nota de rodapé para o trecho acima, assume o ponto de vista de Thompson (1998), segundo o qual a negação pré-verbal tem uma função denegadora.

A limitação pragmática a estruturas não canônicas, apresentada em Schwenter (2005 e 2007), seria típica de uma fase inicial do processo de mudança linguística. O autor não descarta, no entanto, que esta poderia enfraquecer-se, de modo que a língua, poderia, futuramente, passar por um processo de gramaticalização da nova estrutura, generalizando o uso das estratégias não canônicas. Para o autor, portanto, a função pragmática de marcar conteúdo ativado no discurso seria o estágio inicial experimentado por toda a língua que completou o ciclo de Jespersen.

⁴⁶ Tradução minha do original: NEG1 is free to deny expectations that are strictly speaker – and/or hearer-old but discourse-new, i.e., propositions that have not been “triggered” in any way by the content of ongoing discourse.

Em Goldnadel et al (2013), os autores investigam a pragmática da dupla negação no português falado brasileiro na Região Sul do Brasil. Mais especificamente no falar da cidade de Florianópolis, Santa Catarina. Para eles, o estudo do uso das estratégias de negação na região é importante para investigar as restrições iniciais do processo de variação da negação sentencial, visto serem os dados analisados de uma época em que a região era ainda muito conservadora, de acordo com uma análise preliminar apresentada por eles.

O estudo toma os mesmos dados de um estudo comentado na seção anterior de dois desses autores, Goldnadel & Lima (2011a). No entanto, em Goldnadel et al (2013), o estudo avança nas considerações da pragmática da dupla negação em estágio inicial em PFB. Os linguistas chamam atenção para o fato de que a falta de estudos sobre a negação em alguns estados do Brasil impediria uma visão de conjunto no país sobre o fenômeno da negação sentencial. Isso, por sua vez, impossibilitaria reflexões sobre os mecanismos linguísticos envolvidos no processo de variação e mudança.

Os estudiosos argumentam que a Região Sul seria conservadora no uso da negação sentencial. O estudo faz um levantamento do uso de negações nas capitais dos estados que formam a Região Sul, em que foi observado um uso muito reduzido de uso de dupla negação e nenhum uso de negação pós-verbal. A capital com maior frequência da negação dupla foi Florianópolis, que apresentou uma variação de 4,4% de acordo com os dados investigados pelos linguistas.

Tabela 3: Formas de negação sentencial nas capitais da Região Sul do Brasil em Goldnadel et al (2013)

	NEG1	NEG2	NEG3	TOTAL
Porto Alegre	1402 / 99,4%	8 / 0,6%	0	1410
Curitiba	1371 / 97,4%	37 / 2,6%	0	1408
Florianópolis	1018 / 95,6%	47 / 4,4%	0	1065

Os dados apresentados pelos pesquisadores indicam índices baixíssimos de uso de dupla negação e nenhum dado de negação pós-verbal; em contrapartida, o uso de negação canônica é elevadíssimo. Para a investigação do que seriam as restrições originárias da dupla

negação, os linguistas fazem uma breve revisão da literatura especializada sobre as negativas no PFB com intuito de demonstrar a limitação de muitos estudos quanto ao caráter pragmático do momento inicial da variação. Eles apontam que muitos estudos não se preocupam em estudar fatores linguísticos envolvidos na variação e que alguns tomam fatores linguísticos não avançam muito nesse aspecto. Para eles, o estudo que progride neste aspecto é o de Schwenter, já visto acima. Assim, assumindo que o status discursivo cumpre um papel importante na restrição de uso da dupla negação, os autores montam um pacote de variáveis linguísticas para investigar o fenômeno. Após discutirem o que é ativação discursiva, apresentam suas variáveis. Subsequentemente, passam para a discussão dos resultados verificados após submissão ao programa estatístico Varbrul.

No processamento dos dados pelo programa, foram selecionadas como favorecedoras do fenômeno, na seguinte ordem de importância, as variáveis: *status informacional do conteúdo negado, tipo de oração, escolaridade e tipo de enunciado*. Para a última variável, eles indicam que os dados revelaram que há um favorecimento à dupla negação nos contextos de resposta, característicos em que o conteúdo está ativado na pergunta. Para a escolaridade, os linguistas informam que houve um maior percentual de uso de Neg2 por falantes que tinham até o primário, 6,6% com 24 aplicações das 47. Quanto à variável tipo de oração, os dados indicam que o ambiente de oração principal como favorecedor. Das 47 aplicações de Neg2, 38 foram em oração principal ou absoluta. Atenção especial é dada para a variável *status discursivo do conteúdo negado*.

Tabela 4: Resultado do levantamento estatístico para a variável *status informacional do conteúdo negado*, em Goldnadel et al (2013)

Status informacional do conteúdo negado	Aplicação (NEG2)	Percentual	Peso relativo
Não ativado no discurso	5/468	1,1%	0.21
Ativado no discurso de forma literal ou inferencial na mesma sentença ou em frase anterior	34/362	9,4%	0.78
Ativado no discurso de forma literal ou inferencial em frase não anterior	8/207	3.9%	0.64

Os linguistas consideram que o resultado para essa variável é incisivo. Ainda segundo eles, o status discursivo favorece claramente a utilização da dupla negação. Notam também que haveria uma influência da proximidade do enunciado ativador: quanto mais próximo maior o favorecimento. Isso pode ser observado na tabela, são 34 aplicações de dupla negação com conteúdo ativo de forma literal ou inferencial na mesma sentença ou em frase anterior. Os resultados obtidos para essa variável indicariam, segundo eles, que Schwenter estaria correto em afirmar que o que diferencia as estratégias inovadoras é que elas negam conteúdo ativado discursivamente.

A partir dos dados, eles observam igualmente utilização de Neg2 para negar conteúdo não ativado. Para eles, poderia haver duas explicações. Uma delas seria considerar usos associados com outras funções pragmáticas, como associados à ênfase. Nesse caso não veiculariam conteúdos ativados. Seriam exemplos:

(21) F: Meus irmãos, não. Meus irmãos eram bem calmos, estudiosos, filhos exemplares, né? Meio bobões, pra mim, muito calmos pro meu gosto. Agora, eu e a minha irmã... Muito, muito calmos. Nunca fizeram nada, não faziam arte nenhuma. Tinham muito medo do meu pai, né? Porque eram homens, daí podiam entrar na... podiam apanhar, podiam tudo, né? E mulher, né, o negocio era mais... O meu pai dava mais atenção, o meu avô. O resto não, o homem entrava no pau mesmo. Não tinha essa estória, não. É, o meu avô tinha, não era relho, como é que se diz aquelas varas, mas não é vara de marmelo. Aquelas varinhas aí, como é que falam?

E: Chicote.

F: Não é chicote. Chicote é demais, né? Ô, o pessoal também não é assim, não era tão indomável, né? É, aquelas varinhas de galho de árvore mesmo, bem fininha. Tinha, tinha. Mas mulher nunca entrava, nunca apanhava. O negócio era homem. Homem entrava mesmo. Não tinha essa estória não.

Casos como no exemplo (21), seriam possíveis, pois se configurariam como negação enfática. Mas esses são dois casos dos cinco encontrados como veiculadores de conteúdo não ativado. Os outros três são apontados como um problema maior a hipótese de Schwenter, pois não seriam usos enfáticos, e por isso deveriam seguir a orientação de negar apenas conteúdo

ativado. Contudo, os autores parecem rever esta classificação, e consideram que os conteúdos estavam ativados de alguma forma. Assumem que essa interpretação errônea pode ter-se dado devido a problema na definição dos parâmetros dados a todos da equipe para que os dados fossem codificados.

Eles apontam ainda que a existência de negação dupla enfática poderia indicar uma outra alternativa de explicação. Nesse ponto, concordam com Awera (2009) e Hoeksema(2009), para os quais o primeiro estágio de variação da negação sentencial seria o de uso enfático. Um segundo estágio seria aquele em que apenas poderia ser negado conteúdo ativado, pois o novo contorno entonacional de enunciados com dupla negação indicaria que o conteúdo negado estaria em função tópica.

2.3 Considerações Finais do Capítulo

Neste capítulo, procurou-se abordar alguns estudos sobre o fenômeno da negação sentencial no português brasileiro. Na primeira subseção, foram apresentados trabalhos de estudiosos brasileiros que, através da análise de dados estatísticos, descreveram as estratégias de negação utilizadas no português brasileiro falado nas regiões Nordeste e Sudeste. Esses estudos demonstram a existência de estratégias alternativas de negação sentencial no português brasileiro.

Na segunda subseção, foram apresentados trabalhos de estudiosos que procuraram explicações linguísticas para o fenômeno da negação sentencial. Com essa seção, objetivou-se evidenciar quais as hipóteses encontradas em diferentes autores para as funções exercidas pelas negações inovadoras, assim como, qual seria a motivação de seus surgimentos.

3 CARACTERIZAÇÃO PRAGMÁTICA DA DUPLA NEGAÇÃO

A investigação do fenômeno da negação, e conseqüentemente da dupla negação, em português falado brasileiro tem sido motivo de muitos estudos, que contam com pesquisadores brasileiros e estrangeiros, conforme o que foi apresentado nos capítulos anteriores. O fenômeno de variação entre três estratégias de negação presente no Brasil chama atenção por algumas peculiaridades, já mencionadas nos capítulos anteriores, mas que retomo aqui por motivo de clareza. São elas: aceitar o uso concomitante das três estratégias de negação (canônica – *eu não empresto*; dupla negação – *eu não empresto não*; pós-verbal-*empresto não*), apresentar uma repetição do advérbio de negação canônico, no caso do português brasileiro o advérbio *não*, nas formas inovadoras, apresentar usos enfáticos e não enfáticos da dupla negação.

O autor que parece ter avançado de forma mais evidente na descrição de características pragmáticas dessas estratégias é Schwenter (2005 e 2007). Há evidências de que a hipótese de que a utilização das estratégias não canônicas em PFB esteja relacionada à ativação discursiva do conteúdo negado, proposta por Schwenter (2005 e 2007), estaria correta no caso da dupla negação em estágio inicial de variação (Goldnadel & Lima, 2011a; e Goldnadel et al, 2013). Ainda assim, em Goldnadel et al (2013), os autores indicam que alguns dados podem não ser explicados completamente apenas com a hipótese de ativação. De forma muito incipiente esboçam uma tentativa de explicação levando em conta o status discursivo, mas sugerindo que a dupla negação estaria ligada à estratégia de manutenção de tópico.

Neste capítulo pretende-se problematizar a hipótese de Schwenter e oferecer uma alternativa descritiva mais adequada. A descrição alternativa foi baseada na análise de dados do português falado na região Sul, a partir de dados coletados no falar das capitais dessa região: Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre⁴⁷. Para tanto, o capítulo será dividido em três seções. A primeira tratará de reapresentar a hipótese de Schwenter (2005 e 2007). Nela também serão apresentados dados do banco VARSUL que parecem adequar-se à hipótese do estudioso, assim como dados que não se adequam à hipótese. Na segunda seção, alguns

⁴⁷ As entrevistas sociolinguísticas analisadas fazem parte do banco de dados do Projeto de Variação Linguística da Região Sul (VARSUL).

conceitos importantes sobre estrutura informacional serão expostos, com a finalidade de fundamentar a apresentação da hipótese alternativa que será feita na terceira seção. Assim, na terceira seção, será apresentada a nova hipótese descritiva do fenômeno de dupla negação no estágio inicial, a partir da observação os dados da Região Sul.

3.1 Problematização da hipótese de Schwenter

Schwenter (2005,2007) argumenta que as diferenças entre as três estratégias de negação no português brasileiro estão no status discursivo do conteúdo negado. O linguista considera que a negação canônica pode ser utilizada para negar conteúdo proposicional não ativado, ativado de forma literal ou ativado por inferência. A dupla negação apenas seria aceita com conteúdo proposicional ativado literalmente ou inferencialmente. A negação pós-verbal apenas poderia ser utilizada para a negação de conteúdo ativado literalmente. As negações não canônicas estariam limitadas, portanto, a marcar conteúdo ativado discursivamente.

Vale lembrar que, na perspectiva de Schwenter, um conteúdo é ativado se está expresso literalmente ou se o conteúdo pode ser inferível a partir de segmento do discurso próximo do enunciado em análise. Não há no autor, contudo, nenhuma proposta mais precisa para determinar a proximidade necessária para que o conteúdo de um trecho seja considerado ativado.

Uma quantidade significativa de exemplos de fala coletados nas entrevistas sociolinguísticas do projeto Varsul parecem indicar que autor está correto em sua afirmação. Os exemplos (1), (2), (3) e (4), a seguir, apresentam usos em que o conteúdo da dupla negação está ativado, conforme a previsão de Schwenter⁴⁸.

A dupla negação em (1) apresenta conteúdo proposicional negado ativado literalmente na sentença anterior.

⁴⁸ Os enunciados com dupla negação estão em negrito e os enunciados que mostram o conteúdo da dupla negação sendo ativado estão sublinhados.

- (1) F: **É**, stress, né? Que estavam falando. Dá esse negócio e a pessoa sai, pega ônibus lotado, né? Já sai preocupada, né? Com a família em casa. Às vezes, tem dia que tem as coisas em casa, tem dia que não tem ou sai preocupada com tudo aquilo, né? Você vê, quanta preocupação de uma mãe, de um pai, de uma família, né? Tanta coisa que tem. Por isso que todo esse pessoal está doente e acaba morrendo. Por quê? Tudo por causa disso, né?
- E: Gente com derrame e morre do coração, né? E tudo doença nervosa. A gente que é moça, pegar ônibus lotado de manhã já é um sufoco, né?
- F: E eu já pego. Ai! Ai! Ai! Quase morro! De manhã cedo já vou espremida.
- E: **É**, acaba o humor de qualquer um mesmo, né? E ainda pensando nas crianças em casa, não é fácil.
- F: **É, não é fácil não.** (PR CTB 08)

Em (1), o conteúdo proposicional expresso na negação simples proferida pelo entrevistador para demonstrar o que pensa sobre andar em um ônibus lotado – que não é fácil – está literalmente ativado no momento em que o falante repete o conteúdo no uso da dupla negação. Para Schwenter, Neg2 é possível pelo fato de o conteúdo proposicional estar ativado (neste caso, literalmente) pela fala do entrevistador.

No enunciado em (2), observa-se mais um caso em que a dupla negação é utilizada para negar uma proposição que foi ativada de modo literal. Neste caso, no entanto, o conteúdo ativado encontra-se mais afastado.

- (2) E: Tem problema de assalto?
- F: Ah, isso tem em tudo que é lugar, né? Aqui é – Não sei, às vezes a minha filha que estuda de noite vem – Sai vinte pras onze, ou dez e meia ela sai lá do colégio. Sobe às vezes onze horas aí. Que às vezes a Jane fica – a minha esposa se perde pra encontrar elas e elas saem mais cedo do colégio, entendeu? Então ela não gosta de ficar esperando na parada, ela pega e vem sozinha, né? Não gosta de ficar parada. **Não sei, até agora não tem problema nenhum não.**
- E: **É** bem diferente de lá onde eu moro (risos)
- F: **É?**
- E: Bom, também, aqui o pessoal deve conhecer, também-(**RS POA 11**)

Em (2), o conteúdo é ativado pela pergunta do entrevistador ao falante. Este, por sua vez, começa com um enunciado mais genérico sobre o problema de assalto e continua elaborando sobre o assunto, até chegar a uma resposta mais específica para o que lhe foi perguntado. Nessa resposta, repete o conteúdo ativado literalmente na pergunta sob a forma de dupla negação.

Em (3), diferentemente de (1) e (2), o conteúdo da dupla negação está ativado de forma inferencial, ou seja, a partir de um conteúdo ativado *x*, o falante infere *y* e nega *y* com uma dupla negação.

(3) F: (...) A única coisa que faz a minha cabeça mesmo é a minha família. Essa aí faz a minha cabeça, né? Meus filhos. A minha esposa, esses aí, sim.

E: E sete.

F: É. Esses aí fazem, é.

E: Vivia com um lá na minha casa e já ficava louca!

F: Já é difícil, né? Minha filha mais velha agora está pra casar agora em setembro do ano que vem, ela vai casar, né? Então já planejaram, já marcaram tudo. Aí sempre diz: “Olha, no mínimo um caszinho, né?” Mais do que dois nós não aconselhamos a ter porque é bah! **Não é fácil não**. Do jeito que está o negócio, não. Carne e café preto então – (riso geral)

I: Essa aí eu sei que gosta de café preto. Tu eu não sei.

E: Só as visitas que ganham café aqui. (RS POA 11)

Em (3), a dupla negação *Não é fácil não* nega o conteúdo proposicional inferido do enunciado *Já é difícil, né?*, utilizado pelo falante no início do seu turno⁴⁹. Nesse caso trata-se da negação de uma inferência semântica. Como fácil e difícil são antônimos contrários, ao dizer que não é fácil, o falante está confirmando o conteúdo ativado por *é difícil*.

Como observado pelo estudioso, diferentemente da dupla negação, a negação simples poderia veicular conteúdo proposicional não ativado no discurso, como no exemplo abaixo.

⁴⁹ Este, por sua vez, é ligado ao enunciado (também sublinhado no exemplo) em que a entrevistadora fala da dificuldade de criar um filho. O enunciado seguinte, do falante, é uma forma de concordar com a entrevistadora.

- (4) F: Até que chegou um dia que eu ganhei uma sombrinha linda. A sombrinha era maravilhosa, a coisa mais linda. Aí, (ruído) queria porque queria ir com a sombrinha pro colégio, né? **e a mãe não deixou porque era muito bonita e a mãe já sabia, né?** (SC FLP 01)

Em (4), o falante utilizou a estratégia canônica de negação. De acordo com a teoria de Schwenter, em casos como esse, a utilização de dupla negação não é possível, visto que o conteúdo proposicional negado não está ativado.

Os exemplos apresentados parecem indicar que Schwenter está correto ao definir como elemento distintivo entre Neg1 e Neg2 o fato da primeira ser capaz de negar conteúdo não ativado e a segunda apenas conteúdo ativado discursivamente.

Até o momento, foram vistos exemplos do corpus analisado que parecem ratificar a hipótese de Schwenter, pois o conteúdo negado está ativado (em maior ou menor grau). Entretanto, há casos em que o conteúdo está ativado e, mesmo assim, o uso de dupla negação, ainda hoje, não é sentido como natural⁵⁰ por falantes residentes na cidade de Porto Alegre. O caso apresentado em (5), ilustra esse ponto. Nessa passagem, a falante está contando como foi o início do seu relacionamento com o atual marido. Interessante notar que a falante informa que a rapidez com que casou levou uma vizinha a contar uma mentira a seu respeito, a de que estava grávida. No entanto, o filho divulgado pela vizinha nunca nasceu.

- (5) F:daí eu dei a cerveja, daí ele começou a conversar daí dei conversa pra ele.
 Resultado: daqui nove meses nós estávamos casando.
 E: Nove meses, é?
 F: No dia que fez nove meses e três dias que nós nos conhecemos nós estávamos casando.
 E: E o noivado?
 F: Até tinha uma vizinha minha que depois ela pegou e disse, quando eu disse que eu ia casar, né? Ela disse:"Ah!" Espalhou por aí. "A *Fulana* está casando grávida, que eu não sei o quê, porque está fazendo nove meses já estão casando não sei o quê, está grávida." Acontece que até hoje o meu filho não nasceu, né ?

⁵⁰ Aqui o sentido de natural, quer dizer, sentido como uma produção da região. Ou seja, como marca de nordestinismo poderia ser aceita.

E: *Não nasceu até hoje este filho, é?* Tem mistério aí. E o noivado com o outro, como é que terminou, Maria?

F: Por ciúmes meus. (RS POA 13)

O trecho em (5) é uma passagem inalterada de uma entrevista do Projeto VARSUL. Nesse trecho, o conteúdo da frase em itálico já se encontra ativado pelo enunciado imediatamente precedente (sublinhado). Sendo assim, de acordo a hipótese de Schwenter, esse enunciado deveria ser considerado aceitável se se manifestasse sob a forma de uma dupla negação. Entretanto, em um teste informal de aceitabilidade, informantes nascidos e residentes no Rio Grande do Sul consideraram a construção não canônica, neste mesmo contexto, com não natural.

Mais um exemplo do mesmo tipo, retirado do corpus do VARSUL, é apresentado em (6).

(6) E: Onde é que você trabalha?

F: Trabalho na Champs de Bleu.

E: Que é que é isso?

F: É confeitaria.

E: Oh! Que chique! Tu és confeitadeira?

F: Não, auxiliar de confeitadeira. Por enquanto, né? Tenho esperança de chegar lá em cima ainda.

E: Uma hora você chega lá. Mas deve ter uma mão boa. Deve ter uma mão boa.

F: Eu não tenho não.

E: Mas aprende. É humilde, né? Não reconhece. E o que é que fazem lá de gostoso?

F: Ih! A gente faz tanta coisa. *Eu ainda não aprendi*. Que faz poucos dias que eu estou lá ainda, né? Não faz muito tempo. Então não aprendi tudo ainda, né?

Em (6), o enunciado sublinhado permite inferir que a falante ainda não aprendeu a confeitaria. Entretanto, o primeiro enunciado negativo subsequente no diálogo é realizado como uma negação simples pré-verbal. Aqui, mais uma vez, falantes do Rio Grande do Sul foram consultados e consideraram que a alteração do enunciado para a forma de dupla negação não soa natural.

Esses dois exemplos evidenciam que pode haver algo além da ativação envolvido na explicação da função associada ao uso da dupla negação. Embora grande parte dos dados evidencie que, como a prevê a hipótese de Schwenter, a ativação está, de algum modo, envolvida nos usos de dupla negação, os casos em que a ativação não é suficiente para licenciar usos de negação não canônica indicam a necessidade de avançar no sentido de refinar a hipótese para o surgimento desse fenômeno.

Outros dois exemplos, apresentados a seguir em (7), também são contrários à hipótese de Schwenter, mas por um motivo diferente.

(7) F: E a gente se vestia, se pintava, usava roupa das chacetes, ia pro meio do mato fazer espetáculo.

E: No mato?

F: É, tudo mato. É brincadeira de... Vou ter que confessar, né? **Mas não continuo indo lá, não.** Ah, era bem divertido. Ah, é, tinha a brincadeira, das chacetes, a gente dançava... O meu pai adorava, achava lindo! **Minha mãe às vezes não gostava muito, não,** mas o meu pai achava lindo, maravilhoso. (SC FLP 01)

Em (7), no primeiro uso de dupla negação, o conteúdo da proposição negada não parece estar ativado. A entrevistada está falando de brincadeiras da infância e de onde elas aconteciam. Essa exposição não parece ativar que ela continua indo ao mato a que costumava ir quando criança. Mesmo a proposição *continua indo ao mato* não estando ativada, há o uso de dupla negação. Esse uso contraria a hipótese de ativação. O segundo uso está dentro de uma estrutura de tópico contrastivo⁵¹. Nesse caso, o segundo elemento no contraste, o *pai*, já estava ativado, assim como já estava ativado que o pai gostava da brincadeira de chacrete da filha. O primeiro elemento, a *mãe*, e o que ela pensava da brincadeira não estava ativado. Mesmo não estando ativado o conteúdo, é utilizada uma dupla negação.

Nos exemplos apresentados nesta seção, observa-se que ativação, embora esteja, de alguma forma, envolvida nos usos de dupla negação, parece não ser o único elemento a ser

⁵¹ É importante destacar que o enunciado com dupla negação pode ser considerado como uma estrutura de tópico contrastivo. Além desse exemplo há outro exemplo no corpus analisado em que Neg2 acontece com o mesmo tipo de estrutura. Mais adiante, esses dados serão considerados a partir de uma hipótese alternativa à de Schwenter.

considerado na explicação da função pragmática de enunciados de negação não canônica. Casos como os apontados com os exemplos (5), (6) e (7) indicam que a hipótese tem um valor explicativo restrito. Em (5) e (6), embora os conteúdos estejam ativados no discurso, o uso de dupla negação não parece ser aceitável por falantes da cidade de Porto Alegre, localidade que parece ser ainda bastante conservadora em relação aos usos não canônicos de negação sentencial. Em (7), os dois usos de Neg2 não apresentam conteúdo ativado. Cabe ressaltar que, em Goldnadel et al (2013), estudo que submeteu dados da Região Sul do Brasil a um tratamento estatístico, a variável ativação foi selecionada como a variável linguística mais importante na variação da negação na Região Sul do Brasil. Esse estudo também indicou que havia dados não explicados pela hipótese de ativação. Porém, não se pode negar que há um número expressivo de exemplos no corpus analisado em que o conteúdo está ativado. É bem possível que, em algum sentido, a ativação seja condição necessária, mas não suficiente para licenciar o uso de dupla negação no início do processo de variação.

3.2 Reformulação da hipótese de Schwenter

3.2.1 Conceitos preliminares

Vimos, na seção anterior, que a hipótese de ativação não possibilita a explicação da restrição (redução de aceitabilidade) de usos de dupla negação em contextos em que a proposição negada está ativada. Também não explica casos em que a informação não parece estar ativada, e mesmo assim, a estratégia de dupla negação é utilizada por falantes da Região Sul, retratada como em início do processo de variação. Tendo isso em vista, esta seção procura identificar o que caracterizaria o uso de dupla negação, pelo menos no estágio inicial de variação, encontrado no corpus analisado, constituído de entrevistas sociolinguísticas das três capitais da Região Sul (Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre), pertencentes ao acervo do Projeto Varsul, feitas no início da década de 90.

Em Goldnadel et al (2013), os autores já apontavam que o fato de o conteúdo de um enunciado ser tópico poderia estar envolvido na explicação para o surgimento de enunciados com dupla negação. Isso, de certa forma, explicaria o fato de a ativação estar fortemente relacionada ao uso de dupla negação. Neste capítulo, procura-se investigar em que medida o

caráter tópico de um conteúdo ativado pode estar relacionado a usos de negação não canônica. Para tanto, alguns conceitos de estrutura informacional de enunciados serão apresentados.

O primeiro conceito a ser tratado é o de tópico. A definição de tópico tem sido motivo de muitos estudos sob diferentes perspectivas e com escopos diferentes. Sem a intenção de fazer uma relação exaustiva, poder-se-ia dizer que há o tópico da sentença e o tópico discurso. Cada um deles tem escopo diferente. O primeiro é mais restrito, comumente sendo a posição de sujeito em uma sentença. Por exemplo, na sentença *Maria comeu o bolo*, poder-se-ia dizer que *Maria* é o tópico, que a sentença é sobre *Maria*. Contudo, o bolo poderia ser o tópico. Por exemplo, se um falante A quisesse saber quem comeu o pedaço de bolo que estava guardando para comer mais tarde. Uma resposta como *Maria comeu o bolo* teria como tópico o bolo, pois uma informação sobre o bolo é que teria sido dada. Nesse sentido, Lambrecht (1994) parece estar correto ao afirmar que tópico não é necessariamente o elemento que vem primeiro na sentença, ou seja, não é necessariamente o sujeito. Ainda segundo Lambrecht (1994), o tópico pode ser uma expressão que funciona como cenário, ou como elemento espacial, temporal ou individual de determinada predicação. Ao tópico está relacionada uma noção de “aboutness”⁵², uma relação de ser sobre o que se fala.

O tópico discursivo pode coincidir com o tópico da sentença, mas seu escopo é maior. O tópico do discurso é sobre o que se fala em um determinado ponto discurso. No entanto, é mais complexo. Segundo Kuppevelt (1994), a noção de tópico discursivo também pode ser caracterizado a partir da ideia de “aboutness”, mas, neste caso, envolvendo um conjunto de enunciados. Nessa perspectiva, uma unidade discursiva teria a propriedade de ser sobre um conjunto selecionado de entidades (pessoas, objetos, lugares, tempos, razões, consequências, ações, eventos, etc). Esse conjunto do qual o discurso trata seria o tópico discursivo (cf. Kuppevelt, 1994). O autor reconhece como um critério de identificação do tópico discursivo o fato de estar sujeito a um questionamento explícito ou implícito induzido pelo contexto através de uma suposição que funciona como *feeder*. Quando a(s) questão(ões) é/são respondida(s) satisfatoriamente, o tópico pode ser dado como terminado. Observe o exemplo abaixo.

⁵² A definição de tópico como uma relação de aboutness não é algo novo. Segundo Lambrecht, muitos outros estudiosos adotam esta posição: Kuno (1972), Gundel(1976), Chomsky (1977), Dik (1978), Reinhart (1982).

(8) F A: Eu consegui vender meu carro.

Q1 B: Pra quem?

A1 A: Para um vizinho.

Q2 B: Que vizinho?

A2 A: O Antônio da casa verde.

B: Ah...Que legal.

No diálogo acima, A conta que conseguiu vender o carro. Esse enunciado, na perspectiva de Kuppevelt, funciona como *feeder*. É a partir dessa informação que surge o questionamento Q1 que instancia um tópico, o carro foi comprado por alguém de A e a resposta A1 é o comentário sobre o tópico. Como a resposta A1 não parece ser satisfatória para B identificar quem comprou o carro, B faz um novo questionamento, tentando deixar mais específica a resposta a ser dada por A. A resposta A2 satisfaz a identificação de quem comprou o carro. Neste caso, as perguntas, são explícitas, mas, em uma conversa, estas questões podem ser implícitas, ou seja, A poderia imaginar que B precisasse dessas informações. Isso é exemplificado em (9).

(9) A: Eu consegui vender meu carro *pra um vizinho*₁. *O Antônio, que mora na casa verde*₂.

B: Ah...Que legal.

No diálogo em (9), a parte do primeiro enunciado em itálico com o número um subscrito identifica o que seria a resposta ao questionamento implícito Q1 (pra quem vendeu o carro?). O segundo enunciado seria a resposta ao questionamento implícito Q2 (que vizinho comprou o carro?). As respostas são comentário sobre o tópico venda do carro.

Para Kuppevelt, o tópico discursivo pode ser subdividido em subtópicos, que constituem um tópico maior. Assim, o tópico discursivo seria constituído por um conjunto de subtópicos associados a um mesmo *feeder*. Este trabalho, contudo, não se compromete totalmente com o proposto por Kuppevelt. O tópico discursivo pode ser elaborado por uma série de proposições não tópicas, ou não subtópicas. Assim poderia haver em um discurso sentenças que estão em função da elaboração de tópico sem que apresentem a função de tópico.

Ainda neste trabalho, entende-se que em um discurso, um tópico pode ser interrompido provisoriamente e retomado subsequentemente. A esse tipo de situação estão relacionadas determinadas escolhas formais, que levam em consideração a identificabilidade dos referentes de constituintes e de conteúdos proposicionais já expressos no discurso. Um conteúdo pode ser identificável ou não identificável. Um conteúdo não identificável é, segundo Lambrecht (1994), aquele que, cognitivamente, não é conhecido e do qual o falante não pode ter consciência no momento do discurso. Um conteúdo identificável é aquele que pode ser acessado, de alguma forma, pelo interlocutor no curso de uma troca conversacional. Os conteúdos identificáveis podem estar inativos ou ativos. Os conteúdos ativos são de dois tipos acessíveis ou ativados.

Um conteúdo inativo é aquele conhecido, mas que não figurou em um dado discurso. O ser humano guarda um número de informações extremamente vasto; contudo, estas informações não estão sempre ativas, elas estão ativas quando participam de alguma forma do intercâmbio linguístico. Por exemplo, em uma conversa sobre futebol, o conteúdo de que o Brasil é um país exportador de café pode estar inativo no discurso. Lambrecht (1994) ressalta que um conteúdo sabido pode permanecer inativo por tempo indeterminado. Pense em algum segredo que dois amigos trocaram na infância. Esse conteúdo pode ter permanecido inativo por toda a vida adulta de um deles. Cabe ressaltar que os dois amigos terem pensado alguma vez sobre o segredo trocado não significa que o seu conteúdo em uma determinada conversa deles esteja ativo.

Um conteúdo ativo no discurso é aquele que se manifestou de algum modo durante a troca conversacional. Os conteúdos ativos podem ser divididos entre conteúdos ativados e acessíveis. Normalmente, a interpretação de um enunciado conta com a consideração de conteúdos ativados e acessíveis. Os conteúdos ativados são aqueles disparados no processo de interpretação do enunciado imediatamente anterior ao enunciado considerado. Os conteúdos acessíveis, por sua vez, são aqueles que foram disparados em algum ponto anterior ao ponto em que foram disparados os conteúdos ativados.

3.2.2 Apresentação de uma nova hipótese

Embora grande parte dos exemplos de enunciados com dupla negação pareça envolver, em alguma medida, a ativação dos conteúdos negados, alguns exemplos apresentados na seção 3.1 demonstraram que essa pode não ser a única restrição associada ao

uso de enunciados com negação dupla. Nesta seção, verifica-se a plausibilidade da hipótese apresentada a seguir.

(10) Hipótese para o surgimento de enunciados com dupla negação

Em seu estágio inicial de uso, a dupla negação cumpre a função de marcar continuidade tópica (manutenção de tópico). Sendo assim, está sujeita a duas restrições:

- a. veicular proposições que expressam conteúdo tópico ativo ou acessível;
- b. ser seguida por porção de texto que mantém o tópico em curso⁵³.

A partir desse ponto, são analisados exemplos, alguns já apresentados anteriormente, de acordo com a nova hipótese. Os exemplos⁵⁴ (11), (12) e (13) são casos de **manutenção de tópico discursivo**. A manutenção de tópico pode ocorrer no início, no meio e no final de turno. Em (11), é apresentado um caso de manutenção de tópico em início de turno.

(11) E: E o senhor acha bom o progresso?

F: É, fazer o quê? Tem que aceitar, né? Como está indo aí o progresso da cidade, aí. Bom, política não vou pôr no meio, né?

E: Se o senhor quiser falar alguma coisa, reclamar, a gente está aqui...

F: **Não, não vou reclamar nada não** (linha 32), porque o prefeito, esse é um grande prefeito, né? Jaime, aí. Está fazendo muito pela cidade aí. Então está progredindo, né? Eu falei, né? Do colégio, né? Aquele avental e tal, agora é tudo moderno, agora é tudo uniforme e tal, né? Não se usa mais aquele avental branco. (PR CTB 13)

Em (11), o enunciado com dupla negação veicula uma proposição que explicita o tópico estabelecido, ativado no enunciado precedente (a sugestão da entrevistadora). Na resposta de F à entrevistadora, essa explicitação atua, portanto, como um recurso de continuação tópica, mais especificamente, como estratégia de manutenção tópica. A continuidade do tópico

⁵³ Aplicável apenas nos casos em que a dupla negação está em início ou meio de turno.

⁵⁴ Os enunciados com dupla negação estão em negrito e os enunciados que mostram que o conteúdo da dupla negação é tópico estão sublinhados.

explicitado pode ser verificada nos enunciados subsequentes, em que o entrevistado elabora sobre o tópico estabelecido.

Em (12), é apresentado um caso de manutenção de tópico em meio de turno.

(12) I: Gente ruim não veste ninguém. Que nem eu. Olha, eu nunca briguei com ninguém, nunca. Eu vivo com todo mundo.

F: Não, eu sou assim, sabe? Eu fico brava e já saio na hora. Gostou de mim assim, gostou, não gostou, larga de mão.

I: Não é que ela e briguenta, é que ela é, assim bem-

E: Espontânea.

F: Ai! Coisa de fresco. Isso mesmo. Eu não tenho. Eu entro em qualquer lugar. Se for preciso eu entrar falar com um doutor, eu entro e falo com o doutor. Se for preciso eu entrar numa repartição, sabe? Cada repartição, cada coisa eu sei entrar, eu sei sair, sabe? **Eu não tenho esse negócio de vergonha comigo não.** Se for preciso eu conversar com um mendiguinho, eu converso com aquele mendiguinho do jeito dele, sabe? Converso com ele, me ponho ali no lugar dele, faço tudo do jeitinho que ele gosta, assim de conversar. Se tiver que conversar com uma pessoa mais ou menos, eu converso com aquela pessoa do tipo que aquela pessoa- eu sei que aquela pessoa vai me entender, entendeu? Se for pra mim conversar com aquela gente mais acima um pouquinho do que eu, eu sei entrar e sair direitinho, minha filha, isso eu tenho que ter absoluta certeza, né? Mas a gente tem que ser assim.

I: Tem, tem, (PR CTB 08)

Em (12), o conteúdo relevante para a análise do enunciado com dupla negação começa no enunciado em que a entrevistadora caracteriza a falante como uma pessoa espontânea. A partir desse ponto, a falante passa a abordar a sua capacidade de dialogar nas mais diversas situações sem se sentir constrangida. O enunciado com dupla negação veicula uma proposição que expressa esse conteúdo tópico⁵⁵. Nesse caso, mais uma vez, os enunciados que se seguem ao enunciado com dupla negação permanecem elaborando sobre o tópico em curso.

⁵⁵ Vale lembrar, nesse caso, diferentemente do anterior, tópico não é estabelecido de forma explícita no discurso, mas pode ser inferido do conteúdo dos enunciados expressos pelo falante.

Em (13), é apresentado um exemplo de uso de dupla negação em final de turno com função de manutenção de tópico.

(13) E: As pessoas não têm reclamado, assim...

F: Não, é porque, geralmene, né? Há tempos atrás se dizia: “Não, que se sair daqui tem que ir lá pra São Lucas, no Evangélico, Hospital de Clínicas, né? Hoje não, hoje o pessoal parece que se acomodou, quer dizer, não é que se acomodou, é que a facilidade chegou, né? Então, se você precisa hoje de uma consulta, você vai no Hospital, ali você é atendido, né? Hoje também houve, pelo menos isso, é? Pela parte do INPS não existe mais aquela burocracia que você tem que ter carteira, você tem que estar revlidando, é? Hoje você precisa apresentar apenas o documento, qualquer coisa, você é bem atendido. É pelo menos atendido, não digo bem. INPS, né? É, então isso aí facilitou, porque muita gente pudesse ser atendido em qualquer parte, em qualquer hospital desde que tenha convênio. Então, a gente não tem visto queixas, **não tem ouvido queixa nenhuma não.**

Em (13), o enunciado com dupla negação veicula um conteúdo tópico estabelecido e ativado na pergunta da entrevistadora. O estabelecimento do conteúdo tópico negado na dupla negação começa na fala de E quando pergunta se as pessoas têm reclamado sobre a saúde. O falante F desenvolve ao longo de sua resposta esse tópico, dando exemplos de situações ligadas à saúde. Ao utilizar a dupla negação no final do turno, ela veicula justamente a proposição que expressa o tópico desenvolvido, respondendo de maneira mais direta a questão da entrevistadora. Em (13), mesmo que o enunciado com dupla negação esteja no final do turno, parece funcionar como uma indicação do falante de que seu interlocutor tem liberdade para continuar desenvolvendo o mesmo tópico.

Os exemplos apresentados até esse ponto pretenderam evidenciar que enunciados com dupla negação tem a função de registrar, através da expressão de um conteúdo proposicional tópico, a continuidade tópica. A partir desse ponto, são analisados três tipos de caso. No primeiro grupo, estão enunciados para os quais a análise de Schwenter parece apropriada. No segundo grupo estão casos que, de alguma forma, são problemáticos para a hipótese de Schwenter. No terceiro grupo, estão os casos que ainda desafiam as duas hipótese, revelando a necessidade de aprofunda os estudos sobre o assunto.

Os exemplos de dupla negação em (14), (15), (16) e o de negação simples em (17) foram apresentados como prova de que a ativação era importante na seleção da dupla negação em seção anterior.

No exemplo em (14), o enunciado com dupla negação expressa conteúdo tópico estabelecido e ativado por enunciados precedentes.

- (14) F: É, stress, né? Que estavam falando. Dá esse negócio e a pessoa sai, pega ônibus lotado, né? Já sai preocupada, né? Com a família em casa. Às vezes, tem dia que tem as coisas em casa, tem dia que não tem ou sai preocupada com tudo aquilo, né? Você vê, quanta preocupação de uma mãe, de um pai, de uma família, né? Tanta coisa que tem. Por isso que todo esse pessoal está doente e acaba morrendo. Por quê? Tudo por causa disso, né?
- E: Gente com derrame e morre do coração, né? E tudo doença nervosa. A gente que é moça, pegar ônibus lotado de manhã já é um sufoco, né?
- F: E eu já pego. Ai! Ai! Ai! Quase morro! De manhã cedo já vou espremida.
- E: É, acaba o humor de qualquer um mesmo, né? E ainda pensando nas crianças em casa, não é fácil.
- F: **É, não é fácil não.** (PR CTB 08)

Em (14), a dupla negação pode ser explicada com a hipótese desse trabalho e a de Schwenter. Pela hipótese de Schwenter é explicada pelo fato de a dupla negação expressar uma proposição ativada discursivamente. De acordo com a hipótese desse trabalho, a dupla negação está veiculando um conteúdo que expressa a proposição que explicita o tópico. Esse tópico é estabelecido ao longo de todo trecho, em que se abordam as dificuldades pelas quais passam as pessoas e que dependem de transporte público.

No exemplo em (15), o enunciado com dupla negação nega um conteúdo tópico estabelecido e ativado pela pergunta da entrevistadora.

- (15) E: Tem problema de assalto?

F: Ah, isso tem em tudo que é lugar, né? Aqui é – Não sei, às vezes a minha filha que estuda de noite vem – Sai vinte pras onze, ou dez e meia ela sai lá do colégio. Sobe às vezes onze horas aí. Que às vezes a Jane fica – a minha esposa se perde pra encontrar

elas e elas saem mais cedo do colégio, entendeu? Então ela não gosta de ficar esperando na parada, ela pega e vem sozinha, né? Não gosta de ficar parada. **Não sei, até agora não tem problema nenhum não.**

E: É bem diferente de lá onde eu moro. (RS POA 11)

Em (15), o tópico estabelecido pela entrevistadora em sua pergunta é comentado pelo falante primeiramente de forma mais genérica. Subsequentemente, elabora sobre o problema utilizando um exemplo da volta da escola de sua filha à noite. Ao usar dupla negação, o falante veicula a proposição que explicita o tópico ativado na questão da entrevistadora. O falante usa dupla negação como estratégia de manutenção tópica⁵⁶.

No exemplo em (16), o enunciado com dupla negação veicula uma proposição que expressa o tópico estabelecido e ativado pelo comentário da entrevistadora.

(16) F: (...) A única coisa que faz a minha cabeça mesmo é a minha família. Essa aí faz a minha cabeça, né? Meus filhos. A minha esposa, esses aí, sim.

E: E sete.

F: É. Esses aí fazem, é.

E: Vivia com um lá na minha casa e já ficava louca!

F: Já é difícil, né? Minha filha mais velha agora está pra casar agora em setembro do ano que vem, ela vai casar, né? Então já planejaram, já marcaram tudo. Aí sempre diz: “Olha, no mínimo um casalzinho, né?” Mais do que dois nós não aconselhamos a ter porque é bah! **Não é fácil não.** Do jeito que está o negócio, não. Carne e café preto então – (riso geral)

I: Essa aí eu sei que gosta de café preto. Tu eu não sei.

E: Só as visitas que ganham café aqui. (RS POA 11)

Em (16), o tópico é estabelecido nos enunciados precedentes da entrevistadora e do falante. O estabelecimento do conteúdo tópico veiculado na dupla negação começa na fala de F quando diz que a família são únicos que fazem ele mudar de opinião. Essa afirmação desencadeia o assunto sobre filhos, que desencadeia a ideia de que é difícil cuidar de filhos.

⁵⁶ Parece ser uma característica comum, pelos exemplos encontrados no corpus, que o recurso de manutenção tópica quando utilizada em final de turno também seja uma forma de resumir o tópico, pois viria depois de muita elaboração sobre o tópico.

Ao utilizar a dupla negação, o falante veicula um conteúdo tópico ativado, marca manutenção tópica com disposição a continuar elaborando sobre o assunto. De fato, o falante continua elaborando sobre o tópico, exemplificando que é caro criar um filho pelo preço dos alimentos.

Em (17), o exemplo foi utilizado para demonstrar que se o conteúdo não está ativado, não pode ser veiculado com dupla negação. A partir da perspectiva adotada por Schwenter, o uso de dupla negação não seria possível, porque o conteúdo não está ativado. De acordo com a nova hipótese, o uso de dupla negação não é possível em função de que a proposição expressa no enunciado não explicita o tópico.

(17) F: Até que chegou um dia que eu ganhei uma sombrinha linda. A sombrinha era maravilhosa, a coisa mais linda. Aí, (ruído) queria porque queria ir com a sombrinha pro colégio, né? *e a mãe não deixou porque era muito bonita e a mãe já sabia, né?* (SC FLP 01)

Em (17), o tópico discursivo é o desejo da falante de levar a sombrinha para o colégio, não é a possibilidade de leva-la. O enunciado negativo em destaque utiliza a estratégia de negação simples, pré-verbal, e não poderia ser diferente, no estágio inicial do processo, pois a negação simples pode ser utilizada para veicular conteúdo não tópico.

A reanálise proposta mostra que os exemplos que poderiam ser explicados pela hipótese de Schwenter também podem ser explicados pela hipótese desenvolvida neste trabalho. No entanto, a seguir, são reanalisados enunciados extraídos do corpus que, mesmo expressando conteúdo ativado no discurso, quando convertidos em dupla negação, ainda não são aceitos por falantes da Região Sul⁵⁷.

Em (18), a falante está contando que a rapidez com que casou levou uma vizinha a contar uma mentira a seu respeito, a de que estava grávida. O enunciado em itálico, se transformado em dupla negação, pela hipótese de Schwenter, deveria poder ser aceito. Contudo, quando modificado e submetido à avaliação informal de falantes de Porto Alegre, foi sentido como um uso não natural de dupla negação.

⁵⁷ Os enunciados apresentados são originalmente negações simples, que foram modificados para dupla negação e submetidos à avaliação de falantes de Porto Alegre, RS. Na avaliação, eram questionados se o uso de dupla negação nos contextos apresentados eram sentidos por eles como naturais, como uma produção da Região Sul.

(18) F:daí eu dei a cerveja, daí ele começou a conversar daí dei conversa pra ele.

Resultado: daqui nove meses nós estávamos casando.

E: Nove meses, é?

F: No dia que fez nove meses e três dias que nós nos conhecemos nós estávamos casando.

E: E o noivado?

F: Até tinha uma vizinha minha que depois ela pegou e disse, quando eu disse que eu ia casar, né? Ela disse:"Ah!" Espalhou por aí. "A *Fulana* está casando grávida, que eu não sei o quê, porque está fazendo nove meses já estão casando não sei o quê, está grávida." Acontece que até hoje o meu filho não nasceu, né ?

E: *Não nasceu até hoje este filho, é?* Tem mistério aí. E o noivado com o outro, como é que terminou, Maria?

F: Por ciúmes meus. (RS POA 13)

O enunciado negativo em itálico produzido pela entrevistadora, em (20), está ativado pelo enunciado anterior produzido pela falante. Mesmo assim, esse enunciado se convertido para um caso de dupla negação, não seria aceitável. A explicação, de acordo com a nova hipótese, é a de que, embora estivesse ativado, o conteúdo não é expressão do tópico, que no caso é atitude desrespeitosa da vizinha.

Em (19), o enunciado com negação simples destacado está ativado discursivamente pelo enunciado precedente sublinhado. De acordo com Schwenter este enunciado poderia ter sido uma dupla negação. Contudo a modificação do enunciado com negação simples para dupla, quando submetido à aceitação de falantes de Porto Alegre, não foi sentida como natural.

(19) E: Onde é que você trabalha?

F: Trabalho na Champs de Bleu.

E: Que é que é isso?

F: É confeitaria.

E: Oh! Que chique! Tu és confeitadeira?

F: Não, auxiliar de confeitadeira. Por enquanto, né? Tenho esperança de chegar lá em cima ainda.

E: Uma hora você chega lá. Mas deve ter uma mão boa. Deve ter uma mão boa.

F: Eu não tenho não.

E: Mas aprende. É humilde, né? Não reconhece. E o que é que fazem lá de gostoso?

F: Ih! A gente faz tanta coisa. ***Eu ainda não aprendi***. Que faz poucos dias que eu estou lá ainda, né? Não faz muito tempo. Então não aprendi tudo ainda, né?

Em (19), o enunciado sublinhado permite uma ativação, por inferência, de que a falante ainda não sabia confeitar. Mesmo assim, o enunciado *Eu ainda não aprendi* não poderia ser uma dupla negação, pois não veicula proposição que expressa o tópico. No caso em análise, o tópico estabelecido pela pergunta da entrevistadora gira em torno da apresentação dos pratos feitos na confeitaria em que trabalha a entrevistada.

Os dois casos acima, seriam explicados pela hipótese de continuidade tópica da dupla negação. Como em ambos os casos a negação não veicula conteúdo tópico a dupla negação que tem a propriedade de continuidade tópica não poderia acontecer.

Há também casos que nenhuma das duas hipóteses parece explicar adequadamente. Dois desses casos são apresentados abaixo, no exemplo a seguir. Em (20), os dois enunciados com dupla negação não veiculam o conteúdo tópico, como os outros casos apresentados.

(20) F: E a gente se vestia, se pintava, usava roupa das chacetes, ia pro meio do mato fazer espetáculo.

E: No mato?

F: É, tudo mato. É brincadeira de... Vou ter que confessar, né? **Mas não continuo indo lá, não**. Ah, era bem divertido. Ah, é, tinha a brincadeira, das chacetes, a gente dançava... O meu pai adorava, achava lindo! **Minha mãe às vezes não gostava muito, não**, mas o meu pai achava lindo, maravilhoso. (SC FLP 01)

Em (20), o primeiro uso de dupla negação não apresenta um conteúdo ativado, nem tópico. A entrevistada está falando de brincadeiras da infância e de onde elas aconteciam. O tópico discurso seria, então, brincadeira de infância. O fato de que ela continua indo ao mato a que costumava ir quando criança não está ativado, nem é tópico. Poderia ser um comentário sobre o subtópico onde ocorriam as brincadeiras, mas não o tópico discursivo. Mesmo assim, o enunciado é produzido como uma dupla negação. Esse uso contraria a hipótese de ativação e a

de continuação tópica. Contudo é importante ressaltar que o enunciado em questão é iniciado pela conjunção *mas*, que parece produzir um efeito distinto no uso de dupla negação. A inspeção no corpus de enunciados com dupla negação iniciados com a conjunção *mas* revela que esse efeito de introdução de novo tópico é homogêneo. Tudo indica que essa conjunção, por sua natureza contrastiva, interage com a dupla negação alterando sua função pragmática, que passa a ser a de introdução de novo tópico.

O segundo uso de dupla negação nessa passagem está dentro de uma estrutura de tópico contrastivo⁵⁸. O primeiro elemento, a *mãe*, e o que ela pensava da brincadeira não estavam ativados. O segundo elemento no contraste, o *pai*, assim como o que ele pensava da brincadeira já estavam ativados em enunciado anterior. Mesmo não estando ativado o conteúdo, é utilizada uma dupla negação. Nesse ponto, o tópico em curso é a opinião do pai a respeito da brincadeira mencionada. O enunciado com dupla negação introduz um novo tópico discursivo: a opinião da mãe a respeito da brincadeira. Para a análise desse caso, é importante registrar que o enunciado com dupla negação apresenta um tópico contrastivo. Aqui, mais uma vez, o recurso a uma expressão formal de contraste parece alterar a função pragmática normalmente associada a enunciados com dupla negação. No caso em análise, trata-se, mais uma vez, de introdução de novo tópico discursivo.

Quanto ao tópico, o primeiro tópico dessa passagem é brincadeiras de infância. No turno em que é produzido o enunciado em questão, parece surgir um subtópico, o qual parece ser a opinião dos pais sobre as brincadeiras de chacrete. A dupla negação em estrutura de tópico contrastivo poderia ser vista como um tópico fragmentado (mãe e pai), um subtópico do tópico, ou seja, como uma continuidade do tópico. Por ser uma continuidade do tópico, poderia ser veiculado em dupla negação. Isso pode ser uma característica comum ao fato de ser tópico contrastivo, ou seja, ele está estabelecendo contrastes, e a ideia de contraste é falar um pouco de cada um dos elementos em contraste, e não se estender demais sobre cada um deles.

Estes últimos dois exemplos analisados revelam que é necessário dar continuidade aos estudos da constituição pragmática da dupla negação a fim de compreender melhor a sua relação com outros elementos que exercem também alguma função pragmática nos enunciados. De qualquer forma, os casos analisados ao longo desse capítulo, parecem indicar

⁵⁸ Esse uso também parece necessitar de uma investigação mais apurada.

uma correlação bastante forte entre os usos de dupla negação e a função de continuidade do tópico discursivo.

3. 3 Considerações finais do capítulo

No capítulo anterior, foram apresentadas as ideias de Schwenter, linguista que mais avançou na descrição do fenômeno de dupla negação em português brasileiro. Neste capítulo, foram apresentados alguns exemplos problemáticos para análise de Schwenter. Um primeiro grupo de exemplos consiste nos casos em que um conteúdo, mesmo estando ativado, não pode ser expresso sob a forma de dupla negação. São casos em que, de acordo com a hipótese alternativa apresentada, o enunciado não expressa o tópico discursivo. Um segundo grupo de exemplos consiste nos casos em que a dupla negação interage com recursos formais para o estabelecimento de contraste no discurso. Esses casos são problemáticos tanto para hipótese de Schwenter quanto para hipótese apresentada neste trabalho, indicando a necessidade de dar seguimento à investigação sobre a pragmática da dupla negação.

Para tanto, o capítulo foi dividido em três seções. A primeira tratou de rerepresentar a hipótese de Schwenter (2005 e 2007) e apresentar dados que corroboravam com sua hipótese e dados que não corroboravam. A segunda seção abordou uma série de conceitos importantes para a fundamentação da hipótese alternativa. A terceira seção apresentou uma nova descrição do fenômeno de dupla negação no estágio inicial. A partir da observação dos dados da Região Sul, verificou-se que a veiculação de conteúdo tópico está envolvida na possibilidade de uso de dupla negação, na grande maioria dos casos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O fenômeno do surgimento de negações sentenciais alternativas é comum em muitas línguas. Algumas passaram por uma mudança sintática na posição do operador de negação sentencial, desenvolvendo um novo marcador de negação canônico. Outras desenvolveram estratégias de negação alternativas, sem que houvesse modificação do marcador de negação canônico. Há um consenso quanto à existência do fenômeno, porém, quanto ao que motivaria o surgimento dessas formas alternativas, não existe acordo. Há sim diferentes correntes explicativas, às quais estudiosos se filiam. Neste trabalho foram apresentadas três. Uma das correntes advoga ser o enfraquecimento fonético do operador de negação que motivaria o surgimento de uma forma alternativa de negar. Outra corrente advoga ser a necessidade de estratégias enfáticas de negação que motivaria a introdução de uma forma alternativa. Outra advoga ser a marcação de ativado discursivamente o que motivaria o desenvolvimento de formas alternativas.

As correntes de explicação para o surgimento apresentadas neste trabalho levaram em conta o estudo de falares distintos; contudo, parecem ter em comum o fato de que o dialeto/língua no momento de suas investigações não estavam mais no momento inicial de surgimento da(s) estratégia(s). É isso que se depreende dos estudos que abordam falares de comunidades que apresentam um uso importante de estratégias não canônicas. Outros estudos, no entanto, por não se concentrarem em análises quantitativas, não permitem identificar o estágio em que se encontra o fenômeno da variação das estratégias de negação. A literatura sobre o assunto carece, portanto, de estudos que, com base em dados de áreas em que a variação estudada está em um estágio inicial, procurem identificar as motivações do surgimento de variantes inovadoras de negação sentencial.

Identificando essa carência, já há alguns anos, alguns estudos – Goldnadel & Lima (2011a, 2011b) e Goldnadel et al (2013) – têm sido realizados sobre um corpus de entrevistas realizadas com falantes da Região Sul do Brasil, que, por sua baixa incidência de negações não canônicas, configura-se como uma área ideal para a identificação das possíveis motivações para o surgimento de estratégias alternativas de negação sentencial. Este trabalho dá continuidade a esses estudos, partindo de algumas hipóteses já esboçadas nos trabalhos anteriores realizados sobre dados da Região Sul do Brasil.

No primeiro capítulo, buscou-se descrever o Ciclo de Jespersen, fenômeno de mudança do operador de negação sentencial. Buscou-se também apresentar alguns conceitos fundamentais para o entendimento dos desenvolvimentos teóricos sobre o CJ. Nesse capítulo, foram abordados autores que descrevem o fenômeno de mudança da negação através de perspectivas teóricas diversas, revelando a relevância do fenômeno na literatura linguística e demonstrando que não há um consenso entre os autores sobre o que dá início ao ciclo.

No segundo capítulo, procurou-se mostrar trabalhos sobre o fenômeno de dupla negação no português brasileiro tanto no que diz respeito à descrição quanto no que diz respeito à explicação do fenômeno. No primeiro grupo, encontram-se trabalhos que se dedicam, fundamentalmente, a realizar levantamentos estatísticos que indicam a intensidade do fenômeno da variação da negação sentencial em diversas comunidades de fala. A quantidade desses estudos revela ainda a amplitude geográfica do fenômeno, uma vez que se encontram dados de variação em diversas comunidades das regiões sudeste e nordeste. No segundo grupo, estão os trabalhos que tecem considerações importantes sobre a diferenciação de uso entre as estratégias de negação sentencial encontradas no falares investigados, apontando possíveis motivações para o surgimento de formas inovadoras de negar.

No terceiro capítulo, tentou-se desenvolver uma nova hipótese sobre o que motivaria o surgimento da estratégia alternativa de negação sentencial (representada, inicialmente, pela dupla negação) a partir de dados que apontavam um falar em início do processo de variação. Essa nova hipótese elabora sobre a hipótese de Schwenter, que, mesmo tendo sido considerada a mais adequada para explicar o surgimento da dupla negação, revelou-se insuficiente para lidar com uma parte dos dados. A partir dos dados problemáticos, procurou-se identificar o que seria a função pragmática inicial da dupla negação. A análise indicou que, na maioria dos casos em que ocorre, a dupla negação instancia uma estratégia de continuidade do tópico discursivo.

A explicação encontrada baseia-se em um conjunto ainda restrito de dados. Além disso, a observação de alguns casos revela que a função identificada parece sofrer alguma interferência de recursos formais destinados a estabelecer contraste. Sendo assim, as ideias apresentadas neste trabalho merecem ainda ser aprofundadas. Cabe mencionar, no entanto, que a abordagem proposta, em vez de apontar para efeitos retóricos, como ênfase ou atenuação, ou para elementos conceituais relacionados à estrutura informacional de enunciados, como ativação, procura seguir na direção de uma descrição que busca situar o

recurso formal alternativo da dupla negação no quadro mais geral das funções pragmáticas que pertencem ao campo de estudos da estrutura informacional de enunciados.

REFERÊNCIAS

- AUWERA, J. V. D. 2009. The Jespersen Cycles. In: GELDEREN, E V. Cyclical change. Amsterdam: John Benjamins, p. 35-71.
- BIBERAUER, Theresa. 2009. Jespersen off course? In: GELDEREN, E V. Cyclical change. Amsterdam: John Benjamins, p. 91-130.
- CAMARGOS, M. 2000. A negativa: uma análise qualitativa. Disponível em <http://www.ufop.br/ichs/conifes/anais/LCA/clca03.htm>. Acessado 12 de janeiro de 20012.
- CAVALCANTE, R. 2007. A negação pós-verbal no português brasileiro: análise descritiva e teórica de dialetos rurais de afro-descendentes. 2007. 160f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador.
- CAVALCANTE, R. 2009. 2ª Parte: a gramática do português afro-brasileiro. A negação sentencial. In: LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; RIBEIRO, I., orgs. O português afro-brasileiro. Instituto de Letras, Salvador: EDUFBA, p. 250-267. SciELO Books.
- CHAFE, W. L. 1994. Discourse, Consciousness, and Time. The Flow and Displacement of Conscious Experience in Speaking and Writing. Chicago: Chicago University Press.
- FURTADO DA CUNHA, M. A. 2001. O modelo das motivações competidoras no domínio funcional da negação. DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada, São Paulo, v. 17, no 1, p. 1-30.
- FURTADO DA CUNHA, M. A. 2007. Grammaticalization of the strategies of negation in Brazilian Portuguese. Journal of Pragmatics, Amsterdam, v. 39, p. 1638-53,
- GOLDNADEL, Marcos.; LIMA, Luana Santos de. 2011. Aspectos Pragmáticos da Negação Sentencial. Cadernos do Il. Instituto de Letras da UFRGS, Porto Alegre,.
- GOLDNADEL, Marcos.; LIMA, Luana Santos de. 2011. Estratégias de Negação na Região Sul: Levantamento a Partir de Dados do Projeto VARSUL. Anais do I Seminário Internacional de Língua, Literatura e Processos Culturais. Universidade de Caxias do Sul. Caxias do Sul, 2011.
- GOLDNADEL, M.; LIMA, L.; Breunig, G.; ESQUIVEL, N. A.; LUZ, J. 2013. Estratégias Alternativas de Negação Sentencial na Região Sul do Brasil: Análise da Influência de Fatores

- Pragmáticos a Partir de Dados do Projeto Varsul. *Revista de Estudos Linguísticos*, Belo Horizonte, V.21, n2, p 35-74, jul./dez 2013.
- HOEKSEMA, J. 2009. Jespersen recycled. In: GELDEREN, E V. *Cyclical change*. Amsterdam: John Benjamins, p. 15-34.
- JESPERSEN, O. 2010. Negation in English and other languages. In: JESPERSEN, O. *Selected writings of Otto Jespersen*. New York: Routledge, p. 2-80.
- KUPPEVELT, J. V. 1995. Discourse structure, topicality and questioning. In: *J. Linguistics* 31, 109-147. Cambridge: Cambridge University Press.
- LABOV, William (1972). *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press. [*Padrões Sociolinguísticos*. Trad.: Marcos Bagno; Marta Scherre e Caroline Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.]
- LAMBRECHT, Knud. 1994. Information structure and sentence form: Topic, focus, and the mental representation of discourse referents. In: *Cambridge Studies in Linguistics* 71. Cambridge: Cambridge University Press. 404p.
- RONCARATI, C. N. S. 1996. A negação no português falado. IN: MACEDO, A. T.; In: RONCARATI, C. N. S.; MOLLICA, M. C. M. (orgs.). *Variação e Discurso*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, p. 97-112.
- SCHWEGLER, A. 1991. Predicate negation in contemporary Brazilian Portuguese: a change in progress. *Orbis*, Leuven, v. 34, p. 187-214.
- SCHWENTER, S. A. 2005. The pragmatics of negation in Brazilian Portuguese. *Lingua*, Amsterdam, v. 115, p. 1427-56,
- SCHWENTER, S. A. 2006. Fine-Tuning Jespersen's Cycle. In: Birner, B.; Ward , G. *Drawing the Boundaries of Meaning: Neo-Gricean Studies in Pragmatics and Semantics in Honor of Laurence R. Horn*. Amsterdam: Benjamins, p. 327-344.
- SOARES, V. 2009 A negação no contato entre dialetos. 113f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- SOUSA, L. T. 2007. A gramaticalização do não no português brasileiro e a etapa do processo. *Domínios de Linguagem*, Uberlândia, n° 2, p. 1-16.
- SOUSA, L. T. 2011. Sentential Negation in Brazilian Portuguese: Pragmatics and Syntax. *Universidade de Campinas, JournalLIPP* 1, p. 89-103.

SOUZA, A. S. 2004. As estruturas de negação em uma comunidade rural afro-brasileira: Helvécia-BA. [online]. Disponível em <http://www.vertentes.ufba.br/souza.doc>. Acessado em Maio de 2009.

STALNAKER, Robert C. 1991. Pragmatic presuppositions. In: DAVIS, Stephen (Org.). *Pragmatics: a reader*. Oxford: Oxford University, p. 471-481.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M.. Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística. [trad.] Marcos Bagno. São Paulo: Parábola editorial, 2006 [1975]

ZEIJLSTRA, Hedzer Hugo. 2004. Issues in the study of negation In: *Sentential Negation and Negative Concord*. Amsterdam: Universiteit van Amsterdam, Capítulo 3. p. 37-80